

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RAFAEL MANFRINATTO DE CARVALHO

**REFLEXÕES SOBRE AFETO E
ESCOLA:
das realidades possíveis às
possibilidades reais**

Campinas
2009

RAFAEL MANFRINATTO DE CARVALHO

**REFLEXÕES SOBRE AFETO E
ESCOLA:
das realidades possíveis às
possibilidades reais**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Elaine Prodócimo

Campinas
2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

C253r Carvalho, Rafael Manfrinatto de.
Reflexões sobre afeto e escola: das realidades possíveis às possibilidades reais / Rafael Manfrinatto de Carvalho. - Campinas, SP: [s.n], 2009.

Orientadora: Elaine Prodócimo.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Afetividade. 2. Escola. 3. Educação. 4. Amor. 5. Emoções. I. Prodócimo, Elaine. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III . Título.

asm/fef

RAFAEL MANFRINATTO DE CARVALHO

**REFLEXÕES SOBRE AFETO E ESCOLA:
das realidades possíveis às possibilidades reais**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Rafael Manfrinatto de Carvalho e aprovado pela Comissão julgadora em: 11/12/2009.

Elaine Prodócimo
Orientadora

Adilson Nascimento de Jesus

Carmen Lúcia Soares

Campinas
2009

Dedicatória

A todos os capazes de amar... Todos...

Agradecimentos

Gratidões eternas e sem fim, aqui e para sempre, que apenas se reduziriam se as tentasse expressar em palavras... Coisas que descaberiam mesmo em todas as páginas desse texto, que mesmo sendo muitas, me seriam poucas para agradecer...

Mas agradeço... agradeço imensamente, intensamente e eternamente...

Agradeço aqu'Ele e aqu'Ela que É...

A cada arte e a todo sentimento. Ao tempo, khronos e kairos, por cada instante de vida. E à Terra, como vida em si, pela experiência materna e paterna de lar e aconchego de todos nós.

Agradeço à vida, ela mesma, e tudo o que ela tem e traz em si... E agradeço também à universidade, no senso mais pleno do termo, por me acolher em todos esses momentos, nas muitas experiências vividas... e bem vividas!

Agradeço, enfim, ao Amor... E, em fazê-lo, agradeço a todos os seres e a todas as coisas que carregam em si, infinitivamente, as Suas partículas mais sublimes de amar. Esse indizível e extremamente sensorial Amor, latente em tudo e todos; patente em cada gesto verdadeiramente consciente nessa coexistência em que vivemos...

Agradeço, assim, a todos e todas que partilham dessa succulenta experiência da vida e de viver. Às pessoas... com-viventes aqui, irmãs sempre...

E aqui agradeço imensamente ao pai silêncio e à mãe poesia... E no íntimo desse inexprimível, me reservo a agradecer particularmente a cada uma dessas amadas pessoas, por cada pequena coisa, por cada detalhe quase “sem importância”, por cada singela experiência... por cada encontro, em especial, e sem escrever nem mais uma palavra a esse respeito... Consciente dos meus limites verbais e das frustrações que me causaria tentar expressar, em palavras vãs, tanta coisa boa, tanta energia gostosa, tanta delícia que me fazem sentir e viver...

A todas essas pessoas, minhas gratidões infinitas, eternamente!

Com todo Amor,

Rafa

CARVALHO, Rafael Manfrinatto de. **Reflexões sobre afeto e escola:** das realidades possíveis às possibilidades reais. 2009. 141f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

Mais que importante, o Amor nos é essencial...

Palavras-Chaves: Afetividade; Escola; Educação; Amor; Emoções.

CARVALHO, Rafael Manfrinatto de. **Reflections on school and affection:** from possible realities to real possibilities. 2009. 141f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ABSTRACT

Not just important, for us Love is essential...

Keywords: Affectivity; School; Education; Love; Emotions

SUMÁRIO

1 Apresentação.....	10
2 Introdução.....	16
3 Humano e Afeto.....	24
3.1 Indivíduo e Afeto.....	27
3.2 Espécie e Afeto.....	36
3.3 Sociedade e Afeto.....	43
4 Escola e Afeto.....	72
5 Considerações “Finais”	127
6 Referências.....	140

1 APRESENTAÇÃO

“o amor é importante. porra”

Passeava eu pelas ruas de uma grande cidade daqui, no momento em que notei, em um de seus muitos muros, essas palavras...

E eu, que também sempre achei o Amor importante, me sensibilizei com aquela “calamidade” ao final da frase. Aquela palavra infame era mesmo uma violência, que poderia, a muitos, causar uma idéia antitética de escárnio e ironia, que desvalesse todo aquele seu senso amoroso. Para mim, todavia, aquela violência pareceu extremamente essencial naquele verbete...

Rastreei aquelas palavras à procura de seu autor, a quem gostaria demais de creditar essa máxima lindíssima, mas nos perdemos, temporariamente, no meio daqueles prédios todos...

Eu me lembro de, ainda no primeiro ensaio desse texto, apresentar um pequeno trecho, de esparsas seis páginas, à Elaine – querida amiga e orientadora –, que deveria ser apenas o começo do primeiro sub-capítulo do primeiro capítulo desse trabalho...

Mas, para minha surpresa, o que me disse depois de ler aquele pequeno trecho, foi que, naquelas seis páginas, eu começava, desenvolvia e encerrava já toda a idéia do nosso texto... O trabalho estava termidado.

Eu pouco pensei a respeito, na ocasião. Rearranjei aquelas páginas, segui com a escrita, as laudas se multiplicaram...

Mas hoje, vendo o texto todo, entendo que essas laudas multiplicadas simplesmente insistem incansavelmente na mesma idéia... E assim percebo porque terminei mesmo esse texto já na primeira escrita, ainda que sem intenções conscientes de fazê-lo.

Porque esse trabalho nasceu de uma única idéia: o Amor é importante...

Mais que importante, o Amor nos é essencial...

Assim, chego a pensar que aquelas seis páginas primeiras eram já um exagero meu... Porque tudo o que eu queria expressar em toda a minha escrita, aqui, consegue caber em uma única frase...

E sobre a violência contida nessa epígrafe... Sei que ela pode bem chocar a muitos, especialmente por estar toda concentrada como está, e em uma palavra completamente abolida de nossas formalidades, embora seja presença mais que constante na vida de muitos desses muitos, no dia-a-dia que há além da pompa discursiva de qualquer aparência palestrante, que às vezes se pretende manter...

Mas eu, aqui, partilho dessa violência... e a confesso desde já. Todavia, nesse texto, ela se encontra muito mais diluída, bem mais distribuída nessa multiplicação de laudas, e em palavras que costumamos aceitar com bem menos resistência.

Porque na essência, o que há, aqui, naquele muro e em tantos outros lugares, tantos outros lares, tantos outros olhares – embora às vezes nem tantos – é uma revolta indignada mesmo, forte e intensa, mesclada com uma certa tristeza melancólica e poética, também intensa, de quem percebe essa ausência de Amor em que vivemos...

A sétima arte, fantástica e real como é, me apresentou recentemente um personagem-emblema de toda essa violência, de quem me “empatizei” muito. Um velho poeta, coadjuvante e discreto a ponto de saber se passar pela tela sem quase o percebermos, que faz criações poéticas lindíssimas, mas que não as exhibe a ninguém... como forma de retaliação e represália à humanidade... A justificativa? Em milênios de existência, a humanidade ainda não aprendeu a amar...

O Amor é importante... o afeto é importante... o carinho, a carícia, a carência atendida, a benquerença querida, os desejos de bem... a amizade, a intimidade... a ternura, a sensualidade... a sinestesia... cada uma dessas coisas, que se misturam, confundem e completam-se entre si, é importante...

Eu me lembro do tempo em que morei no extremo oposto do planeta... Depois de alguns meses crescentes e de algumas carências acrescidas, passeava eu por uma grande cidade de lá, quando avistei, a alguns metros de mim, um grupo de jovens, com placas, bandeiras e cartazes dizendo “*Free Hugs*” – que em português, significa “abraços grátis”.

Lembro-me do encontro de olhares, entre o meu e o de uma radiante japonesa, que nos fez imediatamente correremos, um na direção do outro, para que nos abraçássemos... Encontramo-nos no meio do calçamento para aquele longo, gostoso e cativante abraço, que, para mim, teve uma importância mais que especial e que me fez, dali em diante, por aquele dia inteiro, depois de abraçar cada uma daquelas pessoas, pegar um cartaz eu mesmo e ficar por ali, como um dos jovens que distribuíam abraços gratuitamente...

Tive um dia mágico... E depois, com o tempo e algumas pesquisas, passei a entender que se tratava de uma campanha internacional, que rapidamente se espalhava por todo o globo. Pessoas no planeta todo se organizavam para saírem às ruas, com a bandeira da campanha, para distribuírem abraços aos outros. Para se abraçarem...

Havia uma beleza em todo aquele movimento... Afinal... Eram abraços... E o que carrega um abraço? O que cabe em um abraço? O que gera e o que cria e o que faz um abraço? O tato de “corposalmasvidas”... O encosto de corações; o cheiro dos cabelos; o toque das maçãs dos rostos; o escambo de temperatura; a permuta de ares inspirados; o aperto dos braços; o aconchego dos colos; o conforto dos ombros; a calma das bocas dos estômagos; a ternura; a intimidade... O Amor: vivo, expresso e manifesto. O Ser... Humano... esculpido na corporalidade humana...

O abraço é um romance feito gesto. É uma coletânea de possibilidades gostosas à vida, ao alcance das mãos. Um encontro fortíssimo. Uma das coisas mais sábias que podemos fazer em nosso viver. Um dom gratuito de felicidade. Uma atitude de paz. Uma encarnação sinestésica de sutilezas, a incorporação de uma essência libertadora em nós. Uma experiência plena, ética e estética, de Amor...

Mas é precisamente por toda essa beleza, que eu me espantava cada vez mais em acompanhar o crescimento daquela campanha. Porque a humanidade chegava ao ponto de precisar criar todo aquele movimento, fazer todas aquelas divulgações, sair às ruas em massa, erguer cartazes, levantar bandeiras para poder simplesmente se abraçar...

Tanta coisa para “acessibilizar” o que nos há de mais acessível na vida... Tanta coisa para facilitar o que nos há de mais fácil em nosso viver...

E é pelas mesmas razões que me espanta perceber a indústria da auto-ajuda crescendo tanto, como cresce hoje, cada vez mais exponencialmente. Oportunistas valendo-se de toda essa carência mundial, aumentando ainda mais os problemas de todos e deles mesmos. Bares e cinemas sendo fechados para inaugurações de “espaços de Amor”, quando nem neles, em tantas e tantas vezes, acha-se mesmo o Amor, e quando o Amor devesse, na essência, ser presente em todos os espaços de convivência humana, em todos os lugares de criações humanas, também nos cinemas e também nos bares...

Vivemos hoje nessa ausência quase que total de Amor. E nessa ausência, sobrevivemos longe de nossa essência humana. Minguamos a nossa humanidade e as possibilidades que temos nela. Matamo-nos a nós mesmos, uns aos outros e a todos os demais seres vivos que dividem conosco a grata oportunidade de convivermos nesse planeta cheio de belezas... Matamos esse mesmo planeta... Matamos qualquer coisa...

Estamos matando essa que nos serve de lar... a nós e a muitos... porque nos falta consciência e porque nos falta Amor. Estamos matando a mãe Terra... Mas aí, “pseudo-antropoisticamente”, há quem diga que não nos preocupemos... Afinal, a saída é simples: a humanidade se desenvolve tanto em pesquisas, tecnologias e conhecimentos, que logo seremos capazes de habitar outro planeta, satélite ou estrela quaisquer desse sistema solar, em que vivemos... e a humanidade estará salva do desastre terreno...

Mas sem Amor a espécie humana não sobreviverá por muito tempo nem aqui, nem em lugar nenhum do universo. Nós não precisamos nos mudar de “casa”... é o nosso modo de ver, viver e conviver, que precisa mudar... A verdadeira mudança humana não é na “casa de fora”, mas na “casa de dentro”...

A Lua, nossa amada Lua, sensível a todos os amantes atentos, a todos os intensamente apaixonados e a qualquer poeta da Terra, nos foi sempre tremendamente

importante... Ela, em transações gravitacionais e energéticas com a Terra, mexe com os líquidos do mundo, sobe e desce as marés dos mares, tendencia os altos e baixos dos humores humanos...

Assim, a Lua, como a mãe Terra, merece todo nosso Amor e cuidado, até porque, dentre tantas outras coisas, ela nos é fundamental para que equilibremos a nossa existência, mesmo que ainda aqui. Mas, em revés, os humanos, que já brigavam por todas as coisas da Terra, insatisfeitos, começaram a brigar também pelas coisas da Lua... Queriam conquistá-la, serem os primeiros a cravarem-lhe uma bandeira, colonizá-la. Daí, recentemente, na iminência do esgotamento dos recursos na Terra, os humanos começam a procurar por água na Lua, sonhando, quem sabe, poderem habitá-la em breve... Mas para tentar tal descoberta, o que fazem os humanos? A resposta já era bem previsível, mesmo antes de acontecer... Atiram bombas... Lançam mísseis... Atiram-se e lançam-se a possibilidades de vida, com realidades de morte...

Estamos construindo uma segunda casa da mesma maneira como estamos destruindo a primeira...

O Amor é importante... O Amor nos é essencial... E aqui, nesse texto, expresso esse sonho confesso por mais Amor no mundo... Porque sonho com o Humano e com a Humanidade... Sonho com a permanência do humano na Terra... e com a permanência da Terra na sua existência linda e plena de mãe... Sonho com a dignidade de uma vida legítima a todos... Sonho com a paz, com a harmonia e com abraços dados entre todos nós, sem a necessidade de fazermos qualquer campanha para acontecerem...

Assim, esse texto é todo sobre o Amor... E toda a sua idéia essencial pode ser resumida em apenas seis páginas... E mesmo em apenas uma frase...

E não seria exagero dizer que todos aqueles que alcançarem verdadeiramente a essência dessas primeiras palavras, poderiam já, se quisessem, parar as suas leituras por aqui...

Mas fica o convite sincero e desejoso para que continuemos juntos, daqui pra frente, entrando cada vez mais nas reflexões desse texto. Boas vindas! Bom proveito a todos! E... Fiquemos bem à vontade...

E... feitas essas considerações mais pessoais, que assumo todas em minha pessoa, juntamente com coisas como a minha irrepreensível tendência neologista e a minha declarada incapacidade de desvincular a arte de um trabalho acadêmico como esse, que devem ser bastante percebidas nessas laudas que se multiplicam... assumo, a partir daqui, a primeira pessoa do plural em toda a escrita que se segue. Incluindo nesse “nós”, a Elaine, bem querida orientadora, e tantas outras pessoas, presentes de tantas e diversas maneiras, nesse trabalho... que é assim, nosso, tanto no senso daqueles todos presentes, quanto no senso daqueles todos que acharem, aqui, qualquer importância desejável e que quiserem partilhar, de alguma maneira, das idéias que aqui se apresentam...

Saudações de Amor a todos!

2 Introdução

Qual a realidade do afeto na escola?

Quais as possibilidades do afeto na escola?

É a essas duas perguntas que esse texto se dedica...

Queremos com ele – o texto – gerar reflexões sobre tais questões. Pulsarmos, sentirmos e pensarmos, nas direções desse entendimento. Queremos entender mais do afeto nas suas relações com a escola, em todas as conjunções...

Para tanto, porém, queremos entender o afeto em seu contexto complexo; a escola em seu contexto complexo; e as relações entre um e outro, imersas já nas suas complexidades patentes.

Porque acreditamos na complexidade. Assumimos a complexidade como ponto de partida e chegada para qualquer coisa; quaisquer reflexões. Creamos estarmos todos na mesma grande e infinita tecelagem, em seu acontecimento total, pleno de todos os seres vivos, todas as coisas que há, enredando todo o planeta e o que mais houver além – e aquém – dele. E entendemos que essa seja a grande dinâmica sistêmica relacional na qual vivemos, além da qual nada há – nem meios, nem jeitos – para se viver...

E reconhecemos que o nosso espaço, nessa dinâmica de existência, é o espaço da humanidade. Assim reconhecemo-nos humanos. Como espécie, como indivíduos, como sociedade. E é a partir dessa nossa humanidade que olhamos para essas coisas todas, nas reflexões que fazemos nesse texto. É assim que olhamos para essas duas perguntas centrais acerca de afeto e escola; desejosos por mais entendimento a todo esse respeito... a respeito de realidades possíveis e possibilidades reais...

Nesse texto, percebemos o afeto como aspecto humano. A afetividade como essência íntima da gênese humana. O Amor, como potencial mais cheio de possibilidades desejáveis, da nossa humanidade...

E percebemos a escola como fenômeno humano; social, histórico, político e cultural. A escola como criação humana. As escolas como espaços de relações humanas diversas. A escola como instituição social. Como acontecimento histórico. Como intenção política. Como fenômeno cultural. A escola como presença comunitária e mundial de nosso tempo presente. Do presente dessa dinâmica sistêmica relacional, na qual vivemos.

A partir daí, o que queremos é entender mais do afeto nas suas relações com o humano; com nós humanos. Bem como entendermos mais da escola no contexto de nossa humanidade; nas suas relações todas, políticas, históricas, filosóficas e sócio-culturais, com esse todo que somos e compomos, e de que somos feitos e compostos.

Naturalmente, temos consciência da grandeza dessas aspirações, bem como dos limites de alcance do nosso texto, por várias razões. E é por essas várias razões que, nesse texto, não queremos travar nenhuma definição. Queremos “infinir”¹...

E que essas reflexões “infinidas” sejam chave na abertura de novos espaços de diálogo, de encontro e de relações... Que sejam cúmplices de movimentos amplificadores de consciência, em co-criações de conhecimentos pertinentes à busca das coisas todas que buscamos; que, para nós, se resume em uma única busca: a busca de uma vida mais gostosa... a cada qual e a todos nós... Busca que cremos só ser possível – e inevitável – em um com-viver baseado no Amor. Na possibilidade amorosa de nossa essência humana...

Queremos assim compactuar com esse libertar dos conhecimentos, para que voem livres e para que voemos também com eles, abertos para conversações, “aprendências”, revisões e transcendências... para mudanças e transformações de nós mesmos. Porque entendemos que a vida seja movimento. E, dessa maneira, não queremos engessar qualquer conhecimento, nem engessarmo-nos a nós mesmos... Nem queremos encerrar quaisquer dizeres nossos em redomas isolantes, chamá-los de verdade...

Queremos apenas convidar nossas razões, nossa sensibilidade e mesmo nossas pulsões, sem quaisquer distinções, a refletirem... Convidarmo-nos, inteiros que somos, a reflexões... A fletirmo-nos um pouco mais sobre esse ser íntegro e inteiro que somos... Sobre o

¹ Escrevemos “infinir” com significação de ação oposta à de definição... e dizemos que queremos infinir em querermos libertar os conhecimentos e não fixá-los... Em querermos “interminar” as coisas e não determiná-las em si... Em querermos implicar em vez de explicar... incidir ao invés de decidir... empreender muito mais que depreender... É assim que se infine nessa nossa lida e é assim que queremos infinir...

que é o afeto para nós. Sobre o que é a escola para nós. Sobre a realidade que vivemos, nessas relações, e sobre as possibilidades nessas relações, que podemos viver...

E para realizarmos essas reflexões, trazemos idéias que existem em nós, e escolhemos a via das revisões bibliográficas, para as fundamentações do texto. A fim de estabelecermos, aqui, reflexões que nasçam já em diálogo com outras reflexões; reflexões que já nasçam abertas... frutos de co-criações humanas, em movimentos que intentem a confluência e que existam sempre no respeito pela complexidade, pela incerteza e pela imprevisibilidade da vida.

Reflexões que contemplem o fenômeno pleno da existência, nos seus doces mistérios que, não sendo segredos, nos revelam grandes emoções em estarmos aqui, diariamente... No que, não por acaso, chamamos presente... Sempre na possibilidade da descoberta...

Descoberta que, nesse texto, nos parece quase o mesmo que, simplesmente, lembrança... Lembrança de quem somos. E que seja já, também e ainda, uma quase lembrança de quem queremos ser...

E para que nos auxiliem nessas criações, valemo-nos de convites às reflexões de três seres humanos que admiramos muito, que tomaremos como base às fundamentações de nossas reflexões, nesse texto, que escrevemos entre lembranças e descobertas. São eles: Hugo Assmann, Umberto Maturana e Edgar Morin.

De Hugo Assmann, recorremos a “Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança”, livro escrito pelo brasileiro em co-autoria a Jung Mo Sung.

Do chileno Umberto Maturana, recorremos a “Formação humana e capacitação”, livro que escreveu em co-autoria a Sima Nisis de Rezepka.

E do francês Edgar Morin, recorremos a seu livro intitulado “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, escrito nas transições para esse novo milênio, a pedido a UNESCO.

Partimos assim, nesse texto, de idéias existentes em nós, bem como de idéias existentes nesses três autores, mais especificamente nesses três citados trabalhos, principalmente.

E naturalmente também, recorremos a outros seres humanos que também admiramos muito, em outros trabalhos e idéias neles existentes, que pensamos poderem complementar todas essas reflexões que queremos gerar aqui, nesse texto, dentro das suas dadas conformações.

Sabemos que toda a forma escrita carrega na sua grafia a sina de ser apenas recorte. Todavia, esperamos que esse recorte, que fazemos aqui, seja como o recorte de uma holografia: que contenha – nas suas conformações de parte – a semente das amplidões do todo...

É o que desejamos escolhendo afeto e escola como temas desse trabalho. Percebê-los dentro da grande dinâmica sistêmica relacional na qual vivemos, em todas as suas tangências com o humano, nas interfaces que têm entre si e todas as coisas.

Que é o que desejamos partindo dos referenciais dos quais partimos... Porque percebemos que, tanto Maturana, quanto Assmann, como Morin, tangem – cada qual a sua maneira – tanto o afeto quanto a escola. Todos os três tratam do humano e, dentro dele, do afeto. Como, também, todos os três olham para a educação, para idéias de educar para as relações educacionais e, aquém e além delas, para as escolas.

E assim relacionamo-nos com essas idéias... nas semelhanças e nas diferenças, nas aproximações e nos distanciamentos, nas familiarizações e nos estranhamentos. Bastante serenos sobre os pontos em que concordamos e também nos que há discórdia. Primeiramente pelo respeito a que teriam direito, humanamente dizendo, fosse como fosse. Mas também e especialmente, por percebemos nelas – nas idéias – e neles – nos autores –, a presença de uma essência felizmente gêmea às idéias que trazemos em nós...

Trata-se de autores que se dispõem a olharem firmemente para a realidade, e que assim, a partir da complexidade que percebem, tentam entendê-la – cada qual à sua maneira – como ela se nos faz presente hoje, em seus acontecimentos todos cotidianos; bem como nas leituras e nas criações que fazemos dela. Autores que expõem as idéias que neles há, mas que mantêm bastante presente, também, essa idéia de respeito pelo movimento da vida, pela liberdade dos conhecimentos, pela constante incerteza das coisas todas e pelo eterno desenvolvimento da existência em nós.

Autores que, sem abandonarem o que podemos perceber da realidade, ousam – como nós – a sonhar. Que se permitem a devaneios e esperanças – aquelas de uma vida mais

gostosa – e que tentam, assim – por sonharem –, trazer para a consciência idéias, sem as quais, talvez, falhemos nessa linda odisséia humana pela Humanidade... Idéias a partir das quais podemos, enfim, agir em concernência às materializações desses sonhos... Desde que escolhamos sonhá-los juntos, conscientemente...

Entendemos como Morin (2002) que o século XX sofreu muito, e terrivelmente, de carência afetiva e de resultantes tais, como indiferença, dureza e crueldade. E que assim nos trouxemos a um estado de subconsciência, em que, atordoados, zanzamos pela vida em giros zonzos que nada nos trazem de essencial... Esse estado preso em rodeios que nada nos trazem da essência em que nossos círculos tornariam-se espirais... E assim restamos nessa espécie de agonia instaurada, que gera a sobrevivência quase morta em que muitos humanos passiva e doridamente apenas agonizam...

E entendemos como Assmann (2003) que essa seja a mais sofrida das carências humanas: a escassez de contatos humanos... a ausência de experiências afetivas humanizantes...

Escassezes e ausências que permanecem embaçadas às vistas da maioria, mas que se sublimam inconscientemente em variadas presenças comportamentais recorrentes em nossa sociedade, tais como a agressividade física, para que citemos apenas uma delas, em muitas das suas ocorrências atuais, que atingem inclusive as escolas, cada vez mais frequentemente, hoje em dia.

Ausências que se aglomeram de censo em senso nos imensos ambientes de encontro a que temos acesso atualmente... Que deixam estádios lotados; que fazem os megaeventos repletos; que se juntam em protestos nas ruas, mesmo sem saberem das causas que supostamente defendem... Que vestem suas máscaras para pularem o Carnaval no Brasil de hoje, mas que já saturavam os coliseus de antes, para verem homens mascarados pulando para a morte sangrenta, desde aquele “pão e circo” romano, que há tempos deixou de ser romano para ser mundial e que ainda restam, mas quase que apenas “circo”, visto que o pão nos falta a muitos... e tido que fome de hoje, mata bem mais que as espadas de antes.

Escassezes que já foram, todavia, percebidas em certa medida, para já justificarem investimentos exorbitantes em ambientes como *shopping centers* e grandes áreas de convivência destinadas para o consumo... Que se deixam ver pelas hiperexcitações que alavancam o mercado por meio de propagandas provocantes, que nos atijam os sentidos

tentadoramente e nos atiram, sedentos, a produtos variados – que nos prometem todo o preenchimento que nos falta das nossas relações humanas escassas –, e que se destinam a nos consumirem por inteiro... Que fazem da literatura de auto-ajuda, hoje, um dos segmentos literários mais rentáveis no mundo todo, ainda em constante crescimento... Que fazem quaisquer práticas que surjam em meio a declarações de ajuda garantida crescerem largamente, independente do embasamento que trazem em si.

Essas ausências e escassezes todas nos afastaram de possibilidades humanas como a sensibilidade solidária, a amizade gratuita, o respeito mútuo, o reconhecimento recíproco, a co-criatividade, o co-operar e a coexistência amorosa, em paz e alegria... E assim nos afastamos de todo o viver sensual que podemos viver entre nós, nesse mundo, e limitamos toda a sinestesia humana do encontro... Depomo-nos de nosso direito humano ao prazer.

E assim desenvolvemos essa espécie de analfabetismo emocional... Que certamente nos ocuparia mais que qualquer outro analfabetismo, se fôssemos todos capazes de percebê-lo.

Mas suspeitamos aqui que não somos... Ainda não somos...

E por quê? Talvez por alguma razão, no decorrer da história humana, nós nos tornamos incapazes de percebermos, como humanidade, muito do que nos é humanamente essencial... Talvez tenhamos nos tornado insensíveis a nossa própria essência e talvez seja essa a essência de nossa angústia de hoje em dia...

Assim, pretendemos nesse texto, primeiro, viajar pelo mundo do humano... Pelo Humano nas suas relações com o afeto. Queremos perceber-nos como humanos. Percebermo-nos em nosso aspecto triúnico de acontecimento: como indivíduos, como espécie e como sociedade, na busca por nós mesmos... No desejo de nos entendermos um pouco mais, de entendermos um pouco mais a nossa essência humana e de pensarmos as relações que existem, se é que existem, entre a afetividade, as emoções e essa essência que nos compõe...

E daí, em sequência, queremos olhar para a escola... Queremos pensar a escola nas relações com o humano. A escola como um acontecimento humano. Nas suas dimensões

humanas mais plurais, como fenômeno complexo, simultaneamente social, político, histórico, cultural e o que mais puder ser...

Queremos pensar a escola em todas as suas relações com o humano, com o Humano do humano, com o afeto do Humano. E aí queremos, além de olharmos firmes para as realidades da escola, olharmos muito firmemente para as suas possibilidades todas, muitas das quais cremos serem plenamente realizáveis desde já.

Mas queremos também transcender a idéia de escola, para chegarmos a conceitos bem mais largos de educação, nas muitas idéias de educar que se estabelecem e principalmente nas relações educacionais em si, que cremos existirem sempre e intensamente... inseparavelmente presentes nas relações humanas todas, quaisquer que sejam.

Queremos perceber-nos como educadores e educadoras em geral. Todos ensinantes e aprendizes sempre, no senso amplo e simultâneo dos termos... Para que aí pensemos nas especificidades da escola como ambiente vigente hoje, e nos enxerguemos, também, como educadores atuantes nesses espaços escolares, especificamente.

Para quem sabe percebermos a realidade do espaço da escola como nos sendo plena de possibilidades a esse contexto em que vivemos... Do presente que vivemos, até o presente que queremos viver...

Não queremos, nesse texto, apresentar nenhuma proposta. Queremos apenas olhar para o humano com o olhar mais humano que pudermos. E assim esperamos que essas reflexões cheguem no que houver de mais íntimo e pessoal de cada humano que de alguma maneira entrar em contato com esse texto... e que ali – e não aqui – cada ser possa reconhecer aquilo que têm de mais particular em si e aquilo que temos de mais público entre nós todos...

Não queremos, nesse texto, apresentar nenhuma proposta, mas se quiséssemos, nossa proposta seria, certa e simplesmente: amemos.

Nesse senso esse texto é mais sobre afeto, que sobre escola... Porque entendemos a escola como uma implicação do acontecimento humano na Terra. Mas o afeto, entendemos como sendo ele a explicação de todo esse nosso acontecimento terreno...

Assim, haveria possibilidades à humanidade para além da escola. Mas cremos inexistir quaisquer possibilidades à humanidade para além do Amor...

E se o Amor revela-se a partir de nossa afetividade, alastrando-se dela para todo o mais em nós, sonhamos com um mundo em que haja espaço para a afetividade sempre. Em todos os espaços...

E, se a escola é esse espaço social vigente que reconhecemos como espaço de relações educacionais, sonhamos que seja – ela também – espaço para a afetividade... Sonhamos com escolas que sejam assim, e mais ainda, sonhamos com a presença de pessoas, nessas escolas, que sonhem com essas as mesmas coisas, que reconheçam as possibilidades humanas em Amor e que se despertem a quererem realizá-las.

Sonhamos, enfim, com uma verdadeira revolução amorosa na Terra. E não sonhamos, necessariamente, com uma revolução escolar.

Mas sonhar com uma revolução de Amor, hoje, é sonhar com uma revolução nas relações humanas e, sonhar com essa revolução nas relações humanas, a seu tempo, é sonhar uma a revolução também das relações educacionais...

Assim, sendo a escola esse espaço vigente, permissível às relações educacionais, humanas e, inevitavelmente, afetivas... E conscientes das possibilidades da atuação dessas pessoas, que sonhamos sonharem sonhos semelhantes, de Amor, nesses espaços... Reconhecemos a possibilidade da escola como local dessa revolução...

E é desse reconhecimento que partimos para o entendimento das realidades da escola que possivelmente predominam em nossa sociedade, para podermos aí, entender que possibilidades as escolas realmente nos prenunciam em seu acontecimento social...

3 Humano e Afeto

Humano...

Humanidade...

Mistérios; implicações; desdobramentos. Afinal, o que é humano? O que é – e como é – ser humano? Nascermos humano nos basta para sermos humanos? Questões existenciais à humanidade que temos e somos. À que seremos. À que fomos.

Rios possíveis que se movem para comporem o oceano de sentido que dá o fundamento de simplesmente se ser e se estar, cá e nesse tempo presente. Fundações da nossa vã filosofia que, de suposições em sobreposições, sempre tentou entender coisas simples como, quem somos, de onde viemos, para onde vamos.

Somos perseguidores de explicações para viver. Caçadores de porquês. Pescadores de sentido para existir. E como humanos que somos – até que se prove o contrário – queremos saber mais do humano. Naturalmente...

Mas qualquer arte sensata afirmaria ser quase impossível precisar mais esse ser humano, vez que todo o humano é milimetricamente feito de confusão e contradições. E eis aí toda a beleza, diria qualquer poeta. Mas, paradoxalmente, nem toda a sensatez da arte, nem toda a verdade dos poetas, nos impedem de nos perseguirmos a nós mesmos. O real talvez seja o completo oposto. De repente, viver seja mesmo esse jogo de sentidos... Essa busca pelos porquês e explicações que queremos. Uma queda quase eterna de “pega-pega” em que quase nunca os pegaremos plenamente. Mas que, seja como seja, é e pode ser eternamente divertida, e bem mais que suficiente para legitimar a vida que temos para viver...

O Humano... mistérios; implicações; desdobramentos...

Edgar Morin (2002), no seu “pega-pega”, trata do “humano do humano” (p. 52)... O humano que se expressa e manifesta no indivíduo, na sociedade e na espécie,

triadicamente. Para ele – e também para nós, aqui –, eis o ambiente de acontecimento do humano. O entremeio da interdependência e das interações entre esses três elementos.

O indivíduo vive para a sociedade – de um jeito ou de outro. A sociedade para o indivíduo – também de um jeito ou de outro. E ambos vivem para a espécie. Sendo que, ao mesmo tempo, a espécie vive para a sociedade como todo e para cada indivíduo em si.

E nesse jogo de mistérios, implicações e desdobramentos, no humano do humano, para além de toda a natureza que também temos e somos, como detalhe ímpar: a cultura. O meio, em que e pelo qual nós humanos nos humanizamos.

De acordo com Morin (2002, p. 52), “o homem só se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura”. Mas a cultura inexiste sem o cérebro humano e toda aparelhagem biológica em que implica, em seu funcionamento. E, sem a cultura, inexiste a mente humana, sua consciência e pensamentos. Logo, nos vemos diante de outra tríade proposta por Morin: o circuito cérebro-mente-cultura. Tríade em que se evidenciam incontáveis interações e relações de interdependência envolvendo a espécie humana, a sociedade como todo e cada qual entre seus indivíduos.

E há ainda uma terceira tríade. Que entendemos compor uma tríade de tríades, existentes em íntimas e intensas relações umas às outras, de interdependência plena e de múltiplas interações em constante acontecimento. Tríade bioantropológica, essencial às reflexões acerca do humano, que envolve nossas racionalidade e emoções, bem como nossas pulsões.

Essa tríade razão-afeto-pulsão presente está em nosso cérebro triúnico (MacLean, 1990). Para MacLean, o cérebro humano é feito de três cérebros em um único. O cérebro reptílico – *archipallium*, sistema reptiliano, complexo-R – que é considerado nosso cérebro primitivo e que controla nossas funções básicas de sobrevivência, bem como nossas respostas instintivas: nossas pulsões. O cérebro intermediário – *paleopallium*, sistema límbico, mesocéfalo – considerado como o cérebro dos mamíferos inferiores, sede dos centros primários das emoções, a partir do qual, em interações mais e mais intensas com o córtex cerebral, nasce-nos o Amor como possibilidade: é a casa da nossa afetividade. E o neocórtex – *neopallium*, córtex cerebral, cérebro neomamífero – presente também em todos os mamíferos, mais especialmente nos primatas e discrepantemente mais notável nos seres humanos; é o nosso cérebro mais recente em nossa história evolutiva, espaço de nossas funções cognitivas, local de

processamento de idéias, pensamentos, lógicas e raciocínios; é o ambiente cerebral de articulações da nossa linguagem em seu acontecimento: a sede da racionalidade em nós.

Nessa ciranda de razão, afeto e pulsão, a pulsão se apresenta como o que temos de mais primitivo, antigo e ancestral em nós, a nossa animalidade encarnada. A razão, em seu auge, vem da hipertrofia de nosso córtex mamífero primitivo em nosso neocórtex, muito recente e inovadora, nossa particularidade evidente, a sede da mente humana.

Pulsão... Razão... E entre elas: o afeto...

O afeto parece ser o elemento entre as sutilezas humanas mais arrojadas e os impulsos animais mais intensos. E ainda que nessas tríades todas – conforme nosso entendimento – os elementos delas participantes se apresentem sempre sem realces “destacantes” – no fluxo contínuo de interações e relações de interdependência –, nessa, em especial, o afeto tem um quê de elo, aparentemente. Mesmo o posicionamento de nosso mesocéfalo, parece ser já uma escultura evolutiva para metaforizar essa idéia de ponte. O canal entre a pulsão e a razão. O entremeio de transe e trânsito no humano, a transa entre o animal do humano, o humano do humano e o divino do humano. O quase santo e quase bestial nesse ser humano, que somos.

Dessa maneira, qual será o lugar do afeto no humano? Que participações tem o afeto em nossa história humana, desde o aparecimento do humano na Terra? Que premências tem o afeto em nosso tempo presente, hoje, nesse nosso mundo que vivemos? E que relevâncias para amanhã e para os dias depois de amanhã?

Enfim, e afinal, que importância tem o afeto no acontecimento, na manutenção e no desenvolvimento do humano? E que contribuições tem – o afeto – a essa verdadeira epopéia humana pelo entendimento de quem somos, de onde viemos e para onde vamos?

Nesse momento do texto, pretendemos navegar por entre as três dimensões dessa existência triádica que nos insere a todos no mundo: aquela que remete a indivíduo, espécie e sociedade. Para quem sabe, nelas, gerarmos ondas de reflexões sobre a presença do afeto nessas várias relações com o humano em seu acontecimento pleno. E assim de repente entendermos mais do afeto. E em entendermos mais do afeto, talvez percebermos mais do Humano no humano. Para depois – ainda nesse texto, mas mais adiante – pensarmos a escola e as relações educacionais, a partir desse Humano, coisa que nos parece bastante sensata e coerente – e

desejada –, sendo as relações educacionais, antes de qualquer coisa, relações humanas, entre humanos; e sendo a escola, também, esse ambiente de convivência humana que sabemos...

3.1 Indivíduo e Afeto

Humanos...

Cada um, único. Cada qual, igual.

Igualmente diferentes. Indiferentemente iguais...

Todos humanos... negros, brancos, amarelos, indígenas, ruivos, pigmeus... homens, mulheres... crianças, jovens, idosos... Todas as pessoas do planeta. Gente de muitas e variadas cores, jeitos, medidas, pesos, tamanhos, tempos, aspectos, aparências, dimensões... gente de muitas diferenças, de várias variações...

Mesmo assim, das pontas dos cabelos às unhas dos dedos dos pés, entre formas e formatações, dos olhos a como olhamos... somos todos humanos.

E o que vem a ser, afinal, ser humano? Se somos assim, mais que diferentes entre nós mesmos... se falamos línguas diversas; se vivemos de jeitos diversos; se pensamos, sentimos e agimos muito distintamente uns dos outros...

Se é assim, quem é esse ser humano de quem falamos tanto? Como definir o indivíduo pela humanidade? Como definir o humano pela individualidade?

Todos indivíduos... Todos humanos... Estranhamente diferentes, porque familiarmente iguais. Curiosamente iguais, porque quase exageradamente diferentes.

E talvez o que defina, afinal, o humano – ou o que nos infina enfim... – seja mesmo a contradição...

Talvez ser humano seja anfibológico² em si. Plenamente dúbio, para quase todo o sempre. Talvez a vida humana tenha esse quê de ponte em si... que nem seja para apenas ir, nem para apenas vir. Uma ponte de se permanecer... eternamente, pelo tempo que durar... de idas e vindas em várias e repetitivas e contraditórias vezes, até que seja tempo – até que haja tempo. Ponte que nos deixe entre margens. Entre rios. Entre extremos... sempre. Sempre entre o riso e o choro; o um e o outro; o isso e o aquilo; o sim e o não; o acerto e o erro. O nunca errado, o sempre incerto...

Se assim fosse, humano seria quase naturalmente sinônimo de ambíguo, ainda que as ambivalências da vida pareçam nos incomodar a muitos de nós. Coisas – as ambivalências – que, aí, talvez nos incomodem exatamente por serem reais, mesmo que negadas de qualquer maneira.

Porque talvez o paradoxo seja mesmo o destino quase final da humanidade, remanescente de nossa essência desde sempre e nela sempre presente, por mais que tentemos – tentamos e tentássemos – descartar todas as coisas des-cartesianas de nossas vidas.

E, se assim for, podemos mesmo ser muito diversos uns dos outros. Como se trouxéssemos, em nós, o inteiro universo das diversidades em si. Como se fôssemos, nós mesmos, como universos individuais... Cada qual o seu mesmo infinito particular. E ainda assim – se assim for –, sermos todos partes de uma mesma e única coisa; plenamente iguais em nossa humanidade. Todos humanos... Todos indivíduos. Iguais mesmo que diferentes. Diferentes, ainda que iguais.

E talvez assim seja o indivíduo: mesmo e diverso; outro e si; único e múltiplo. Como nas palavras de Morin, para quem:

O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. (2002, p. 57)

Sejamos assim a unimultiplicidade. Cada qual, uma apenas bem pequena parte desse universo holográfico, mas que, simplesmente em ser holograficamente esse pedaço, mesmo que bem pequeno, passa a ser já e também o universo inteiro. Nós, como o micro e o macro de

² “Anfibologia” é um termo de raízes gregas (*amphibolia*) e anfibológico é o caráter daquele que traz mais de um sentido em si... Quase sinônimo de ambíguo, anfibológico é o aspecto do múltiplo, a diversidade da pluralidade... Nessa leitura que, com licença, fazemos...

nós mesmos e de toda a existência cósmica. Seres cósmicos e terrestres. Como satélites de plenitude soltos pela vida terrena, a vagar... Como fragmentos dispersos de uma existência que vem de além daqui; e que vai daqui pr' além.

Reflexões que Morin (2002) também começa a despertar em dizeres como:

Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas, devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele. O próprio fato de considerar racional e cientificamente o universo separa-nos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste “além” que tem lugar a plenitude da humanidade. (p. 51)

Somos plenos apenas se aqui e além, simultaneamente. Porque somos feitos de carne e osso, mas também de mistério... Somos todos feitos de mistério. De mistério e de mistura... essa mistura que somos de eu e outro e nós em medidas diversas. Nesse nós em nós. Nessas “misturações” de sempre muitas coisas... sonho e realidade; medo e possibilidades; o fel e o mel de estarmos vivos...

Nós nessa corda-bamba quase sem final entre o que quer que seja e o seu completo oposto. Cada qual na sua dramática e succulenta simbiose de sempre ser o bêbado e a equilibrista. Incessantemente... no mesmo ser, na mesma dança...

E porque somos muitos – e muitas coisas; mulatos, mamelucos, cafuzos... –, somos confusos. Confusos mesmo... o que é até bem natural. Afinal, somos tantos – e tantas coisas – que até podemos dizer, como Robert Frost, que, na realidade, não somos confusos; que somos apenas bem misturados³.

Mas Salvador Dali – lá de seu mundo confuso e cheio de contradições, para nos salvar de qualquer estabilidade fajutamente enganosa –, já se atrevia a nos dizer que tudo que é contraditório gera vida, e que é mesmo bom que provoquemos confusões... assim, sistematicamente⁴. À medida em que Henry Miller – também confuso confesso – nos dizia ainda,

³ Robert Frost é lembrado como um dos mais importantes poetas dos Estados Unidos do século XX. Viveu de 1874 até 1963 e é autor da frase “*I’m not confused. I’m just well mixed*”, que traduzimos livremente como “Eu não sou confuso. Sou apenas bem misturado”.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Frost - acesso em 11/11/2009)

(<http://www.bestoffrost.com/frost-quotes/> - acesso em 11/11/2009)

⁴ Salvador Dali, artista polivalente espanhol, proveniente da Catalunha, viveu de 1904 até 1989. É autor dessa frase genial, traduzida em “É preciso provocar sistematicamente confusão. Isso promove a criatividade. Tudo aquilo que é contraditório gera vida.”

(http://es.wikipedia.org/wiki/Salvador_Dalí - acesso em 11/11/2009)

que confusão é apenas o nome que inventamos para uma ordem que não compreendemos⁵... Que ainda não compreendemos...

E talvez a jornada humana na Terra seja realmente essa: a busca constante pelas compreensões que ainda “incompreendemos”.

Porque “incompreender” é do humano... Tanto quanto querer compreender. E é assim que somos... Cada qual, nas palavras de Assmann (2003, p.317), “(...) uma mistura diferente de abertura e fechamento a energias, cautelas e ousadia, anseios e desconfianças”.

Porque somos essa mistura de ordem e confusões. E, nesse senso, concordamos com Assmann (2003), em arriscar que, precisamente por sermos humanos, há sempre alguma coisa que nos escape... Sempre.

E é assim que nos fazemos caçadores de porquês, nessa vida humana que vivemos; perseguidores de explicações para viver. Humanos, buscamos sempre o que ainda nos escapa. Sempre querendo alcançar, aprender, compreender...

Assim, a vida humana se faz na “errância”... Somos todos seres errantes, pela vida e pela Terra. E que as semelhanças de termos, entre o erro e a “errância” – sendo “errar” as conjugações para ambas –, sejam aqui mais que meras coincidências... Talvez esse que chamamos de “erro” seja apenas parte certa da jornada... dos alcances, das aprendizagens, das compreensões, que temos pela frente. E o único erro mesmo, seja se conformar...

Porque nós, humanos, somos, também, filhos de pai acaso e mãe poesia. Como nos fala Paula Carvalho (1990) em sua casualidade poética:

O ser humano (...) é um *ser aberto ao mundo, um especialista da não-especialização, um aprendiz por curiosidade ativa, um lúdico-explorador, um ser permanentemente incompleto e inacabado, portanto, um ser do perigo, da álea, do risco, da desordem complexificante, ser ambíguo, ambivalente e crísico* (...) (p. 184, grifo do autor)

Seres abertos para o mundo... É o que somos – ou o que precisamos ser. Porque somos mesmo seres em aprendizagem permanente...

(http://pt.wikiquote.org/wiki/Salvador_Dalí - acesso em 11/11/2009)

⁵ Henry Miller, escritor estadunidense viveu de 1891 até 1980. É autor da frase “Confusão é a palavra inventada para indicar uma ordem que não se compreende”, que traduzimos livremente de uma versão em italiano de seu romance “Trópico de Capricórnio” (1939), na qual a frase se encontra como “*Confusione è parola inventata per indicare un ordine che non si capisce*”.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Henry_Miller - acesso em 11/11/2009)

(http://it.wikiquote.org/wiki/Henry_Miller - acesso em 11/11/2009)

Nós humanos não nascemos prontos; e talvez, também, nem morramos prontos, por muitas e muitas vezes. Errantes... Vivemos a vida quase toda precários, frágeis, débeis; quase eternamente provisórios, interinos, temporários... seres efetivamente falíveis, defectíveis; vezes também falidos e defectivos também; sempre transitivos, quase sempre transitórios; passageiros desse aqui, nesse agora; perecíveis, quase que perenemente... nós, seres humanos, efêmeros, fugazes, voláteis, instáveis e inconstantes... sendo humanos, nunca seremos prontos...

Essa nos parece ser as redondezas onde habita o humano, em nós; o terreno onde habitamos como humanos que somos. O terrestre de nossa existência e de nosso acontecimento. O incerto, o imprevisível, o possível... O que não nos parece nem tão metódico, como nossa milimetricamente calculada racionalidade, nem tão bestial como nossas arredias pulsões animais impensadas e insensíveis. Outra vez, como se nossa casa, o lar da nossa humanidade, fosse mesmo nem o solo nem o céu; nem a terra, nem água; mas a ponte...

Absurdo! Qualquer pensamento minimamente cartesiano negaria veementemente a possibilidade de uma ponte que fosse mais de permanência que de travessia; e de circunstâncias que fossem mais de travessia, que de permanência... Mas talvez o ser humano seja mesmo esse ser do meio, do trânsito, entre transes e transas... sempre. Esse ser corda-bamba, do lá e do cá, do *yin* e do *yang*, do 8 e do 80, da arte e da ciência... das coisas todas e do avesso de todas as coisas, sempre... sincronicamente.

Porque assim somos nós. Seres impecavelmente esquisitos. Que podemos ser de lei, de loa, do léu e às vezes até da Lua. É... da Lua! Humanos terráqueos lunáticos... Loucos mesmo. Coisa que Caetano – o Veloso – já nos insinuava cantando que “de perto ninguém é normal”⁶ – quase que dizendo mesmo que, de perto, todos somos loucos...

Mas nós humanos “convencionamos” nos chamar, como espécie, de *Homo sapiens*. Sendo que, atualmente, muitos de nós já garantem termos avançado ainda mais nessa nossa jornada evolutiva, dizendo sermos hoje, notadamente, *Homo sapiens sapiens*. Ou seja, conforme as nossas convenções, nós humanos começamos pensantes – apenas pensantes; racionais, inteligentes, essas coisas... –, mas, de lá para cá, já nos desenvolvemos tanto e a tal ponto, que já fomos elevados à segunda potência de pensar... de modo em que agora, somos duplamente pensantes: pensantes pensantes... re-pensantes...

⁶ Caetano Veloso em “Vaca Profana” – Álbum: Totalmente demais ao vivo – 1986, Polygram.

Mas será que nós, humanos, somos suficientemente definíveis meramente como *Homo sapiens*, mesmo com toda a incontestável importância – de fato fundamental – de nossa inteligência e de toda a nossa capacidade racional? Será que a jornada humana na Terra, que nossas evoluções todas e as coisas todas que fazemos, se podem resumir a sobreposições de sapiência itálica em latim à nossa humanidade?

Atentemos para o que Morin (2002) – tratando do humano – tem a dizer, a esse respeito:

Exprime de maneira hipertrofiada as qualidades egocêntricas e altruístas do indivíduo, alcança paroxismos de vida em êxtases e na embriaguez, ferve de ardores orgiásticos e orgásmicos, e é nesta hiperatividade que o *Homo sapiens* é também *Homo demens*. (p. 52, grifo do autor)

Nós humanos, pensantes, racionais, inteligentes... somos também loucos; débeis e irracionais (*demens*). Somos seres de sapiência, mas também de loucura. Somos também neuróticos; também delirantes. E talvez seja esse o ser humano de quem nos perguntamos no começo desse texto, afinal...

Ainda nas palavras de Morin:

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas Idéias, mas que duvida dos deuses e critica as Idéias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras. E quando, na ruptura de controles racionais, culturais, materiais, há confusão entre o objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, quando há hegemonia de ilusões, excesso desencadeado, então o *Homo demens* submete o *Homo sapiens* e subordina a inteligência racional a serviço de seus monstros. (pp. 59 e 60, grifo do autor)

Somos assim seres duais, ambíguos, ambivalentes e auto-antagônicos. Somos, em nós, seres contraditórios. Confusos... Bem misturados... Somos assim – e enfim – tecidos de muitas coisas... Complexos...

Seres complexos... Afinal, em sequente concordância a Morin:

O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (...). O homem do trabalho é também o homem do jogo (...). O homem empírico é também o homem imaginário (...). O homem da economia é também o do consumismo (...). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase. (p. 58)

Somos tecidos de muitas coisas distintas e somos muitos, tecendo a mesma indistinta coisa. Complexos...

Somos humanos, com tudo o que temos e somos. No positivo e no negativo de tudo somos humanos. Na dor e na delícia de qualquer coisa somos humanos. Somos humanos nas bestas e nos deuses que trazemos em nós. Nos anjos. Nos demônios. Somos humanos na dualidade. No conhecido, no reconhecido, no desconhecido. Somos humanos feitos também de mistério e precisamos nos entregar a ele para entendermos integralmente esse que somos; para entendermos mais do Humano, do afeto, do Amor, da vida e de suas relações todas, dentre elas, também, as relações educacionais – que nos importam muito aqui e sempre... Para entendermos mais de qualquer coisa...

Porque talvez, para começar – nesse momento da humanidade que vivemos e sempre –, precisemos começar, cada qual, pelo seu entendimento de si mesmo. Pela aprendizagem permanente de si, como ser vivente aqui... como ser com-vivente nesse tempo presente, nesse mundo que vivemos.

É a partir desse entendimento de si – e concomitantemente a ele – que podemos alcançar todas as outras compreensões que ainda nos escapam. Talvez precisemos nos conhecer mais individualmente; perceber nossa humanidade.

Porque indivíduos somos todos. Todos humanos. E precisamos permitir que a nossa igualdade nos aconchegue mais, entre nós. E que as diferenças entre nós também se legitimem, como possibilidade e inevitabilidade humana, e que assim nos aconcheguemos mais ainda. É interessante que aceitemos nossa humanidade, e que também nos aceitemos nela mutuamente, em tudo o que ela é, e em tudo o que ela nos faz.

Somos indivíduos; somos espécie; somos sociedade. Somos pulsão; somos razão; somos afeto. Somos cérebro; somos mente; somos cultura. Somos tudo o que é humano. E humano é tudo que somos...

Seres de aqui e além. Complexos. Muitos e únicos. Únicos e múltiplos. Dúbios... Duplos... Como nos narra Morin, contando-nos o advento do humano:

A hominização conduz a novo início. O homínídeo humaniza-se. Doravante, o conceito de homem tem duplo princípio; um princípio; um princípio biofísico e um psico-sócio-cultural, um remetendo ao outro. (2002, p. 51)

O humano em duplo princípio; múltiplo e plural. De repente, somos da natureza e também da cultura. Somos do mundo físico e também do mundo psíquico. Do concreto e material, mas também do abstrato e do impalpável. De repente, somos biológicos e somos sociais.

Somos essa “unidualidade originária”, como diria Morin (2002, p.52): a um só tempo plenamente biológicos e plenamente culturais.

Humanos... naturais; culturais; biológicos; sociais; físicos; psíquicos; espirituais; linguísticos; inteligentes; instintivos; emocionais... Totais.

Seres totais. Íntegros e inteiros; “irrecortados”, desfragmentados; seres sistêmicos... Integrados e integrais, como nas palavras de Assmann (2003, p. 230):

(...) seres simbolizadores, seres gestuais, seres relacionais, enfim, seres biossocioculturais, nos quais os níveis das múltiplas linguagens – todas elas conformadoras da corporeidade viva e historicamente situada – englobam, num único sistema dinâmico e complexo, integrado por uma quantidade enorme de subsistemas comunicativos no ser individuado e nos bioecossistemas que formam seu nicho vital.

Que em outro momento de seu texto, parece confirmar a idéia de nossa unidualidade originária:

Os humanos nos caracterizamos como seres desejantes, já no plano biofísico, mas sobretudo enquanto seres-com-linguagem. Isto significa que nossos desejos se constituem, comunicam, realizam ou frustram *via* símbolos e linguagens, numa unidade indissolúvel entre os aspectos biofísicos e os sociolingüísticos. Embora os possamos distinguir para efeito de análise, na prática esses aspectos são inseparáveis. (p. 283, grifo do autor)

Em síntese: no dia-a-dia de cada um de nós – que é o espaço de acontecimento da vida a quem quer seja – nenhuma das fragmentações, dos recortes, das amputações e esquartejamentos que podemos fazer, no mundo das idéias, tem efeito.

Humanos somos todos e, como humanos que somos, somos todas essas coisas juntas, misturadas, muitas vezes confusas, muitas vezes incompreendidas. E talvez aqui seja o começo de qualquer entendimento sensato: na busca de cada um por si mesmo. Daqui é que parte o conhecimento real possível da realidade que vivemos como possibilidade. E é igualmente a partir daqui que podemos, assim, reconhecer as possibilidades reais de vivermos outras realidades possíveis.

Afinal, indivíduos somos todos. E é de indivíduos que é composta nossa espécie. É de indivíduos que se faz a nossa sociedade. É na convivência de nossas individualidades que fazemos esse mundo que vivemos em seu acontecimento em si e nas relações todas que mantemos com todas as coisas do mundo.

E é na individualidade de cada qual que recai a soma de todas as influências naturais e culturais que biológica e socialmente se constroem em nossas vidas. Nós indivíduos somos feitos de espécie e sociedade.

Assim, nesse mundo de bilhões de indivíduos, somos bilhões de universos inteiros, cada qual relativamente encerrado em si, mas todos totalmente interligados e interdependentes entre si... entre nós e entre as coisas todas da vida, daqui e de além.

E é assim que partimos daqui, com tudo que temos e somos, no rumo dos entendimentos que buscamos. Humanos no encontro de si mesmos. Partimos dessas reflexões sobre nós mesmos, individualmente, para daqui seguirmos viagem, conscientes de nossa existência individual, no rumo de entendimento de quem somos... também como espécie e como sociedade...

Para quem sabe entendermos mais desse humano em nós, dessa epopéia humana que compomos diariamente... da realidade da afetividade em nós, das possibilidades da afetividade em nós. E aí pensarmos mais sobre as maneiras como nos relacionamos, nas nossas relações educacionais, nas nossas escolas, nossas idéias do que, afinal, seja educar...

Sempre, além e aquém de naturalmente, das maneiras mais bem feitas que a nossa humanidade nos possibilitar...

3.2 Espécie e Afeto

De uma origem comum, duas linhagens oriundas: uma originou os humanos, e outra, os chimpanzés...

De acordo com Maturana (2002), ambas as linhagens se separaram há não mais de cinco a seis milhões de anos, sendo que, ainda hoje, humanos e chimpanzés diferem-se geneticamente, entre si, em menos de 2%.

Se é assim, como se explicaria, então, toda a notável diferença entre uma espécie e outra? Para Maturana (2002), a resposta para tal pergunta não está, essencialmente, na questão da racionalidade, como se poderia pensar, mas sim, em um fator emocional.

Os mamíferos guiam suas vidas pelas emoções – tanto que, na espécie humana, o centro das emoções situa-se no sistema límbico, que é parte do *paleopallium*, ou, cérebro intermediário, também chamado “cérebro dos mamíferos inferiores”. Assim, pelas emoções, suas ações tendem a moverem-se sempre entre extremos. E o mesmo vale para a maneira como estabelecem suas relações, que, ou acontecem em um ambiente de respeito mútuo e plena aceitação corporal de presença, proximidade e contato, ou implicam na mútua negação, em uma dinâmica extremamente competitiva de dominação e sujeição.

Nos mamíferos em geral, é normal que o primeiro extremo de relações se manifeste entre mãe e filhos e filhas, e no tempo de cuidado das crias, pelos pais; de maneira que o outro seja a forma usual de relacionar-se na vida adulta, a começar da idade reprodutiva.

Assim, cabe a suspeita de que, a linhagem que deu origem aos chimpanzés, simplesmente manteve uma tendência natural de comportamento ao longo do tempo, enquanto que, a linhagem precedente dos humanos, em uma aventura neotênica, manteve ênfase na

primeira maneira citada de se relacionar, fazendo-a perdurar para além da infância, pela vida inteira.

Nas palavras de Maturana (2002, p. 62):

“Propomos que os seres humanos somos o presente de uma linhagem que surgiu definida através da conservação da relação materno-infantil de aceitação mútua na confiança e na proximidade corporal de uma maneira que se estendeu além da idade da reprodução, num processo evolutivo neotênico.”

A espécie humana, assim, seria nascida do Amor... e do que d’Ele deriva. De modo que nós seres humanos somos doentes na ausência de Amor (MATURANA, 2002). Somos estrutura oca, vazia e sem recheio, em busca de plenitude. A vida humana, afinal, está fadada a uma jornada para amar. Um caminho no rumo do Amor, que, sendo o humano fruto Seu, nada mais é do que uma “volta para a casa”. O retorno à essência de ser... Humano.

Nós seres humanos – ainda em acordo com o mesmo autor – somos dependentes do Amor em todas as idades, pela vida inteira.

A espécie humana funda-se e funde-se nas chamas do Amor, em seu processo neotênico de surgimento, e nesse calor é criada sua forma natural de existência.

Atribuem-se muitas honras e méritos às mãos humanas, pela evolução da espécie. Mais precisamente ao nosso incrível polegar opositor e ao esplêndido movimento de pinça, por ele viabilizado. Fundamentais, absolutamente. E, incontestavelmente, de grande importância para a espécie humana. Com eles, as mãos se tornaram ferramentas fantásticas, instrumentos de manipulação bem mais perspicazes, e abriram caminhos evolutivos intangíveis a outros polegares.

Mas, mais que ferramentas e instrumentos, as mãos humanas são também e, quiçá principalmente, “órgãos de carícias” (MATURANA, 2002 p. 64). A sutileza das mãos faz com que sejam plenamente pertinentes ao contato. As mãos vestem-se de tudo que tocam. Assumem as formas de sua tangência. Passeiam por curvas e retas; envolvem saliências arredondadas e angulares; brincam com texturas e temperaturas; exploram depressões, cavidades; escalam elevações, protuberâncias; apertam, suavizam, dedilham, e até pinçam.

São as mãos, talvez, a encarnação metafórica mais fiel do tato, como o sentido dos sentidos. Afinal, se entendermos a visão como o encosto da luz nos olhos; a audição como o encosto do som nos ouvidos; o olfato como o encosto do cheiro nas narinas; e o paladar como o

encosto do sabor na língua; entendemos que tudo é tato. Tudo é contato. Encosto, encontro. Vida que se dá no encontro.

A vida... já dizia o “poetinha”... é a arte do encontro⁷...

Nós seres humanos somos, assim, de acordo com Maturana (2002), animais sensuais. E nas suas palavras, nós, humanos, animais sensuais:

Acariciamo-nos tocando, com as palavras, e desfrutamos da proximidade e do contato corporal. As carícias evocam em nós um bem estar fisiológico seja por nos acariciarmos com palavras, com o tom de nossas vozes, com nosso olhar, ou com as mãos e o corpo. Em nós a mão é, por assim dizer, um órgão de carícias e o tocar de nossas mãos é fisiologicamente terapêutico. (p. 66)

Essa sensualidade se expressa e se manifesta em seu sentido mais amplamente abrangente, em sua forma mais amorfa e metamórfica. Bela, além de todo entendimento. É a sensualidade do Amor. A sensualidade que é também do sexo, mais que é ainda de bem mais: da paixão, da amizade, do carinho, das carícias, da gentileza, da delicadeza; da sensibilidade estética, da riqueza dos detalhes, das coisas pequenas; da doçura... É a sensualidade gêmea da ternura; fecundadas juntas na união de vidas, explícitas na gênese vital, conviventes em vidas recém criadas e desejadas, consciente ou inconscientemente, para a vida toda.

A sensualidade e a ternura que, conforme Maturana (2002), têm a ver com a abertura sensorial e com o cuidar do outro, respectivamente. Ambas, expandidas da relação materno-infantil para toda a vida adulta humana.

Para ele, a ampliação coerente de ambas, sensualidade e ternura, juntamente com a da sexualidade, na vida humana “(...) deu, e ainda dá, estabilidade à coexistência familiar e funda o espaço de cooperação como uma maneira de conviver.” (p. 72)

A cooperação, com finalidade em si mesma, só pode existir, assim, em um espaço amoroso de convivência. E é dessa tríade sensualidade-ternura-sexualidade, que nasce a intimidade e, da intimidade, um desejo inerente de relacionarmo-nos e com-vivermos cooperativamente.

⁷ Vinícius de Moraes, o “poetinha”, como é chamado, grande pessoa brasileira em “Samba da Benção” – Álbum: Como dizia o poeta – 2001, Universal Music.

E é nesse contexto que a linguagem humana pôde ter surgimento e, também, começar a se conservar de gerações a gerações. A linguagem nasce da e à intimidade, bem como em e por um conviver cooperador.

E nesse ambiente de convivência amorosa, intimidade e linguagem, é que se abrem as janelas, também, para a expansão da inteligência humana (Maturana, 2002). Nesse contexto, o surgimento e o desenvolvimento da racionalidade. Caminhos abertos com o advento do humano na Terra, e com limites – se é que existem – a perder de vista.

Percebemos uma relação dialética e inter-retroativa entre todas essas características humanas. Que nascem do Amor e para o Amor. A linguagem não surge como uma necessidade da caminhada evolutiva da humanidade (Maturana, 2002). Supõe-se que o mesmo vale para a inteligência, sendo ela, também, uma decorrência de interações de linguagem. Ambas nascem na epigênese de uma dinâmica sistêmica, como consequência inevitável e desejo incontestado do jeito de ser humano, da intimidade, da solidariedade e da convivência cooperada em Amor.

Sendo assim, talvez caiba a inferência de que, humanamente, linguagem e inteligência não fazem qualquer sentido fora da intimidade, em qualquer coisa em que não haja, e que não seja na essência, Amor. A efetividade de ambas, bem como sua eficiência, relacionam-se sempre, e inexoravelmente, à experiência da intimidade e à convivência em Amor.

Mas essa longa e instigante jornada evolutiva humana tem lá as suas intrigas, naturalmente. De repente, nessa quase incrível viagem humanizante, pelo planeta e pelo tempo, homens, mulheres, crianças, jovens, adultos... toda a sorte de seres humanos viventes, em suas diferenças e contradições, encontra-se frente a uma arguta encruzilhada, entre a ironia e o paradoxo...

Linguagem e inteligência. Frutos do Amor. Consequências quase inevitáveis de uma caminhada humana pela existência terrena. Desejadas, desnecessárias. Duas das encarnações semânticas mais expressivas da essência humana, desenvolvidas e aprimoradas demais. Cedendo a nós, seres humanos, o contraditório poder de subvertermos mesmo a nossa própria essência, desumanizando-nos.

Para Maturana (2002), a fluência da evolução biológica não incide em apenas selecionar vantagens e necessidades à sobrevivência da espécie. A jornada evolutiva dos seres viventes segue, antes, o caminho da conservação sistêmica de maneiras de viver. Maneiras

diversas, possivelmente bem diferentes umas das outras, e que não necessariamente devem ser vantajosas, nem mesmo necessárias. O requisito, na verdade, é bem mais simples: basta que elas, as maneiras de viver, não matem seus seres vivos antes da reprodução.

Em outras palavras, quaisquer maneiras de viver, que permitam aos seres de uma determinada espécie se reproduzirem, e que sejam conservadas sistematicamente de geração em geração, podem causar mudanças adaptativas, e dar origem a novas linhagens. Nas palavras de Maturana (2002, p. 85):

A conservação de um modo de vida resulta, sem dúvida, na conservação da constituição genética que o torna possível, e das variações genéticas que o facilitam, de maneira que o modo de vida conservado sistemicamente define um curso evolutivo genético.

Nesse mesmo senso, o abandono de uma maneira de viver, qualquer que seja, deve, naturalmente, causar mudanças adaptativas na espécie, na medida em que essa ausência de maneira de convivência – de ver e de viver a vida – se perpetuar, podendo, também, originar outras linhagens, inéditas, que ramifiquem, ou mesmo substituam, as já existentes.

E a nós, humanos, conforme Maturana (2002), a identidade humana não se encerra, meramente, em um fenômeno genético, mas num fenômeno sistêmico relacional:

O humano é uma maneira de viver, mas o ser humano é uma maneira de viver com uma corporalidade particular que surgiu numa história evolutiva de transformação corporal em relação com a conservação da maneira humana de viver. (p. 76)

A humanidade nos foi desenhada, no acontecer de nossa história, em cada traço de nossa existência humana. Uma tendência inspiradora que se esculpe em nossos corpos e em nossas corporalidades. Uma tomada de cena da vida planetária que se nos inscreve como prefácio de uma história de Amor, a ser escrita em nossas maneiras de viver, diariamente, em nossos desejos, nossas materializações, nossas escolhas e esforços livres. Em cada detalhe de quem somos, humanos, em nossas diferenças e em nossas semelhanças. Em cada momento de sermos esse ser humano em relação com as pessoas, os seres vivos, as coisas, o mundo e o que mais houver para se relacionar nessa vida que vivemos.

E é nessa dinâmica sistêmica particular que a humanidade se expressa, acontece e manifesta: somos humanos; e a realização biológica de nossa corporalidade humana nos permite à humanidade, que se expressa em nosso viver humano, nossas maneiras humanas de

viver, que, se preservadas, nos conservam em nossa corporalidade humana, na qual somos, enfim e afinal, humanos.

Nossos corpos são como reservas ecológicas de ternura e sensualidade, onde a intimidade e o Amor são aspectos essenciais que nos fazem e conservam como seres humanos. Aspectos dos quais derivaram-se, também, a linguagem e a inteligência, que, uma vez correntes e concorrentes na história humana, passaram-se também a serem essenciais no que nos faz e conserva humanos, nessa mesma dinâmica sistêmica.

Seres humanos frente a uma arguta encruzilhada, entre a ironia e o paradoxo...

Linguagem e inteligência são características humanas muito próximas, uma da outra. Definitivamente inter-retroagentes. E é na interface de ambas, que muito do desenvolvimento humano se deu, até hoje. Na medida em que linguagem e inteligência se aprimoravam, abriam novos espaços para o desenvolvimento do humano, que, em se desenvolver, a seu tempo, ampliava ainda mais suas potencialidades linguísticas e inteligíveis, inter-retroativamente, a incorporar relações e interdependências em sua dinâmica sistêmica paulatinamente.

E o ponto crítico desse dinamismo, que vivemos hoje, é que, ambas, linguagem e inteligência, se desenvolveram demais, nos seres humanos. Inauguraram assim, uma imensa abrangência de ações possíveis. Transcenderam. Libertaram-nos, humanos, de muitas coisas. Submeteram-nos, porém, a nós mesmos.

E nesse entrejogo de linguagem e inteligência, homens e mulheres nunca foram tão capazes de mentir... tão bem e para si mesmos; para os outros, qualquer pessoa, qualquer coisa. São capazes hoje de subverter a própria essência, valendo-se precisamente de muito do que dela nos adveio. Da inteligência, podem forjar “verdades” desumanas em nossa história; justificar barbaridades absurdas; legitimar verdadeiros crimes contra a humanidade, seres vivos, natureza, planeta; contra todas as coisas da vida e vida em si. Na linguagem, exprimem argumentos ferozes, porém perspicazes, eloquentes, cheios de senso e astúcia. Retóricos. São capazes de convencer humanas multidões de desumanidades terríveis, como a nossa história, não poucas vezes, infelizmente, já testemunhou.

E é nesse tremendo potencial, em certo senso terrível, que homens e mulheres podem romper muitos limites. Muitos mesmo. Muitos e, dentre eles, os limites da própria humanidade. Nas palavras de Maturana (2002, p.85):

“(...) nesse processo, seleção ou sobrevivência diferencial é um resultado, não um mecanismo generativo. Não pertencemos a uma história evolutiva centrada na agressão como a emoção-guia de nosso devir, mas podemos cultivar a agressão; não pertencemos a uma história evolutiva centrada em relações de dominação e sujeição, mas podemos cultivar as relações hierárquicas e nos alienarmos na dominação e submissão. Podemos viver qualquer cultura que não nos mate antes de sua reprodução... e nossa história anatômica, fisiológica e genética irá em defesa de sua conservação porque reprodução é um fenômeno sistêmico e a evolução, também.”

Nesse sentido, nós humanos podemos cultivar um sem número de ações, pensamentos, emoções e sentimentos, ainda que não remetam à essência de nossa existência humana e de nosso acontecimento humano. E tal abrangência de coisas possíveis, deve-se, também e, quiçá, principalmente, ao esplêndido desenvolvimento da consciência em nós. Ainda nas palavras de Maturana:

Depois da origem do humano a natureza do processo evolutivo não muda, mas acontece que a reflexão, o olhar sobre si mesmo, o encanto ou o desencanto do viver, as expectativas e a ambição, bem como a frustração ante seu não cumprimento, alienação na adicção diante da biologia do amor e da intimidade... enfim, todas as dimensões do viver humano como seres na linguagem, passam a ser partes das dimensões que podem definir um modo de vida que se conserva e constitui uma cultura e uma linhagem.(p. 85)

O ser humano é, assim, senhor de seu próprio destino. Quase que plenamente. E escrevemos o nosso porvir nas mesmas páginas em que escrevemos nossa história. Temos a chance de imprimir gratas surpresas e também a possibilidade de mimeografar velhos padrões, nada interessantes. Ao alcance de nossas mãos, temos a mesmice, o desenvolvimento humano, e a própria extinção da espécie humana. Em certa maneira a dependerem de escolhas. E para qualquer escolha, escrita – como se escrevêssemos diariamente a nossa história. E para qualquer escrita, cultura. Como se a humanidade autobiografasse seu próprio desfecho, culturalmente, em páginas de existência antes vagas, a partir de escolhas que faz e ações que desencadeia.

Incontestes, as raízes genuinamente biológicas dessa bela jornada evolutiva fazem plena simbiose às raízes culturais da humanidade. Alimentam umas as outras, coexistem e

cooperam no sustento do acontecimento humano na Terra. Raízes e asas no entendimento de quem somos e no empreendimento de quem seremos. De como queremos ser.

Somos seres plenamente biológicos e dispomos plenamente da cultura. A cultura é o seio pelo quê a sociedade amamenta e mama o seu acontecimento. O sustento da humanidade se deu, se dá e se dará – ou não – pela cultura e nela mesma.

E de que maneira a humanidade, em sociedade, ensaia em culturas, as suas respostas e soluções para o problema de quem somos, de onde viemos e para onde vamos? Qual a presença da afetividade, hoje em dia e com o longo do tempo, em seu meio e nos seus meios de ver e viver vida? Qual o presente da nossa história e o que estamos escrevendo para vivermos como destino?

3.3 Sociedade e Afeto

O Humano... Em sociedade e na cultura.

O Humano... Em sociedades e nas culturas.

Entre o singular e o plural, qual? Que nos perdoem as idéias de Descartes, mas talvez, a escolha mais sensata, aqui, seja aquela que condescenda a ambas respostas.

Afinal, é impossível entendermos o Humano sem pensarmos a idéia de sociedade. Como é impossível entendermos o Humano, sem pensarmos a idéia de cultura.

E é também impossível entendermos uma sem a outra; sociedade sem cultura; cultura sem sociedade. Ambas, sem seus plurais.

Porque para entendermos o humano nas suas relações sociais e culturais diversas, nos interessa estabelecer uma conversa constante entre as singularidades e a pluralidade de cada e de todas as coisas... o Humano em sociedade, na cultura; o Humano em sociedades, nas culturas.

E sem que haja umas em detrimento de outras, jamais. Entre pluralidades e singularidades é importante e essencial que o uno corrobore o múltiplo e que os diversos contemplem o único, sempre. Afinal, como atesta Morin (2002, p. 65): “A riqueza da humanidade reside na sua diversidade criadora, mas a fonte de sua criatividade está em sua unidade geradora”.

União entre a unidade e a multiplicidade... Entre o singular e o plural. O diverso e o único. É assim que queremos – aqui e sempre – conhecer mais das coisas todas. É assim que queremos conhecer mais do Humano; mais do afeto; mais do Amor e das relações humanas em geral; dentre elas, as relações educacionais e, dentro delas, as escolas... na complexa e sistêmica dinâmica relacional entre todas elas, na qual mergulham as reflexões aqui geradas. E é assim que queremos, aqui, entender mais de sociedade e de cultura; nessas muitas e diversas relações que se estabelecem entre elas e todas as coisas. Ambas unas em suas complexidades; múltiplas e únicas. Complexamente complementares entre si.

Começemos pela cultura. Morin (2002) nos diz que é justo dizermos a cultura, como também se justifica dizermos as culturas. Como se ambas as maneiras fossem pertinentes – como, de fato, pensamos que seja. Afinal, há certamente, na cultura, uma essência una em sua idéia em suma; uma coisa única, genuína, autêntica, sem a qual inexistiria o ser humano em si. Porém, cada cultura que se cria, a partir daí, é singular; e diversifica-se de outras tantas. De maneira que as culturas sejam mesmo muitas e plurais, pelo mundo afora.

E nesse mesmo senso, pensemos, aqui, que exista sim uma única sociedade humana, que nos interconecte a todos; mas que haja também, coexistentemente a ela, várias e variadas sociedades, muitas e plurais, em acontecimentos simultâneos, pelo mundo adentro.

Aliás, entre tantas semelhanças, cultura e sociedade parecem mesmo serem idéias – coisas, existências – irmãs. Senão gêmeas, siamesas. Inseparáveis. Mãe e filha, uma da outra. Grávidas entre si. Partes do mesmo todo. Todos de muitas mesmas partes. A sociedade que inter-retroage à espécie e a cada indivíduo. E a cultura que inter-retroage à mente e com o cérebro humano.

E a origem do Humano se confunde, assim, ela mesma, às origens de cultura e sociedade. O acontecimento da espécie humana apenas se dá em sociedade, pela cultura. E a existência individual, em si, manifesta-se em inter-retroações, inter-relações e interdependências culturais diversas, e acontece – ela também – em sociedade.

Assim, desde o começo, é a penas de cultura que escrevemos, nas páginas da existência humana, em sociedade, a história de nossa espécie e, cada qual, a sua própria história. Milhares, milhões e, hoje, bilhões de histórias interligadas, interdependentes e inter-retroativas entre si, compondo, compartilhadamente, a odisséia humana na Terra.

Incontáveis culturas... diversas. “Inumeradas” sociedades... distintas. Momentos históricos vários e variados, dispersos pelo tempo... Todos componentes dessa narrativa da gênese e da jornada humana, que tem seu desfecho nesse presente que temos. No mundo que vivemos hoje.

Uma curta, mas já longa empreitada até aqui, para hoje sermos e estarmos todos, inseparavelmente, nesse momento que Morin pertinentemente chama de “era planetária” (2002, p. 63).

Para ele, essa inédita era se inaugura na Terra a partir do século XVI, pelas diversas ações humanas que historicamente se deram naquele tempo, desencadeando, a partir dali, uma série de novos acontecimentos e uma nova realidade à espécie humana. Era que se mantém, assim, até os dias atuais, diariamente mais intensa; e sendo, hoje, correntemente acompanhada pelo que chama fase de “mundialização” (p. 64).

Fase mais recente, a chamada mundialização, cujo princípio Morin atribui ao século XX, remete-se a acontecimentos mais contemporâneos da existência humana. Relaciona-se, assim, com coisas como as características dos nossos sistemas predominantes vigentes – econômico e político – ; como os avanços científicos e tecnológicos alcançados recentemente em nossa história; como nossas – em certa maneira – novas organizações sociais desses novos tempos... Enfim, como as influências todas – dessas e de muitas outras coisas – na vida humana na Terra... e como todos os nossos novos – e “novos” – jeitos de vivermos e convivermos nesse mundo presente, (res)suscitados a partir dessas tais influências... a partir de inovações, renovações, novidades e “novidades” do século passado.

Sinteticamente, nas palavras de Morin (2002, p. 67): “O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes.”

É nesse momento que o mundo nos surge como mundo mesmo; íntegro, pleno e inteiro. Mundo em si. Esse mundo “parabolicamará”, como canta Gil⁸, em que as jangadas

⁸ Gilberto Gil em “Parabolicamará” – Álbum: Unplugged – 1993, Warner Music Brasil

possuem potentes motores e navegam por oceanos virtuais, velocíssimas, mais e mais a cada dia. Momento em que a humanidade se atraca no porto da complexidade e que lá – que é o mesmo que aqui – permanece... até que se ajeite o suficiente para, enfim, seguir viagem...

E aqui lembremos que permanecer, nessas circunstâncias, é sempre diferente de parar. Porque, vida e existência, jamais param...

E assim, chegamos hoje a esse momento... Possivelmente, um momento decisivo à espécie humana e à nossa sociedade – e a cada um de nós, indivíduos, todo momento é sempre decisivo...

Temos – quase que inteiramente – o direito à escolha e o dever à responsabilidade de permanecermos humanos. Coisa que apenas faremos sendo mais humanos do que fomos até hoje. E por quê?

Para, quem sabe, respondermos a essa pergunta, queremos aqui velejar – mesmo que por um tempo curto e conscientes dos limites desse texto – pelos mares da complexidade em sentidos históricos, na busca de sentidos historicamente construídos, que nos levem a esse mais abrangente entendimento do hoje que temos; desse mundo que vivemos nesse tempo presente; nas suas muitas e diversas relações com as idéias de cultura e sociedade. Para quem sabe assim, entre o plural e as singularidades desse universo sócio-cultural, entendermos mais do Humano, mais do sentido do afeto para nós humanos; e aí, mais adiante, entendermos mais das relações educacionais e da escola em si.

E nesse mar de complexidade, cheio de ondas e história, em pleno presente da jornada humana na Terra, vemos e vivemos, todos, as consequências e retroações de acontecimentos de outros muitos tempos, passados; de feitos de outras épocas, outros contextos, outras gerações. Colhemos, assim, influências dos mais diversos aspectos; de toda sorte – e azar – de coisas desse tempo que já não é. De quando o mundo era menos mundo do que é hoje...

Assim carregamos toda essa bagagem de pais avós e pioneiros da espécie mas simultaneamente também experimentamos depressa demais e demasiadamente todas as informações cada vez mais quase infindáveis velozes e voláteis desse nosso tempo presente – e a vida fica assim... meio sem vírgulas; sem pausas; sem respirações...

Afinal, como na leitura do baiano Gil, o mundo que já foi pequeno – porque a Terra era grande –, hoje é muito grande – porque a Terra é pequena. E esse instigante paradoxo, angustiante para muitos, se deixa ver também por Morin (2002, p.64):

Porém, quanto mais somos envolvidos pelo mundo, mais difícil é para nós apreendê-lo. Na era das telecomunicações, da informação, da Internet, estamos submersos na complexidade do mundo, as incontáveis informações sobre o mundo sufocam nossas possibilidades de inteligibilidade.

É o que vivemos atualmente. O mundo feito esse todo complexo. Quase nada possível de se escapar; quase menos possível de se apreender. Esse ambiente sistêmico de confluência de todas as coisas. Essa rede de inter-relações infinitas e de eternas inter-retroações, complexa e completamente conexa e conectada, como se fosse desenhada por Escher⁹.

O mundo em um tempo de convergência de todos os acontecimentos presentes entre si, e de toda essa contemporaneidade com todo o antes da história humana na Terra. Coisas às quais, quiçá, necessitemos ainda de olhares mais apurados para podermos enxergar...

Porque desde o século XVI, depois das chamadas grandes navegações, o mundo se vê mais conexo em si. O mundo mais mundo. E começam, daí, as trocas e “trocas” entre povos de todos os lados e culturas de todos os cantos do planeta. Começam aí as inter-relações, inter-retroações; e a interdependência nos surge muito mais notavelmente – embora seja ainda majoritariamente despercebida pela consciência humana –, envolvendo o mundo todo em si, como diria Morin (2002), para o melhor e também para o pior das possibilidades.

A partir daí, dá-se essa era planetária. Cujas histórias nos é contada por muitas, mas nem todas as versões. Mas que, certamente, seja como seja, é uma história de muitos acontecimentos; sejam como foram. E se nos parece impossível entender exatamente todas as ocorrências e passagens que a compõem, parece-nos ainda mais impossível deixarmos de viver todas as dela herdadas consequências, mesmo que inconscientemente, nesse nosso tempo presente; no mundo que vivemos hoje.

Porque existe mesmo esse legado deixado por nós a nós mesmos. Um sem número de fatores, subsequentes, retroativos e interdependentes, que de várias maneiras se acumularam e culminaram, todos, no acontecimento do século XX, fazendo dele, um momento

⁹ Maurits Cornelis Escher foi um excepcional artista gráfico holandês, conhecido pelas suas xilogravuras, litografias e meios-tons, que tendem a representar construções impossíveis, em explorações do infinito e metamorfoses imagéticas. Viveu de 1898 até 1972. Em sua obra, algumas de suas imagens representam interiores e exteriores arquitetônicos em que escadas, pisos e andares se interconectam absurdamente, em interligações que se mostram possíveis nos desenhos, mas que provocam vertigens nos nossos padrões de leitura da realidade, confundindo e desafiando nossos olhares.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Maurits_Cornelis_Escher e <http://www.mcescher.com/> - acessos em 11/11/2009)

histórico com efervescente aspecto de ápice, de clímax, de apogeu... que traz a esse começo de novos século e milênio, uma premência urgente de que seja esse, também, o começo de um novo tempo...

O século XX foi, notadamente, um período de grandes conturbações. Guerras mundiais e pelo mundo todo; desigualdades e crescimento de abismos sociais; estupores políticos; catástrofes naturais; virulências terríveis; fomes mortíferas; bombas nucleares; explorações desleais; crimes ambientais horrendos; assaltos descarados à nossa ética humana; destruições infames; ganância; egoísmos, sócio e etnocentrismos... Desumanidades absurdas e desvairadas a perderem-se de vista.

Houve também uma sorte de coisas boas, afortunadamente; as quais devemos saber perceber, querer bem e cuidar muito cuidadosamente, para que sigam seus acontecimentos e se floresçam mais e mais... Coisas para as quais olharemos sempre esperançosamente e confiantes, cheios de boa fé.

Mas, mesmo assim, podemos dizer, por conta dessas conturbações todas, contemporâneas, resultantes de processos recentes somados a todas essas acumulações que colhemos pelos tempos, que o século XX nos foi, fundamentalmente, um tempo de crises.

Nesse tempo – que se alastra ainda para o século atual –, fomos todos inafiançavelmente abalados por um mal-estar generalizado. Mal-estar que nos atingiu em cheio; bem no cerne de nossa humanidade. Acometimento do eixo central da dinâmica relacional sistêmica que humanamente nos une entre nós e que nos interliga inteiramente a todas as outras coisas da vida. Mal-estar que nos afetou a todos pelo contato; pelo contágio de nossa interdependência inapelável; pelo contrato em nossas irrevogáveis inter-retroações.

Mal-estar cujas sensações se alastraram planetariamente; a todos e todas. E que é tema, hoje, de muitas expressões e comunicações humanas. Verdadeiro fenômeno sintomático que, conforme Assmann, (2003, p. 35):

(...) parece estar mostrando que há indícios convergentes de uma consciência cada vez mais explícita de uma profunda *crise de civilização*. Não se trata apenas de problemas localizados. Há um mal-estar generalizado que revela que há algo de profundamente equivocado nos rumos gerais da humanidade. (grifo do autor)

E esse mal-estar generalizado revela uma crise que além de civilizacional é também planetária. Uma crise nascida do humano, mas que transcendeu a ele.

Todos os que vivemos no século XX presenciamos o adoecimento do mundo. Todos os vivos do século XX vimos o choro da mãe Terra; vimos a seca da mãe Terra. Vimos a mãe Terra chorar as suas dores; queimar as suas dores; derreter e tremer suas dores. Vimos o ambiente, pouco a pouco, feito meio. E hoje vemos, bem mais depressa, o meio ambiente que nos resta feito um terço e cada vez menos. Fizemos o mundo doente... A Terra toda em crise, em pelo menos grande parte, pela responsabilidade humana – ou seria pela irresponsabilidade desumana?...

Mas entendendo essas relações históricas todas, que há entre o que vivemos no século XX e o todo que vivemos no passado, parece-nos provável que, já há muito tempo, uma crise dessas proporções estivesse enfaticamente anunciada. E aqui, dizemos que estava mesmo... e escancaradamente. Mas, se for mesmo assim, como é que a humanidade nada percebeu, para que pudesse transformar seu corrente destino?

A verdade é que alguns poucos humanos, na jornada humana até aqui, perceberam amplamente o que semeávamos como humanidade. E sabemos de alguns desses alguns poucos, que, no decorrer da nossa história, tentaram veementemente compartilhar com todos nós as suas percepções. Sabemos que muitos, dentre esses poucos, morreram na insistência de tentar. Mas, mesmo assim, a grande e quase plena parte da humanidade nada percebeu, porque a crise generalizada que vivemos, é também o cume e o cúmulo de uma crise de percepção... Como nos indica Capra (2004, p. 23):

Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes. (...) Em última análise, esses problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma mesma crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção.

O que Capra, a exemplo de outros, tenta nos dizer, é que há uma dificuldade imensa em percebermos os problemas da sociedade como sendo da sociedade. As coisas do humano como sendo da humanidade. Que, em geral, ainda despercebemos a interdependência que nos une a todos, inexoravelmente. Assim os problemas do indivíduo, de grupos sociais, de bairros, cidades, estados, nações, continentes, são, continuamente, não vistos pelos demais como sendo também seus. Não percebemos, ainda, essas interligações inter-retroagentes, presentes entre todas as coisas. Não percebemos ainda que o outro, também sou eu. Que eles

também somos nós. E assim, perdemos a percepção do todo. Perdemos a percepção total do humano. Perdemos a noção de teia; a idéia dessa dinâmica sistêmica relacional em que vivemos, que rege o acontecimento da vida em nós. E assim vivemos – ainda hoje muitas vezes inconscientemente – as consequências dessa nossa miopia astigmática que nos impede de perceber o complexo. Perdemos, enfim, a chance real de entendimento de quem somos, de onde viemos e para onde vamos...

E assim sempre tivemos a esperança de encontrar um problema que fosse, em si, a origem de todos os outros problemas; como em um pensamento ordenadamente linear de causa de efeito. Mas até hoje, sempre falhamos nesse encontro; porque, afinal, o problema essencial da humanidade... o “problema vital”, como diria Morin (2002, p. 64):

(...) é constituído pelo conjunto de problemas vitais, ou seja, a intersolidariedade complexa de problemas, antagonismos, crises, processos descontrolados. O problema planetário é um todo que se nutre de ingredientes múltiplos, conflitivos, nascidos de crises; ele os engloba, ultrapassa-os e nutre-os de volta.

O grande problema da humanidade é, assim, um problema vital tecido de todos os problemas existentes em qualquer parte do humano em si, independentemente de como seja. E nós não alcançamos, ainda, essa complexidade toda com os nossos olhares e nossos jeitos de olhar. Falta-nos a acuidade para percebermos essa que é a mesma complexidade que nos tece a todos, entre nós; e que nos entrelaça, também, a todos esses problemas, bem como a todas as coisas boas da vida, simultaneamente, na mesma e diversa coexistência humana.

E essa crise de percepção, como nos fala Assmann (2003), não é apenas uma crise da maneira de vermos o mundo. Ela é uma crise da maneira de vermos e também de vivermos o mundo. Afinal, o jeito como vemos as coisas reflete o jeito como as vivemos. Como nos explica, em dizer que:

O viver está intimamente conectado com o conhecer, a tal ponto de se afirmar que “viver é conhecer, conhecer é viver”. A forma como se conhece determina o modo de se viver. Assim sendo, uma crise de percepção é mais do que uma simples crise de conhecimento, é uma crise na forma de viver e de organizar a vida humana e social. (p. 80)

E é dessa crise na forma de vivermos e organizarmos a vida humana e social, que se conformaram as outras várias crises que vivemos atualmente, as econômicas, as políticas e as demais... Todas, derivadas dessa nossa crise do olhar...

E sobre a forma como vemos e conhecemos as coisas, cabe dizer da importância da cultura...

Porque todas as coisas que conhecemos, as cenas, os cenários, as pessoas, nós desconhecemos “em si”. Conhecemo-las, assim, a partir das leituras que fazemos. E sempre que lemos a realidade, também a criamos, simultaneamente. Assim, agimos no real, lemos e criamos a realidade, a partir de nossas lentes culturais, ou seja, a partir de como a cultura que vivemos, que trazemos em nós, incorporada, nos faz ver o mundo e as coisas todas. E é daí, a partir de como vemos, que tecemos as nossas relações com todas as coisas, conosco mesmos, com os outros, com o mundo...

Assim, como podemos perceber na companhia de Assmann (2003, p. 79):

(...) a cultura a qual nós vivemos nos abre e fecha as “janelas” pelas quais vemos o mundo. Ela nos leva a vermos certos aspectos da realidade e a não vermos outros; mais ainda, leva-nos a não perceber que não vemos esses outros aspectos. Como não temos consciência de que não vemos um determinado aspecto ou parte da realidade, cremos que o que vemos é toda a realidade ou toda a verdade.

Em outras palavras, é como se tanto nosso alcance quanto nossa acuidade para vermos as coisas, nos fossem culturalmente determinados. Como se o que vemos fosse sempre feitos de recortes e reportes culturais da realidade; uma realidade cultural.

É o que Edgar Morin chama de “*imprinting* cultural” (2002, p. 28). Essa chancela de cultura que nos carimba desde o nascimento. Esse convencimento cego que se instaura em nós. Esse enquadramento social que calibra e regula as nossas visões das coisas todas. Essas marcas que se nos imprimem, diariamente, nos diversos espaços de convivência que presenciamos, no âmbito e no âmbito das nossas socializações.

E é a partir dessas impressões que nos relacionamos com todas as coisas. Impressões que constituem as lentes culturais com as quais lemos e criamos a realidade. Lentes com as quais interagimos no real. Com as quais vemos e não vemos as coisas. Lentes que nos vestem os olhares sempre, sejam como sejam. E que pela influência do que vemos, influenciam também o jeito como vivemos as coisas todas.

E dessa influência cultural, determinante para as nossas visões de mundo, atentemos para a existência dos paradigmas. Que, de acordo com Edgar Morin (2002), se

inscrevem culturalmente nos indivíduos, de maneira que conheçam, pensem e ajam sempre em concernência a eles. Como nos conta, nas suas palavras:

Em resumo, o paradigma instaura relações primordiais que constituem axiomas, determina conceitos, comanda discursos e/ou teorias. Organiza a organização deles e gera a geração ou a regeneração. (p. 26)

São assim como sistemas codificadores de conhecimento “pertinente”; e do alcance das reflexões feitas sob sua influência. Determinam as maneiras de conhecer, pensar e agir dos indivíduos que a ele se submetem; dita os padrões e as normalidades. Impregnam-se fortemente em qualquer sociedade, sempre imersos e emersos no conhecer humano, rodeadores da inconsciência, da consciência e da supraconsciência humanas, como nos explica Morin (2002, p. 26):

O paradigma desempenha um papel ao mesmo tempo subterrâneo e soberano em qualquer teoria, doutrina ou ideologia. O paradigma é inconsciente, mas irriga o pensamento consciente, controla-o e, neste sentido, é também supraconsciente.

Assim, os paradigmas podem simultaneamente elucidar e cegar. Revelam-nos coisas, ao mesmo tempo em que nos ocultam outras. Daí, o que Morin chama de “cegueira paradigmática” (2002, p. 24). Porque temos plena clareza acerca das coisas alcançadas pelo paradigma em que vivemos; mas, as coisas que fogem de seu alcance, tendemos a ser incapazes de ver, como se fôssemos cegos para o que transcende os limites a nós impostos pelos paradigmas, culturalmente.

Desse modo, a cegueira paradigmática nos pode acometer tanto pela incapacidade de vermos certas coisas, quanto pela capacidade de vermos outras, que a bem da realidade, inexistem.

Porque somos seres também criadores de ilusões. A mente humana nos possibilita grandes viagens; nos permite o sonho, o devaneio, a quimera... a fé e a esperança... nos sentidos mais gostosos de delírios, possíveis e “impossíveis”. Mas nos possibilita também a mentira, consciente e inconsciente; a mentira pretensiosa de ações humanamente desinteressantes, facilitadora de relações desumanas, de leituras tortuosas de nossa existência,

patrocinadoras de domínios e sujeições nada inerentes de nossa essência humana. Como ainda nas palavras de Morin (2002, p. 21):

Cada mente é dotada também de potencial de mentira para si próprio (...), que é fonte permanente de erros e ilusões. O egocentrismo, a necessidade de autojustificativa, a tendência a projetar sobre o outro a causa do mal fazem com que um minta para si próprio, sem detectar esta mentira da qual, contudo, é o autor.

E os paradigmas nada mais são que sistematizações de uma mente coletiva, que também mente; que também é dotada de potencial de mentira, e que, em mentir, enrosca-nos em conjunturas falsamente reais de ilusões, que nos prendem em desconfortáveis – porém cômodas, para algumas pessoas – limitações cognitivas. Que cercam nossa acuidade. Que nos impossibilita vermos o que há além de suas criações.

Os paradigmas, assim, nos impedem, muitas vezes, de percebermos as coisas em suas dimensões totais. Prendem-nos nas suas ilusões, nos seus recortes, nas suas medidas simplistas e praticamente nos proíbem o complexo.

E à existência dos paradigmas, acrescentamos outras criações deterministas da espécie humana: o dogma e o tabu. Há quem insista em querer decretá-los coisas distintas, conceitos diversos. Mas aqui dizemos que são todos a mesma coisa; o mesmo conceito. Todos determinantes dos jeitos como vemos e vivemos o mundo. Todas determinações de nossas mentes individuais e coletivas.

Que diferenças há, por exemplo, entre a igreja católica e o marxismo? Entre o islã e o sistema capitalista? Bem... para tocarmos no que realmente nos interessa nesse trabalho, o ser humano, reformulemos tais perguntas: quais as diferenças entre católicos e marxistas; entre muçulmanos e capitalistas?

Possivelmente muitas, se pensarmos superficialmente. Mas, também possivelmente, nenhuma, se de repente pensarmos bem mais profundamente. Talvez, na essência, as diferenças sejam nulas; irrelevantes.

Qualquer pensamento e crença, como qualquer raciocínio lógico, qualquer crédito místico; qualquer ciência, qualquer fé; qualquer mito e empirismo... todos os dogmas e todos os paradigmas podem nos cegar... e nos cegam. Podem nos impossibilitar o complexo e, em nos impossibilitar o complexo, nos impossibilitam o humano; em impossibilitar o humano, impossibilitam qualquer coisa que nos seja realmente interessante e pertinente. Sobrevivemos

presos em conformidades cognitivas e intelectuais limitadas, que limitam o nosso ver e o nosso viver. Como continua a nos dizer Morin (2002, p. 27):

O poder imperativo e proibitivo conjunto dos paradigmas, das crenças oficiais, das doutrinas reinantes e das verdades estabelecidas determina os estereótipos cognitivos, as idéias recebidas sem exame, as crenças estúpidas não-contestadas, os absurdos triunfantes, a rejeição de evidências em nome da evidência, e faz reinar em toda parte os conformismos cognitivos e intelectuais.

Assim, o problema vital da humanidade, a crise em si, não está no catolicismo, no marxismo, no islã, nem no sistema capitalista; nem na ciência, nem na religião, nem na política, nem na economia... não está em nada em si. A crise está em nós... indivíduos, espécie, sociedade; humanos... É a nossa crise, a crise da humanidade.

E aqui, nos lembramos de que, nós humanos, convenciamos-nos a definir como sendo *Homo sapiens*. E que hoje somos *Homo sapiens sapiens*. Seres pensantes, inteligentes e racionais. Demasiadamente racionais... Assim, parece natural que a crise humana relacione-se minimamente demais a essa nossa sapiência...

A crise da humanidade é também a crise da racionalidade...

A racionalidade em si é uma verdadeira dádiva da natureza e do mistério, a nós seres humanos. Uma concomitante conquista e graça humana, que nos concedeu possibilidades quase incríveis, com limites a perderem-se de vistas. Uma característica que nos especifica como humanos, que nos infunde... como seres daqui e de além. A possibilidade de guiarmos nossa jornada humana, desafiando sempre o impossível e o improvável, desbravando a vida inteira em nosso acontecimento humano.

Mas nosso caráter racional pode também racionalizar, como nos explica Morin (2002, p. 23):

A verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instância lógica e a instância empírica; é o fruto do debate argumentado das idéias, e não a propriedade de um sistema de idéias. O racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida é irracional. A racionalidade deve reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento. A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. Negocia com a irracionalidade, o obscuro, o irracionalizável. É não só crítica, mas autocrítica. Reconhece-se a verdadeira racionalidade pela capacidade de identificar suas insuficiências.

Assim, a chave para entendermos como vemos e vivemos o mundo, como conhecemos as coisas, consiste em sermos católicos, marxistas, muçulmanos ou capitalistas... Incide em sermos racionais ou racionalizadores.

A crise da racionalidade humana, assim, não é a crise da racionalidade em si, mas a crise de uma falsa racionalidade incorporada em nós; em nossas mentes individuais e coletivas, coletivamente. Como conclui Morin:

Desse modo, o século XX viveu sob o domínio da pseudo-racionalidade que presumia ser a única racionalidade, mas atrofiou a compreensão, a reflexão e a visão a longo prazo. Sua insuficiência para lidar com os problemas mais graves constituiu um dos mais graves problemas para a humanidade. (p. 45)

Mas essa falsa racionalidade nutre-se, como vimos, nas mesmas fontes que a racionalidade real. Assim, ela manifesta-se em nós e nos ocupa o espaço que seria de uma racionalidade sensata, verdadeira e legitimamente humana. E assim, essa pseudo-racionalidade determina todos os nossos paradigmas, nossos dogmas e nossos tabus, determinando todos os nossos jeitos de vermos o mundo, de conhecermos as coisas; todos os nossos jeitos de vivermos e convivermos entre nós...

E é assim, a partir dessa falsa racionalidade que se geram todas as impressões culturais que diariamente recebemos, estampadas em nosso ver e viver o mundo. Marcas que se imprimem em nós e nos recobrem de coerência para vermos como vemos, para vivermos como vivemos. Em outras palavras, criamos uma coerência cultural para qualquer coisa ser como seja.

Essa coerência vem de nossas cegueiras e ilusões; e é o que Morin chama de “normalização” (2002, p. 28). Essa lógica criada para as coisas, que faz com que tudo nos pareça simplesmente normal. Dessa maneira, as situações e circunstâncias que vivemos se nos apresentam quase sempre já normalizadas, por mais absurdas que possam ser, na essência; de modo que nem pensemos em contestá-las, em qualquer momento. E aqui, como exemplo, podemos pensar na violência desse nosso mundo que vivemos hoje, de certa forma já bem normalizada, de maneira que nos deparemos diariamente com informações drásticas a esse respeito, mas sejamos capazes de darmos continuidade aos nossos dias normalmente... Como se tomar conhecimento dessa violência – que já nos é “normal” – hoje em dia, fosse tão corriqueiro e aceitável quanto comprarmos pão na padaria da esquina...

Esse tempo de crise e de crises, de falsas racionalidades; de cegueiras, ilusões, mentiras; e de inúmeras coerências desumanas legitimadas, gerou, assim, uma sociedade de pessoas “blindadas”, como considera Assmann (2003, p. 26):

Em meio a esse panorama, não é de se estranhar que muitas pessoas se tenham fechado no seu cotidiano de garantias mínimas de sobrevivência, sua e dos “seus”, e se tenham blindado numa indiferença e insensibilidade em relação a desafios sociais mais amplos.

Todos nós que vivemos no século XX vimos, mesmo que sem perceber, o crescimento desenfreado da indiferença e da insensibilidade, no mesmo compasso dos crescimentos dos grandes centros urbanos, das grandes potências econômicas mundiais, dos avanços da ciência e das descobertas tecnológicas.

Vimos o mundo crescer fora de nós e deixamos o mundo dentro de nós minguar... Como se nos defendêssemos da crise e das crises todas, com nossas válvulas de escape e nossos processos catárticos mais encrostados e incrustadores. Quase como se por apenas algumas garantias mínimas de sobrevivência, como nos disse Assmann (2003), somadas a alguns poucos prazeres legítimos, desativássemos em nós toda a nossa sensibilidade humana.

E assim perdemos o rumo do humano em nós. Encalhamos no mar agitado da complexidade, com nossos pensamentos engessados, e afundamos com o peso de nossas impressões culturais, nossas normalizações, nossos paradigmas e nossa falsa racionalidade.

Mas talvez afundar seja exatamente o que necessitemos nesse momento. Talvez a humanidade tenha assim a chance de conhecer as profundezas dessas águas torrenciais, agitadíssimas; e talvez lá encontre, enfim, sua serenidade... para emergir mais sábia, mais consciente de si, e, assim, seguir...

Porque, nessa nossa jornada humana percebemos, em olhar para a nossa história, uma insistente cisma na insensibilidade. Dia-a-dia, década-a-década, século-a-século, crescemos em nossa apatia política, como nos lembra Assmann (2003). Dizíamos a nossa sensibilidade em muitos sentidos do sensível. Cegamo-nos à interdependência... Tapamos as nossas pupilas para o encontro de nós mesmos e de cada qual a cada qual. Vetamo-nos assim, também e consequentemente, o encontro com o outro, com o mundo, com o todo em si...

Assim, talvez, essa crise generalizada, da qual derivam todas as outras crises que vivemos, seja enfim a crise de nossa identidade humana... O efeito do nosso distanciamento de nossa essência... O reflexo da perda do nosso rumo desejado...

A humanidade chegou ao século XX toda promissora. Percorreu cada década entre juras e crenças de desenvolvimentos grandessíssimos generalizados. Mas atravessamos todas as décadas – todas elas – e o século inteiro, sem darmos conta de universalizarmos as idéias mínimas – mínimas! – de direitos humanos e de dignidade humana...

Como nos alerta Assmann (2003), acharmos que essa consciência – de direitos, deveres e dignidade humana – seja patrimônio ético consensual da humanidade é um grave engano. Somos humanos, *Homo sapiens sapiens*, em pleno século XXI, e não sabemos quase nada sobre nós mesmos; não percebemos o mínimo do humano em si... Não nos demos conta ainda do Humano como possibilidade humana...

A humanidade não consegue gerar a Humanidade...

E aqui, ousemos algumas reflexões, a partir dos seguintes dizeres de Morin (2002, p. 70):

O século XX foi o da aliança entre duas barbáries: a primeira vem das profundezas dos tempos e traz guerra, massacre, deportação, fanatismo. A segunda, gélida, anônima, vem do âmago da racionalização, que só conhece o cálculo e ignora o indivíduo, seu corpo, seus sentimentos, sua alma, e que multiplica o poderio da morte e da servidão técnico-industriais.

Aliança entre duas barbáries. A primeira parece vir de animais sem sentimentos presos em sistemas limitantes de ações controladas. A segunda aparenta o comportamento de super máquinas, demasiadamente inteligentes e insensíveis. Ambas nada sensatas. Uma e outra, respectivamente, efeitos das “extremações” da pulsão e da razão humanas.

É essa aliança que chancela muito do jeito como vemos e vivemos hoje, nesse nosso presente. É dela que colhemos, como humanidade, muitas das coisas que trazemos conosco para esse começo de novo milênio, como legado . E é nela que se deram muitas das nossas experiências de vida e convivência nesse século XX, recém passado. Nela, e em suas circunstâncias, que, no fim das contas, se deram quase todas as promissões de nosso apogeu humano de desenvolvimento...

Em outras palavras, vivemos todo esse ápice de existência humana, todo esse auge das nossas possibilidades, o tempo prometido, a era das grandes descobertas, o momento do pleno desenvolvimento... o tempo em que o mundo se fez mundo em si, e que a humanidade em si se fez conscientemente possível ... na ausência quase plena do Amor, na falta de consciência quase que absoluta de nossa essência humana, no transtorno totalmente atordoado de nossos extremos de bipolaridade entre o cúmulo das nossas pulsões mais inconsequentes e os acúmulos supérfluos de nossas racionalizações mais inúteis.

Passamos por esse tempo todo sem amar...

Frans de Waal, célebre primatologista, publicou um livro como resultado de uma pesquisa muito detalhada sobre a convivência entre chimpanzés em um grande zoológico. E para esse livro escolheu o nome de “Política Chimpanzé”.

Waal (2007) compara em alguns momentos o comportamento social dos chimpanzés ao comportamento de nós, humanos, em sociedade, como esclarece ao remeter-se a dizeres aristotélicos de que nós humanos somos animais políticos¹⁰. Daí, aliás, é que colhe a idéia para intitular seu trabalho.

E nós discordamos de Waal em achar que o comportamento social dos chimpanzés se assemelhe a nossos comportamentos em sociedade, mas apostamos confiantemente no contrário... Apesar de toda a nossa humanidade, pensamos que é o nosso comportamento em sociedade que, talvez, se assemelhe cada vez mais aos jeitos de ver e de viver dos chimpanzés...

A verdade é que somos animais também. Também animais. E, também fazemos política. Assim somos possíveis animais políticos ou ainda animais também políticos. Mas a idéia de política não sintetiza em si, de maneira nenhuma, a nossa essência humana. Da mesma forma como somos irredutíveis a animais simplesmente sociais, por exemplo. Porque não somos animais meramente sociais, nem individuais. Não somos, em nós, nem animais só naturais, nem animais só culturais. Somos também essas coisas. Porque somos todas elas juntas, além de muitas mais...

¹⁰ "o homem é por natureza um animal político", frase do pensador grego em seu texto “Política”.

Assim, a essência humana em si, além de estar nessa unimultiplicidade toda, está também, acreditamos, na nossa aposta neotênica no Amor.

Desse modo, acreditamos como Maturana (2002) que nascemos predestinados a uma coexistência amorosa, em que co-operemos na consciência plena de nossa interdependência, além de com-vivermos plenamente no desejo dessas nossas inter-relações:

“Os seres humanos somos animais cooperadores dependentes do amor em todas as idades.” (p.62)

Somos, assim, animais cooperadores. E dependemos do Amor... Nosso advento na Terra nos sugere um viver “cooperador, grato e sensual” (p. 74). Porque somos, nós, animais sensuais, sensíveis, sensórios e sinestésicos.

E lembramos aqui que também concordamos com Maturana (2002) em pensarmos que a diferença essencial entre nós e os chimpanzés não é racional. Pensamos que essa diferença seja antes, essencialmente emocional:

Esta diferença entre nós – seres humanos – e os chimpanzés não é racional, não pertence ao domínio racional, pertence ao domínio emocional. Ambas as classes de linhagem implicam numa expansão da capacidade de consensualidade e, portanto, da inteligência. Mas esta expansão tem lugar numa vida centrada na cooperação e a outra, na vida centrada na competição e na manipulação das relações. (p. 63)

Assim sendo, biologicamente, as janelas à inteligência – e, consequentemente, a possibilidade da racionalidade – nos foram igualmente abertas em nossas jornadas evolutivas. Chimpanzés também possuem o cérebro triúnico de MacLean...

Mas pensamos que o desenvolvimento da inteligência, da racionalidade e de todos os seus alcances possíveis, nos chimpanzés, se limitou a partir de seus relacionamentos entre dominações e sujeições; na convivência que assumem em desconfiança e manipulações de relações.

Sendo que, no humano, acreditamos que nossa aposta neotênica nas conservações de experiências afetivas, seja responsável por muito do nosso desenvolvimento. Pensamos que essa ousadia neotênica tenha nos provocado um imenso desejo de intimidade... de achegarmo-nos uns aos outros, de aconchegarmo-nos uns nos outros... pelo qual nos

transformamos em seres hiper comunicantes, com o tempo... Seres existentes em linguagem, de maneira que desenvolvêsemos, como tais, também as nossas inteligências e racionalidade, paulatinamente e cada vez mais, em processos consequentes, sempre interdependentes e retroacionais.

E a essa maneira de viver e conviver, notada nesses relacionamentos correntes entre os chimpanzés, Maturana chama de “coexistência política” (2002, p.78)...

Nela, qualquer possibilidade à intimidade se perde, porque ela não se funda, nem se funde, no Amor. A coexistência política se dá, assim, na desconfiança e na manipulação das relações, como já dissemos. Nela as relações passam a acontecer no domínio das dinâmicas políticas, em que qualquer coisa passa a ser altamente transitória, porque meramente instrumental. As coisas deixam de ser em si, para serem sempre em funções de quaisquer outras coisas.

Assim, um abraço – que em uma coexistência em Amor existe sempre em si mesmo, como simples gesto de afeto, carinho e bem-querência –, na coexistência política, passa a ser apenas o gesto falso e vazio para se preservar qualquer aparência desejável, o ato interesseiro para se deter qualquer besteira pretendida, ou mediocrementemente uma mera manobra inerte de corpos em manutenções diárias de hipocrisia cotidiana.

Assim, chimpanzés sim, são, em geral, animais políticos. Chimpanzés e outros “primos” primatas... Babuínas levemente famintas se entregam sem pudor, nem humor nem qualquer amor a machos-alfa da espécie para comerem, em troca, parte de seus mantimentos mantidos para si. E aparentemente vivem bem assim...

Mas nós cremos que nós, seres humanos, somos animais amorosos além de cooperadores, e que nossa coexistência deva dar-se, assim, em Amor e cooperações... Sempre. Na com-vivência consciente e desejada, sensível e solidária, entre todos nós.

E aqui voltamos a Maturana (2002), para outra vez em concordância a ele afirmarmos que:

Pensamos que conosco – os seres humanos – é diferente e que a emoção fundamental ou o fundamento emotivo em que ocorre a vida da comunidade humana é a cooperação, a saber, a confiança mútua e o respeito mútuo nas relações interpessoais. Os seres humanos ficam enfermos num ambiente de desconfiança, manipulação e instrumentalização das relações. Nossas crianças necessitam crescer na confiança, na aceitação corporal sem exigências, no prazer de estar juntos, isto é na cooperação, para se tornarem indivíduos bem integrados e seres sociais. (p. 61)

Pensamos mesmo sermos diferentes. Mas, apesar de toda nossa diferença, reconhecemos sermos capazes de vivermos mesmo como nossos “primos”. Somos animais políticos possíveis e a coexistência política nos é permissível sim, reconhecidamente, apesar de qualquer diferença que haja entre humanos e outros primatas. E mais: esse conviver em dinâmicas políticas, além de nos ser permissível, acaba plausível a muitos de nós, “humanos”, quase como em uma conveniente moda “retrô” de convivência. Quase como: “A coexistência política é a tendência do momento!”...

Sim. E assim usamos toda nossa linguagem – verbal, corporal, nossa metalinguagem... –, toda sorte de comunicações de que dispomos, além de nossas super inteligências múltiplas, para tramarmos teorias mirabolantes e maquiavélicas, que atestem nossa coexistência política. “Cientificamente provada”. Aí transferimos qualquer sentimento culposos à nossa biologia... chamamos de “lei da natureza”, apelamos para a “vontade divina”, nomeamos um gen, um par de cromossomos inocentes...

E assim nos resolvemos entre nós: “vêm como somos inocentes!”

E pronto! Fazem-se explicadas todas as nossas relações de dominações e sujeições; todas as exclusões que mantemos; todas as “abissalidades” que cavamos; todas as bestialidades em que nos bastamos. Explicamos toda a violência e agressividade que exercemos, e nos sedamos todos. Explicamos todas as depressões que vivemos e medicamos todas. “Santa alopatia!”... Daí, cheios de anestesia, explicamos o capitalismo; a pobreza, a fome e a morte... Nos conformamos às mansões de 50 cômodos para uma pessoa e com os barracos de 3m² para a mãe com seus onze filhos. “A vida é assim!”, dizemos... E aí restamos pacientes. Afinal, nada há que se fazer, porque “é assim a vida”... Viadutos também são assim: carros caríssimos passam por cima, gente paupérrima vive por baixo...

E aí, que surpresa há em estarmos em plena crise?

Nenhuma. Nós não nascemos para viver como vivemos e viver assim, embora nos seja possível – como vemos e vivemos –, nos faz doentes. Os indivíduos estamos enfermos... A sociedade está enferma... A espécie humana está enferma...

A humanidade precisa de cuidado... no sentido mais cuidador de cuidar...

Estamos quase todos doentes. E talvez hoje entendamos com primor a essência das expressões populares de comparações exageradas que dizem: “tal coisa é mais velha que andar para trás”...

Porque talvez “andar para trás” seja mesmo umas das ações humanas mais antigas e recorrentes de nossa história. Aliás, é provável que, como humanidade, jamais tenhamos “andado para frente” realmente em nossa proposta mais essencial de existência: a experiência do Amor.

Salvo alguns poetas, loucos, poucos, que – em perceberem que voar era mesmo do homem e da mulher – criaram asas e debandaram de toda a “normose” a nossa vida em sociedade... é bem provável que a humanidade tenha mesmo andado, sempre, para trás...

Afinal, vivemos o que há de mais moderno na história humana. Presenciamos todos o advento do século XXI: o novo milênio! Somos o presente de todo o desenvolvimento humano no mundo e... O que é que vemos em nós? O que vivemos entre nós? Como é que convivemos?

Sem jamais generalizar, nem deixar de relevar o acontecimento de muitas coisas boas em nosso momento recente, que nos enriquecem de esperança e fé e nos enchem de sonhos plenamente realizáveis – que, aliás, nutrem o acontecimento desse texto inteiro –, dizemos sem medo que, em geral, como sociedade, nós humanos nunca fomos tão parecidos com nossos “primos” chimpanzés...:

Nós somos biologicamente diferentes dos chimpanzés (vivemos um fenótipo ontogênico diferente) porque pertencemos a uma história de conservação do amor como fundamento de nosso conviver, ao passo que eles, não. Há semelhanças entre nós e os chimpanzés, sem dúvida, e algumas têm fundamento biológico ancestral, mas outras são o resultado de uma proximidade cultural, muito recente, à sua maneira de viver, na instrumentalização patriarcal que fazemos das relações de domínio e sujeição em nossa vida política humana” (Maturana, 2002, p. 75)

É por isso que o símio de Kafka soube muito bem se tornar um de nós¹¹. Menos porque se humanizou e mais, bem mais, porque nós nos desumanizamos.

Lembremos aqui, que nós, seres humanos, desenvolvemos, em nossa história evolutiva, nossa linguagem e nossa inteligência a tal ponto, que nos tornamos capazes de subvertê-las a favor do que quisermos, de qualquer “bem” que desejarmos, seja ele o que for. Assim, é possível que justifiquemos racionalmente as nossas mais ignóbeis irracionalidades. Que nos valhamos dessas nossas aptidões humanas, das mais marcantes, para autenticarmos as nossas mais absurdas desumanidades.

Tais justificativas e autenticações se imprimem em nós o tempo todo, sem cessar, e nessa medida, validam os mais diversos comportamentos que possamos conservar como espécie em sociedade, marcando-nos com o ferro em brasa do paradigma vigente e concedendo-nos, também, toda a coerência cultural de que necessitamos para fazermos todas as coisas que fazemos e para deixarmos de fazer todas aquelas que não fazemos.

Nesse senso, dentro desse contexto de cegueira paradigmática, desenvolvemos uma coerência cultural para que a nossa cultura – ela mesma – seja como seja; para que a nossa sociedade seja como seja; para que as nossas relações sejam como sejam... Para que a nossa política, nossa ciência, nossa economia sejam como sejam. Para que a nossa escola seja como é...

E essa coerência cultural obtemos em vivermos uma cultura que nos aproxima e muito de nosso passado ancestral... Uma cultura que nos aproxima de momentos já temporalmente distantes, de linhagens precedentes à nossa, de outros primatas, de primazias primitivas; de “primos”... Uma cultura que nos aproxima dos chimpanzés...

E ironicamente, à medida que, como humanidade, andamos para trás, primatologistas descobrem mais e mais dos bonobos¹², uma espécie de “mini-chimpanzés” que

¹¹ Franz Kafka em “Um relatório para uma Academia”. Texto em que o pensador tcheco descreve o relato de um símio que conta para acadêmicos como ele, depois de ser capturado na Costa do Ouro – colônia portuguesa na África, em território da atual Gana –, abandonou a condição de macaco selvagem para transformar-se em um autêntico humano, nas mesmas condições ditas civilizadas dos tais.

¹² O bonobo é uma espécie de primata do mesmo gênero dos chimpanzés. É chamado também de chimpanzé pigmeu, anão ou grácil. Foram descobertos relativamente a não muito tempo, em 1928, pelo anatomista estadunidense Harold Coolidge. A espécie é endêmica da República Democrática do Congo e vive ameaçada de extinção. Os bonobos surpreenderam os pesquisadores por algumas características bastante especiais apresentadas por eles em suas maneiras de organizarem-se coletivamente, nos seus bandos, muitas delas relacionadas ao domínio das emoções, à afetividade e aos traços de matriarcado notados na observação dos modos como convivem. Não foram ainda largamente estudados, sendo Frans de Waal, um de seus pesquisadores.

convivem na intimidade, se organizam em comunidades matriarcais e que demonstram comportamentos bem mais humanos que aqueles que demonstramos entre nós, em diversas situações...

Como já entendemos, essa cultura que vivemos, que é reproduzida e que se faz reproduzir em nós, nos conserva sistematicamente nessas maneiras de viver... que mais nos assemelham a chimpanzés que a seres humanos. E é assim que nos mantemos em nossa coexistência política, mesmo doentes. Mesmo na doença das nossas relações dominadoras e sujeitadas em todas as suas sérias e lamentáveis consequências a nós... a cada qual individualmente e a todos, coletivamente; como espécie e como sociedade.

É assim, nesse patriarcado, que preservamos as nossas relações... E aqui acompanhemos, por mais uma vez, as idéias de Maturana (2002, p. 78):

A maioria dos seres humanos vive, hoje em dia, de uma maneira ou de outra, numa cultura patriarcal. A cultura patriarcal está caracterizada por uma maneira de viver na apropriação, desconfiança, controle, domínio e sujeição, na discriminação sexual e na guerra. Numa cultura patriarcal a coexistência humana tem muitas formas, mas é essencialmente política, isto é, as relações interpessoais são vistas, na maioria das vezes, como instrumentos para ganhar superioridade numa luta contínua pelo poder e são vividas, na maioria das vezes, como tal.

Aqui, talvez, comecemos a perceber como esse caráter patriarcal de nossas aculturações influencia tantas das coisas que vivemos hoje... e como chega mesmo a determinar precisamente várias delas. E aqui talvez comecemos a perceber como também o jeito de vermos o mundo, e principalmente de convivermos nele, decorrem todos desse caráter cultural que vivemos. Porque, o mundo, desde que o mundo é mesmo mundo, existe nas dominações e sujeições de uma cultura humana exacerbadamente patriarcal.

E essa cultura patriarcal transformou-se, à humanidade, em uma espécie de fenômeno “sobrecultural”... Uma quase que supracultura a pairar supra e subliminarmente pela pluralidade cultural. Uma essência de cultura dominante, que nesse entremeio de dinâmicas políticas de coexistência, gera a dominância que sustenta todas as dominações que se estabelecem na humanidade.

E, sobre essa cultura dominante, Assmann (2003, p. 96) nos diz que: “uma característica importante da cultura dominante é que ela se apresenta como *a* cultura. O mundo organizado e interpretado por essa cultura é visto como *a* realidade”. Ou seja, é ness’*a* realidade pronta, definida e unificada, que quem domina aprisiona os seus dominados. E ess’*a* realidade se dá justamente pel’*a* cultura, a cultura dominante, que se impõe a todos, nesse mundo mais mundo, nas suas versões incontestes, de suas certezas indubitáveis, com suas verdades absolutas.

E assim permanecemos todos limitados em nossa maneira de ver e viver o mundo, em desperdícios cegos – e na maioria das vezes inconscientes – de nossa possibilidade humana.

Nós, humanos, em nossa história, mantivemos muitas vezes as nossas relações nas dominações e sujeições que nos afastam da nossa possibilidade humana, na aposta que neotenicamente fizemos em uma com-vivência existenciada no amar...

E assim já presenciamos humanos dominando humanos pela guerra; já presenciamos humanos dominando humanos pelo dinheiro; já presenciamos humanos dominando humanos em diversas dinâmicas políticas distintas...

E presenciamos os humanos perceberem, com o tempo, que a maneira mais eficaz e eficiente de exercer suas dominações é mesmo pela cultura. Os humanos aprenderam que a cultura tem mais poder que armas nucleares e taxações sobre dívidas financeiras. E assim vivemos hoje esse presente de dominações culturais...

Mas muitos subestimam esse tal poder da cultura, acreditando mesmo restarem além de seu alcance. Mas a realidade é que a cultura nos acomete a todos e equivalentemente.

Como exemplo, pensemos hipoteticamente em uma nação que exerça uma grande dominação cultural sobre o restante do planeta... Essa dominação se engendra de uma maneira tal que mesmo a população dessa nação, mesmo os “seus” todos se submetem a ela. Aí podemos supor que nessa nação haja poucos grandes, os “senhores” do mercado financeiro, da mídia, da política, da indústria, que articulam essa dominância toda para que eles se beneficiem. Mas a verdade é que nem eles restam além dos efeitos prejudiciais dessa dominação cultural... Ninguém resta além...

Na idéia piramidal de uma cultura patriarcal, nem o topo da pirâmide, ou seja, nem os grandes e soberanos “patriarcas” de nossa sociedade restam imunes às dominações que se

estabelecem. É como se essa maneira de convivência escapasse a qualquer controle de qualquer pessoa, comunidade, ala social, estado, continente ou hemisfério do globo terrestre.

Nessa convivência toda “patriarcada”, entre dominações e sujeições, mesmo os mais dominadores se sujeitam; todos restam, de alguma maneira, dominados...

E o patriarcado, para não gerarmos quaisquer impressões indesejadas, não é, em si, mal, ruim ou negativo. Ele apenas o passa a ser, na desarmonia de seu exagero solitário... na inconsciência da sua “solitude” limitada e nas ausências todas das coisas que ele, solteiro desse jeito, “inalcança”...

Pensamos em patriarcado como um aspecto energético... quase como uma densidade... O matriarcado seria assim, seu aspecto complementar, uma densidade distinta em si, relativamente oposta, mas relacionalmente par de seus opostos todos. Inseparáveis. Totalmente interdependentes e complementares entre si.

As vinculações às idéias de pai e mãe, homem e mulher, masculino e feminino precisam ser em grande parte transcendidas. Especialmente nas tangências que fazemos automaticamente entre essas dualidades todas e a idéia de sexualidade.

Acreditamos que essas dualidades todas sejam, na verdade, energias distintas complementares, densidades diversas que se atendem entre si em intenções de totalidade. Como na idéia de *yin* e de *yang*, que herdamos da tradição milenar oriental... em que *yin* é a energia feminina e que *yang* é a energia masculina.

E como energias, além de totalmente complementares, elas são também altamente voláteis, fluidas e metamórficas, quase amorfas e anônimas em suas dinâmicas de interações constantes, na complexidade de toda a existência. Assim, transcendendo a idéia de sexualidade e a todas as dinâmicas excludentes de pensamento que negam as ambivalências da vida, podemos dizer que homens e mulheres, todos os seres vivos e todas as coisas na vida se fazem dessas e nessas interações energéticas permanentes, em mesclas variadas – entre as infinitas possibilidades – das suas densidades distintas, a variarem-se em intensidade quase que sem parar.

Mas se passamos a gerar as nossas coisas todas no seio de um aspecto único, isolado e solitário, encerrado em si, podemos chegar mesmo a um só resultado: a desarmonia.

E é exatamente o que fizemos. Na dualidade de *yin* e *yang* escolhemos *yang* e fundamos todas as nossas relações, como sociedade, no “patriarcalismo”.

E assim estabelecemos as relações: o patriarcado é masculino; o masculino é racional; o racional é prático; o prático é produtivo... o produtivo se relaciona com trabalho, o trabalho com o mercado e o mercado move as engrenagens do acontecimento de quase tudo no mundo hoje...

A partir dessas relações podemos, quem sabe, entender de onde vêm fenômenos como o machismo; a objetividade exagerada, a praticidade em demasia e a coisificação da relação e das pessoas todas; a “instrutividade” e as capacitações profissionais como cerne das nossas relações educacionais; as políticas governamentais dos estados; o sistema econômico em que vivemos; as guerras; os regimes ditatoriais; o aquecimento global; e muitos outros acontecimentos de nossa sociedade através do tempo e hoje, em nosso presente...

Uma cultura exacerbadamente patriarcal nos faz órfãos de muitas coisas... Nos faz órfãos de toda loucura sã, de toda poesia diária. Restamos todos prosaicos e verborrágicos. Ficamos órfãos de “olho no olho”, ficamos órfãos de silêncios reveladores, de transcendências, de sentidos escondidos nos detalhes do indizível e nas imensidões do inexplicável.

Ficamos órfãos do “lar, doce lar”, da boa vizinhança, da família em que viemos à vida e da outra, essa que escolhemos pela vida... Órfãos das relações sinceras na simplicidade das intenções; da possibilidade de com-vivência simplesmente em amar.

Restamos órfãos de nossa aposta neotênica e mesmo de nossa possibilidade humana. Órfãos do ócio, do lazer, do prazer, da estética, da criatividade, das emoções, do afeto, do subjetivo de tudo, do flexível, do Amor...

Ficamos órfãos de arte, de sensibilidade, de subtilidades... de beleza, de gentileza, de delicadeza... Órfãos de espírito solidário, de fé na vida, de esperanças miúdas válidas o bastante, de gosto bom no viver com...

Assim, porque queremos muito todas essas coisas, torcemos para que toda essa crise da humanidade, seja também uma crise de passagem... Que represente nosso trânsito para o novo... O florescer de idéias inéditas, as (re)visões de coisas essenciais, o “borboletar-se” leve e dançante da sociedade transformada... A viagem para o presente que queremos viver...

E sem que entremos na era de uma cultura demasiadamente matriarcal; sem nos esquecermos do *yang* de todo esse tempo, para isolarmos dessa vez o *yin* de nossa existência para outra vez padecermos de ausências. A sociedade viveu tempos ruins sendo machista, mas viveria coisas igualmente desgostosas sendo feminista em si...

Que essa passagem seja de uma sociedade masculina para uma sociedade que nem seja só masculina, nem só feminina: mas que seja uma sociedade andrógina. Andrógina no senso de ser a harmonia de *yin* e *yang* em plenas interações no acontecimento da humanidade na Terra. Andrógina na idéia de ser dual e assumidamente ambivalente. Andrógina porque paradoxal...

Para vivermos arte, mas também ciência. Pela subjetividade sem negar o objetivo. Pela emotividade par da racionalidade, simbióticas no desenvolvimento da possibilidade humana. Pela seriedade e pela brincadeira. Pelo direto e reto e pelo prolixo. Pelas curvas. Pelo ponto final e pelas reticências. Pela praticidade pertinente às vezes e também pela experiência estética das coisas todas. Pelo direito de trabalharmos, pelo direito de fazermos outras coisas além de trabalhar... e pelo direito de termos prazer nas duas coisas; de encontrarmos lazer onde percebermos qualquer chance de deleite, e aproveitarmos assim a vida, toda e totalmente, na esfera individual, em sociedade e planetariamente...

Para que encerremos, enfim, esses nossos andares cegos batendo cabeças entre extremos, sempre... Afinal, não se trata de abandonar de repente todo o *sapiens* em nós, para sermos só *demens*. Não se trata de abandonarmos todo o masculino em nós para nos “feminilizarmos” totalmente. Trata-se de sermos capazes de perceber o dual, de aceitar as ambivalências da existência. Trata-se de afirmarmos coisas sem necessariamente negarmos suas oposições.

Assim, esperamos que o próximo paradigma seja o paradigma paradoxal... o paradigma complexo, que nos deixe enxergar bem a complexidade e a estarmos confortáveis nela, para nela desenvolvermos os nossos veres, nossos viveres e nosso conviver...

Concordamos com Morin (2002) em pensarmos que o século XX sofreu terrivelmente de carência afetiva, que sofremos muito com a indiferença, com a dureza e com a crueldade.

Por essas razões é que pensamos que o Amor – que, para nós, nos é sempre fundamental – faz-se mais que importante nesse momento de passagem da humanidade para o novo, nesse momento de transformações do humano em sociedade.

Acreditamos que a afetividade seja essa ponte que nos revolva ao passado essencial e que nos remeta a um futuro bom, muito bom... e que nos faça essas coisas precisamente nos mantendo presentes no presente que temos, em constante contato com o

presente que queremos ter. O afeto como uma ponte que os traga exatamente para cá... e aí, daqui, para o que quisermos.

E o que queremos?

Porque é real que nós todos vivemos, incontestavelmente, essas conturbações todas, culminadas no século XX, que nos atestam o que Morin chama de “herança de morte” (2002, p. 70). Esse peso e pesar que trazemos conosco, inevitavelmente, até aqui, como grilhões presos nos pés...

Mas como o mesmo Morin já nos testamenta, nesse mundo complexo repleto de paradoxos, essa mesma herança de morte se nos faz, também, uma “herança de nascimento”...

Uma herança de nascimento do novo, uma possibilidade humana para que nos humanizemos mais... uma faísca de paz, centelha de consciência, uma fagulha de família humana, de Humanidade em nós. Uma chama para as fundições do novo, para a gênese do desejado, para o reencontro com o sonho humanitário da existência. Uma esperança para nós e para o mundo...

E sobre toda a sorte de coisas boas que vivemos, que dizemos nos serem conscientes e extremamente celebradas como avivamentos de possibilidade, lembramos contentes e cheios de boa fé que o século XX também testemunhou o surgimento de muitas contracorrentes. Ainda que muitos estivessem talvez ocupados demais para ver, nesse mundo cada vez mais sem vírgulas, pessoas colocaram pontos finais em velhas maneiras, para inventarem novos começos. Pessoas pararam totalmente, nesse mundo sem pausas, para fazerem as coisas de outro jeito. E nesses tempos de apnéia; pessoas começaram a respirar... conscientemente.

Pouco ainda para ser a mudança, mas muito para já fazer diferença. E, quem sabe entre um e outro, acreditemos, o suficiente para ser o começo desse novo tempo...

E é o que nós acreditamos. Acreditamos demais no humano. Acreditamos no Humano do humano. Acreditamos na Humanidade.

Acreditamos, como Morin (2002), na Humanidade como destino planetário. E que nós somos plenamente capazes de salvá-la – a Humanidade – dos riscos todos que corre, simplesmente realizando-a.

Sobre o futuro tudo o que temos é incerteza... Desconhecemos qualquer preceito que nos permita saber exatamente o que será... Mas nós cremos no nosso presente, cremos nos nossos sonhos que sonhamos, e nas pernas que temos para caminhar por eles, afinal, como nos canta essa letra do mineiro Vander: “a estrada é pra caminhar”¹³.

E o caminho a gente faz no caminho mesmo... É de prumo que a gente acerta o rumo... E em recordações de Maturana (2002), nós fazemos mesmo o nosso futuro dentro do presente que vivemos... qualquer possibilidade de um “outro” mundo, parte mesmo desse mundo que temos hoje...

“Na mudança de atitude não há mal que não se mude nem doença sem cura. Na mudança de postura a gente fica mais seguro, na mudança do presente a gente molda o futuro!”... É o que nos canta Gabriel, o pensador, quando nos questiona sobre até quando vamos manter esse presente que não queremos¹⁴...

E sobre a mudança do presente que temos para aquele que queremos... sobre as transformações nas atitudes humanas, nas nossas posturas éticas, sociais e planetárias... nós acreditamos demais na educação...

Acreditamos nas relações educacionais como força motriz, matriz e motora desses nossos sonhos e dessas nossas pernas, para caminharmos qualquer caminho, em quaisquer direções que quisermos.

Acreditamos, como Morin (2002), na educação como cerne de nossa missão hoje pela cidadania terrestre.

Acreditamos que a afetividade e, nela, o Amor, estejam no centro da Humanidade que nos espera... e que as relações educacionais – e nelas, as idéias de educar e também as escolas – estejam na essência da possibilidade de realizarmo-La, em nosso viver, nesse nosso presente.

Assim concordamos também com Maturana (2002) em pensarmos que o humano conservar-se-á ou perder-se-á na essência e na maneira das relações educacionais que estabelecermos entre nós, em geral.

E nesse presente de crise generalizada, de muitas conturbações, adversidades... dessa crise civilizacional de proporções verdadeiramente planetárias... da grande crise da

¹³ Vander Lee em “Sonhos e Pernas” – Álbum: Ao vivo – 2003, Indie Records

¹⁴ Gabriel o Pensador em “Até quando?” – Álbum: Seja sempre você mesmo (mas não seja sempre o mesmo) – 2001, Sony Music.

humanidade... Concordamos com Assmann (2003) em pensarmos que todo esse desastre humano mais que iminente só se poderá tornar-se mesmo irreversível onde a educação se omitir...

4 Escola e Afeto

Se o desastre humano eminente depende mesmo de omissões das nossas relações educacionais, temos razões mais que suficientes para admiti-las com todo o comprometimento que podemos.

Temos razões mais que suficientes para procurar entendê-las – as relações educacionais – em como se deram pela história humana até hoje, em seu acontecimento presente e em todo seu potencial preservado, ainda nada ou muito pouco tocado pelas mãos humanas. Temos razões mais que suficientes para revermos as nossas idéias sobre o que seja realmente educar... bem como para reconhecermos as nossas escolas e, a partir desse reconhecimento consciente, quem sabe, pensarmos o novo, sentirmos o novo e fazermos o novo na nossa realidade escolar...

Porque temos razões mais que suficientes para nos permitirmos às emoções e sensibilizarmo-nos à temática das relações educacionais, cheios de “apaixonamento” pela causa humana – como talvez jamais fizemos antes –, e assim reinventarmos nossas relações educacionais, nossas idéias de educar... nossas escolas...

Tendo sempre o afeto, conscientemente, como essência da realidade Humana; da Humanidade... e sendo a escola, daqui para frente, parte importante da essência consciente de nossas possibilidades reais de realiza-La...

Escola e afeto.

O afeto na escola.

A escola no afeto...

As reflexões nessa monografia se ampliaram e se ampliam, para além, porque perseguem a complexidade da existência... A complexidade das coisas todas, que se inter-retroagem e relacionam-se o tempo todo entre si, sendo assim elementais, umas nos entendimentos das outras. Mas é idéia central desse texto, como sempre dissemos, pensarmos a realidade e as possibilidades das relações entre esses dois fenômenos: afeto e escola...

Das realidades possíveis às possibilidades reais... na importância que assumem a nós e uma à outra, nessa busca retroacional incessante do humano pelo Humano em si e do Humano em si pelo humano em nós mesmos...

Passemos assim daqui, para algumas reflexões primeiras, específicas sobre a escola...

Se pensarmos na idéia de escola hoje, relacionaremos-la muito provavelmente a um espaço destinado às relações educacionais. Um espaço de ensino, de aprendizagem; de formações. E talvez pensemos mais – e mais profundamente –, dizendo da escola, se tratar de um espaço formal e formado para essas relações todas, dentro das organizações sociais diversas. Dizendo que consiste em um ambiente de convivência entre as pessoas; de troca entre elas e, supostamente, de partilha também. Que seja, enfim e afinal, um microcosmo de nossa sociedade; um lugar de espelhamento das nossas relações comunitárias. E assim, nessa cadência, podemos aprofundar mais e mais os nossos pensamentos acerca da escola. Mas, entre todos esses pensamentos possíveis acerca da realidade escolar, um que nos importa muito, para esse momento, é constatarmos o relacionamento íntimo que há entre a idéia de escola e a idéia de educar; essa idéia que nos gera as relações educacionais, que existenciam seu acontecimento na escola.

Outro aspecto a constatarmos, também muito importante nesse momento, é a existência da escola como uma dentre as instituições sociais. A escola como parte da sociedade, criada pela sociedade, para ela mesma. A escola como esse aspecto social em constante diálogo com a sociedade em si e todo o seu amplo e sistêmico contexto, em volta de si. A escola, que nos aparece assim como parte de um todo complexo totalmente interligado e interdependente, interagindo essa dinâmica sistêmica relacional, desde o seu surgimento na história e no mundo, até aqui, nos dias de hoje, no presente que vivemos.

E se percebemos mesmo esse envolvimento entre escola e sociedade, constatemos também as relações que inevitavelmente se estabelecem entre escola e cultura; sendo sociedade e cultura coisas assim tão mãe e filha uma da outra, como fenômenos coexistentes, sempre simultaneamente.

É como se constatássemos aqui a existência da tríade escola-cultura-sociedade, em que, dentro de nosso contexto atual, cada uma das três age, interage e inter-retroage junto às demais, dinâmica e sistematicamente, entre si, nas suas muitas e diversas relações, que, nesse entremeio, se estabelecem.

Surge-nos daí, a realidade da escola: produto das culturas e das sociedades. Mas é daí também que nos surge a sua possibilidade: ser ela mesma – a escola –, também, produtora de sociedades e de culturas.

Assim, a escola, falemos desde já, pode acontecer de duas maneiras: na função de reproduzir ou no esforço para transformar. Em outras palavras, podemos, na escola, mimeografar os mesmos velhos padrões de quase sempre, que retratam nossa sociedade e nosso mundo desse mesmo velho jeito de hoje em dia; ou podemos, na “mesma” escola, *scanear* nossos sonhos de mundo e sociedade, para imprimirmos, aqui e já, novas e autênticas realidades de vida; quase como fotografar os hologramas que queremos para que se revelem novos jeitos de com-viver entre nós, nesse “mesmo” presente em que vivemos.

Porque é real que sociedade e cultura influenciam a escola, mas é igualmente inevitável que a escola também, de alguma maneira, as influencie. Assim, é possível que essa influência – da escola – seja pulsante, cheia de ganas por transformações, enérgica, efervescente, sonhadora e ávida por libertações. Bem como seja contrapostamente possível, também, que a escola se ferva e se energize em outros sentidos, como aquele, repressivo e censurador, como não poucas vezes se viu – e como infelizmente ainda se vê – em tantas ocasiões no mundo.

E a inevitabilidade das influências da escola sobre a cultura e sobre a sociedade, reside, enfim, na casualidade de que, ainda que ela – a escola – não se posicione firmemente em nada – que não se empenhe, nem pretenda qualquer coisa com força o bastante –, ela há de influenciá-las – sociedade e cultura – pela inércia... Nesse caso, a escola seria uma forte aliada da mesmice, que alimenta os estupores todos, que, de falência em falência, matam o mundo lentamente – aliás, cada vez menos lentamente – por meio de nossas ações, reações e inações “humanas”.

Assim temos, então, já mais claro, esse caráter influenciador da escola sobre cultura e sociedade.

Mas, sendo a escola esse espaço formalmente destinado às relações educacionais, podemos dizer que as ações que nela acontecem, não acontecem baseadas, diretamente, em ideais transformadores, nem em funções reprodutoras, em si. A relação mais direta, em que a escola estabelece suas ações, supomos, é com a idéia de educar que se lhe é instituída; com as visões educacionais que guiam seu acontecimento escolar.

Porque sabemos ser inevitável que as ações realizadas na escola causem efeitos retroagentes sobre a sociedade e a cultura – sejam eles reprodutores, sejam por transformações –, mas, sejam como sejam, pensamos que eles dependem em muito da idéia de educar aceita e “materializada” pela escola, que “justifica” e ajusta as suas várias ações, todas elas, em (r)estrito senso, educacionais.

Daí, a importância de refletirmos sobre o termo “educar” em suas apropriações contemporâneas...

Sem jamais nos esquecermos que, sejam como sejam hoje, todas essas apropriações correntes foram historicamente construídas. Apenas para lembrarmos aqui, que, para entendermos bem porque estamos onde estamos, é imprescindível entendermos como viemos de onde viemos...

Porém, sem que embarquemos em grandes viagens históricas – mesmo sabendo que se trataria de uma viagem mais que interessante e certamente proveitosa –, pensemos um pouco sobre o que seja educar, afinal...

E vamos trazendo conosco já alguma sorte de reflexões feitas, nesse texto, até aqui; mas ainda sempre atentos para, quem sabe, colhermos outros novos e colhermos outros velhos (re)conhecimentos, pelas águas desse momento... que se seguem daqui, sempre para além-mar...

Educar...

Primeiramente, educar é verbo. Sugere ações... realizações... experiências...

Etimologicamente, o verbo educar advém do latim *educare*. Suas raízes semânticas mais primárias nomeiam ações como levar, guiar, conduzir. E na língua latina, significava criar uma criança, nutrir, fazer crescer. Daí, o verbo educar enche-se de significações e traduções de sentido, tais quais: “trazer à luz a idéia”; “extrair de dentro as sementes”; “aperfeiçoar integralmente todas as faculdades humanas”... (MARTINS, 2005)

E é aí que educar surge também como arte... de ensinar; cultivar; partilhar o conhecimento... arte da delicadeza; da polidez; da cortesia... A arte de educar para a vida; para a convivência sensível, amorosa e solidária... Educar para o acontecimento diário, cotidiano, contínuo e crescente do Humano em nós e no mundo.

Assmann (2003) nos recorda ainda de um correspondente em grego para *educare*. É o termo *ek-hodos* – êxodo, em português – que significa “caminho para fora”. A educação assim implica em “sair de si”. E essa implicação incide na capacidade de nos estranharmos a nós mesmos. É o pressuposto das intensas movimentações que caracterizam a nossa existência, nesse estado humano de trânsito constante...

“Sair de si” é, assim, a nossa possibilidade para o novo; o direito do ser de crescer, de se desenvolver, de lançar-se para evoluções. É também o encontro com o diferente e, nesse senso, educar é despertar a alteridade nos seres... É o dom de familiarizarmo-nos com o que nos é estranho; de legitimarmos o diferencial; de reconhecermos o outro, em respeito mútuo e noções de fraternidade humana, ainda que na radicalidade de nossas diferenças. É ainda o dom de reconhecermo-nos no outro, tendo-o sempre como a nossa chance de ser também, em processos cada vez mais empáticos e solidários, no cerne da nossa igualdade essencial.

E nesse entrejogo de sentido, educação passa a significar o processo de amadurecimento humano. O despertar do Humano que há em cada um, em cada um. O caminho para que nos unamos, enfim, em Humanidade. Assim, filosoficamente, em concordância com Martins (2005), educar passa a significar metamorfose: potência em ato; essência em acontecimento; virtualidade em real.

De maneira que educação seja coisa para se viver à vida toda; sempre. Expansível a qualquer instância da vida e expansora da vida em qualquer instância... Todas essas coisas também – e quem sabe hoje principalmente – na escola.

Mas, dentro dessas ideações todas sobre o que seja educar, perguntemo-nos: a escola educa? Perguntemo-nos ainda: a escola, em algum momento da história desde o seu surgimento, educou?

Tais perguntas nos podem gerar até algumas tonturas... E é importante termos clareza em que, assim como existem sociedade e sociedades, cultura e culturas... há também escola e escolas. E generalizações aqui – como em quase qualquer circunstância da vida –, seriam desonestamente confinantes demais às nossas compreensões...

Mas, a essas perguntas, todavia, parece haver uma tendência quase espontânea de nos respondermos que: pelo menos nesse senso pleno da idéia de educar, é possível que a escola nem eduque, nem jamais tenha educado...

Porém, consideremos a resposta oposta de que: sim, a escola educa e sempre educou. E por quê? Dizemos que seja porque, embora as palavras tenham suas significações intrínsecas, suas origens etimológicas, raízes semânticas e fundamentações filosóficas em si, há o empoderamento que socialmente se faz dos termos, que assumem, daí, outras significações práticas culturalmente sobscritas em seus sentidos essenciais.

Nesse senso, a escola de um tempo educa conforme a idéia de educar desse mesmo tempo. Não conforme a idéia ideal, às vezes utópica, às vezes demagoga, às vezes mesmo hipócrita, do que seja educar de uma época, mas de acordo com a idéia real, acionada, realizada e experienciada no dia-a-dia desse tempo; nas suas sociedades e nas culturas e, também, nas escolas.

Afinal, como já percebemos, as escolas são espaços destinados às relações educacionais. E essas relações, de uma maneira ou de outra, acontecem na escola, sejam como sejam. De forma que seja muito pouco provável – praticamente impossível – que alguém passe pela escola sem que nada lhe aconteça a partir dela... Estejam as escolas acontecendo em materializações de idéias ideais ou não...

Daí a importância de entendermos o que seja educar hoje, não sob o ponto de vista do discurso, mas sob o ponto de vista do acontecimento. De como percebemos a escola atualmente, em suas relações gerais. De como as coisas da escola nos chegam, correntemente, aos sentidos... tanto aquelas que vemos hoje, por meio de canais como esse texto, quanto

principalmente aquelas que vivemos em nossas próprias experiências de vida, como educandos, como educadores, como seres nas relações de nosso viver com a experiência escolar...

E, afinal, a partir desse ponto de vista, o que significa educar, atualmente?

Recorramos antes a esse questionamento de Assmann (2003, p.14):

Que significa educar quando a educação já não pode nem reduzir-se à transmissão de saberes prontos, nem limitar-se à formação para funções predeterminadas? Que características deve ter a educação quando, além de encaminhar as pessoas para um mundo de atividades em constante metamorfose, se exige dela que também não descuide os valores de uma sociedade participativa e solidária?

Creemos que exista sim uma grande diferença entre a idéia ideal do que seja educar e a idéia de educar que mantemos hoje... Mas o grande questionamento aqui passa a ser: o que passa a significar educar nesse exato momento de crise generalizada da humanidade? Que significações o termo “educar” passará a assumir praticamente, daqui para frente? Como será – não um será de futuro, mas um será de “a partir de já” – a nossa escola diante dessa grande crise civilizacional de proporções planetárias, a cada dia mais escancaradamente notada por todos nós?

Porque concordamos com Assmann (2003) em pensarmos que “não basta ir à escola, se a escola continua oferecendo uma educação para um mundo que está acabando” (p. 91).

E vivemos um mundo que se acaba mais e mais a cada dia... É cada vez mais frequente nos depararmos com dizeres de variadas instâncias que indiquem uma mudança significativa no mundo. E o mundo muda, mesmo; sempre. O mundo é em constante mudança. Porque mundo é movimento; universo também. Todos somos. E assim como nós também mudamos sempre, o mundo certamente está mudando o tempo todo...

E jamais existe certeza futura sobre o caráter das mudanças. Jamais. Mas, a esse momento do mundo que vivemos, pensamos em duas possibilidades: uma é o mundo mudar transformando-se em “outro” mundo, em mundo “novo”... a outra é o mundo mudar se acabando...

Queremos dizer que o mundo está, hoje e já, entre a oportunidade de transformar-se e a fatalidade de definir até seu pleno desaparecimento. E pensamos não haver

terceira escolha... pelo menos não do ponto de vista humano. Nesse universo que se faz e refaz em constantes movimentações, a escolha de restarmos parados nos é muito pouco plausível... Assim, dizemos que: hoje, o fim é a nossa realidade possível; nossa tendência humana... Mas dizemos também que: hoje, o recomeço é a nossa possibilidade real; a nossa potência Humana...

Mas, sobre as comentadas mudanças, pensamos que o mundo muda significativamente dia-a-dia, ainda, pelo agravamento de seu quadro extintivo. Assim, acreditamos que essas mudanças sejam advindas de uma urgência grave e aguda por transformações. Como se o mundo chegasse até o limite de ser como está, e nos gritasse... Como se esse momento, hoje, fosse como o berro atormentado que vem de onde já vieram suavidades muito mais leves, amenas e sutis, mas que foram todas, uma a uma, ignoradas por nós, como sociedade planetária...

E aí talvez, uma das transformações mais urgentes seja mesmo na idéia do que seja educar... Porque, dentre outras várias coisas, todas as nossas possibilidades de transformações conscientes passam inexoravelmente pelo universo das nossas relações educacionais. Não apenas na escola, mas também – e importantemente – nela.

Por essas razões, é que Assmann (2003) nos fala que a educação transformou-se, hoje, no processo social emancipatório mais significativo em nossa sociedade. E, nesse senso, educadores e educadoras passam a ser também elementares nesse processo; essenciais a essa possibilidade de transformação pela educação.

Naturalmente, educadores e educadoras somos todos. Simplesmente porque as relações educacionais, de uma maneira ou de outra, consciente ou inconscientemente, se constroem sempre inseparáveis das relações humanas. Sejam como sejam, o tempo todo, sem cessar... onde há uma, há a outra.

Mas entendemos, aqui, que haja uma diferença no aspecto escolar de educar, no acontecimento mais consciente das relações educacionais, em relações a outros “educares”, também essencialmente importantes a todos nós, incontestavelmente.

Porque a escola é um ambiente que existe exatamente para essas contemplações... que se destina a educar. A escola, aliás, perde qualquer senso essencial de existência se abandonar seu caráter proporcionador de experiências educadoras, de relações educacionais, de formações...

Assim, a escola pode vir a ser, cada vez mais, esse espaço de consciência... de experiências de vida diversas... de amplas relações educacionais...

A escola na presença de educadores conscientes de si mesmos e de seus educandos, co-criadores com eles de formações humanas e capacitações variadas e de muitos conhecimentos, comprometidos com a realidade do que vivem e as possibilidades do que podem viver. Professores prontos para o empenho desejoso nos processos emancipatórios e nas ações transformadoras que carregam toda a nossa esperança como indivíduos que somos, como sociedade que compomos e como espécie humana... como humanos e como humanidade...

Escolas e educadores socialmente e culturalmente responsáveis. Curadores da vida em sua generalidade e da riqueza de suas inúmeras pequenezas. Escolas e educadores que assumam realmente as possibilidades todas das relações educacionais... de transformar o presente que vivemos em presente que queremos viver...

Escolas que ofereçam uma educação para um mundo que está nascendo, um mundo “novo” que estaremos fazendo em nosso presente, no mesmo tempo em que vivemos... Escolas que eduquem seus educandos simultaneamente para viverem esse mundo que vivemos e para criarem esse “outro”, muito mais gostoso de se viver...

Por essas razões, Assmann nos diz que: “O agir pedagógico é, hoje, o terreno mais desafiador do agir social e político (...)” (2003, p. 294).

Naturalmente, em mencionar esse agir pedagógico, Assmann exala sonhos – dos quais nós partilhamos – de ações pedagógicas que condigam com uma visão de educar muito mais substancial – e humana – que eventuais apropriações reducionistas do termo a que chegamos hoje, e que talvez sempre se deram, desde o surgimento da escola na nossa história.

É aí que reside quase toda a grandeza desse educar desafiador. Trata-se de uma visão essencial de educação; em se fundar na essência humana de ser. Uma educação que se funde na com-vivência; que demanda amorosidade, carinho e cuidado – no sentido mais afetoso de cuidar. Uma educação que cuida, assim, da competência para a solidariedade e da sensibilidade solidária. Forte em seu aspecto político, mas muito mais forte ainda nos seus valores éticos e humanos.

Educação que, portanto, não cabe nos limites das idéias de educar que determinam as ações pedagógicas atualmente, em quase todas as escolas, nesse presente que vivemos.

E aqui, um grande paradoxo da escola: ela pode mesmo alimentar a sociedade com novidades gostosas, transformá-la em mais humana; mas é nessa sociedade atual, com seus muitos desgostos e desumanidades, que a escola bebe o seu acontecimento...

Porque as escolas se submetem a uma série de fatores socialmente determinados: quem as dirige; quem direciona suas ações; quem delas participa, de qualquer maneira; como acontecem, nela, as relações educacionais, as relações humanas e as relações diversas; quais idéias as fundamentam; que intenções as fundam e mantém; as pessoas que de alguma maneira alcançam em seu acontecimento; onde se situam; as regras que seguem, as que criam, as que contestam; as condições a que se subjugam; às que resolvem se contrapor...

Enfim, as escolas, desde que existem, sempre mergulharam, como hoje mergulham, nesse mar de complexidade que nos envolve a todos, sempre, como indivíduos, viventes em sociedade, seres da mesma espécie... humanos. E nesse mar, as escolas se enredam, impreterivelmente, na infinita trama de relações, inter-retroações e interdependência, entre todas as coisas. E como já entendemos, muitas dessas coisas se expressam socialmente na cultura e pela cultura se imprimem em nós.

Expressões e impressões essas que acontecem também na escola, que como ambiente social e cultural tende a repassá-las quase que naturalmente a seus escolares.

E aqui, uma variante desse grande paradoxo da escola: cabe-lhe a possibilidade de imprimir o novo nos seres humanos que nela e a ela se relacionam; de recorrer à chance de transformar as impressões em impressões transformadoras. Mas, sobre a escola, o que correntemente se imprime, muitas vezes, é o velho...

E lamentamos que, talvez, o velho seja mesmo o que se queira imprimir, intencionalmente, nas escolas, em muitas dessas muitas vezes...

Não podemos nos esquecer de que, o que se experiencia na escola, se relaciona diretamente com a idéia de educar que mantemos. E que elevar a idéia de educar a mais humanas abrangências e amplidões, como as que sonhamos aqui, significa educar para libertar. E que a idéia de liberdade, a seu tempo, pressupõe a ausência de relações de dominação e sujeição, assim desumanas e sem Amor, como as que vivemos hoje. Nem nos esqueçamos, também, que educar para o Amor – cabendo aqui quaisquer conjugações entre educar e Amor – pressente um outro jeito de vivermos o mundo, um jeito de com-viver, muito diferente daquele que vivemos hoje...

que pode desinteressar à cegueira de instâncias que se sintam privilegiadas nesse conviver em dinâmicas políticas que vivemos há tempos.

Em outras palavras, nesse nosso presente, dadas as lentes culturais com que lemos e criamos a realidade, pode haver quem deseje prorrogar propositalmente esse “velho” no mundo, por interesses quaisquer, concernentes a esse modo de viver em maneiras de convivência que, embora pratiquemos, não sejam essencialmente humanas.

E aqui, podemos escolher entre dois diferentes caminhos reflexivos. O primeiro deles é acusar veementemente “alguém” ou “outrem” – uma sociedade, um grupo social em sua especificidade, a cultura dominante, o sistema capitalista... –, o que ou quem quer que seja, que componha essas instâncias, para que os culpemos e os responsabilizemos por todos os problemas correntes desse nosso mundo, incluindo aqui os educacionais. O segundo, é nos percebermos de uma vez por todas como humanidade e entendermos que ninguém – ninguém – está alheio a nada nessa vida. Que vivemos todos a mesma dinâmica sistêmica relacional e somos todos tecidos juntos na mesma rede complexa de existência. Todos interligados, interconectados e interdependentes...

Porque até essas instâncias, que se sentem privilegiadas nas dinâmicas políticas de convivência que adotamos, também padecem de si mesmas. Como já dissemos, em uma coexistência que se dá entre dominações e sujeições, mesmo os que mais dominam restam dominados, no final das contas... Ninguém é alheio a nada, nem ninguém fica ileso sempre. Mas a coexistência política em que vivemos é capaz de cegar tais instâncias... mesmo que seja para verdades de grandezas absurdas, como por exemplo, essa gritante ausência de sustentabilidade em nosso modo de conviver...

Dessa maneira, ainda que essa convivência desumana preveja, na sua permanência, o fim do humano como todo, incluindo aqui o fim de todas essas instâncias dominantes e de todas as pessoas que vivem por trás delas – aparentemente beneficiadas nessas dinâmicas políticas que sustentam –, pensamos que as mesmas podem, cegas, permanecerem na inconsciência da tragédia humana eminente, e mesmo da própria tragédia em si, como consequência inapelável de seu acontecimento.

E não falamos aqui de uma consciência que seja apenas racional, ou ainda falsamente racional. Falamos de uma consciência total, plena e verdadeiramente humana, nas visões de si, do outro e do mundo.

Assim, se pela ótica política algumas pessoas, instâncias e instituições podem ser culpadas de muitas coisas, na ótica amorosa, elas podem ser vistas vítimas, tanto quanto qualquer outra... Responsáveis sim, consciente ou inconscientemente, pelas suas ações, mas reconhecidamente carentes de Amor – como todo ser humano –... e assim, dependentes desse Amor para poderem viver todas as transformações que inevitavelmente se geram a partir de amar – nas visões, nas vivências e nas convivências –, para revolucionarem sua presença na coexistência humana e no mundo...

Logo, não se trata mais de nomearmos errados. De elegermos o “outro” como responsável por todo o mal do nosso mundo; do nosso presente. Trata-se sim, de transcendermos os limites dos entendimentos que geraram os “erros”, pelo tempo e pela história, e que os geram ainda hoje; de transcendermos esses limites que nos cegam...

E de, enfim, assumirmos a possibilidade – e a responsabilidade ética planetária –, que temos – todos – de transformarmos o mundo que vivemos em mundo que queremos viver. E de fazê-lo nesse presente mesmo – que é o tempo que temos – por meio do Amor e da consciência... A consciência que nos permitirá, a todos, vermos o que já há – e que talvez sempre houve –, mas que até hoje esteve sempre além das nossas acuidades culturalmente determinadas... E a esse respeito a transformação da educação nos é fundamental...

Concordamos com Assmann (2003) em pensarmos que estamos diante de uma situação que nos aponta uma renovação profunda da educação como uma ação que se nos faz extremamente prioritária. E concordamos também que, nesse contexto em que vivemos, essa renovação da educação, espalhada pelas escolas todas, nos significa salvar vidas. Quiçá muitas vidas...

E aqui trazemos outro de seus dizeres:

“Não estamos querendo imputar toda a responsabilidade ao sistema educacional, mas não podemos negar que todos nós que fazemos parte dele, de uma maneira ou de outra, temos uma parcela de responsabilidade. Estamos dizendo responsabilidade, não necessariamente culpa, que é uma outra questão. E reconhecer que temos parcela de

responsabilidade é a condição para podermos tomar novas atitudes e tentar fazer algo para mudar a situação.” (p. 92)

Nós que de alguma maneira fazemos parte do sistema educacional, nós que de alguma maneira fazemos parte da escola, temos mesmo, e sim, uma parcela de responsabilidade. E temos ainda mais: temos, na escola, uma grande parcela de possibilidades...

Esse jogo de “outrismos” a que muitas vezes nos submetemos nos é apenas danoso; a nós e à sociedade como todo. De nada adianta a escola culpar o “outro”, o governo, o sistema, a família, a mídia, a comunidade, a classe dominante, a igreja, a crise, o que quer que seja, para eximir-se da responsabilidade que tem.

Temos sim que buscar a consciência crítica do “outro” – como também do “eu”. Bem como temos a premência de buscarmos a consciência crítica em relações a governo, sistema, família, comunidade, classes, religiosidade, crise e essas coisas todas... Mas não podemos permitir que todo esse movimento se transforme em um “esconde-esconde” canalha e acovardado diante da realidade “crísica” de nosso momento presente.

Temos mesmo que galgar uma sociedade íntegra e participativa em todos os aspectos, fluente em todas as instâncias, conversadora entre si, trabalhada conjuntamente em todas as frentes que a compõe, na complexidade de nossas organizações e de nossa existência social. Mas até lá – e simultaneamente a esse andamento –, há que se fazer já alguma coisa... E há o que se possa já fazer... Se acreditarmos que haja qualquer chance de melhora nesse presente que vivemos, por meio da escola, já temos razões mais que suficientes para tentar...

E se a escola, por meio de nossos olhares, transformar-se na sede social dessas percepções, e se a partir delas passar a empenhar-se a ações já transformadas, “transformandas” e transformadoras, que seja ela o espaço de “pleiteamento” desse novo olhar não apenas para si e para os “seus”, mas para toda a sociedade. Que seja a escola o lugar desse (re)começo tão necessário a todos nós, como humanidade. Que seja a escola o terreno terrestre desse plantio...

Nós lamentamos que haja hoje um posicionamento tão pessimista acerca da educação. E pensamos que podemos trocar esse pessimismo todo por algo que nos seja mais gostoso e empolgante sobre o processo “educar”, sobre a escola, sobre as relações educacionais...

E não sofremos, em dizê-lo, de nenhum surto hipócrita. Nós reconhecemos toda a delicadeza e a fragilidade desse momento em que vivemos. Temos nele também as nossas dores. E pensamos também que devemos mesmo olhar para a realidade que nos cerca, ávidos por dignidade, e que devemos mesmo denunciar tudo o que nos parecer inoportuno à humanidade, impróprio do humano em si.

Mas nós concordamos com Assmann (2003) em pensarmos que haja-nos hoje, a possibilidade de negociarmos com essa realidade. A chance de fazermos negócio com esse momento e percebermos o que podemos fazer já nele. Na busca de ações que nos sejam factíveis, no garimpo de esperanças miúdas diárias, das coisas realizáveis a cada dia... para que nem morramos de falsas “Esperanças” verborrágicas, nem restemos quase mortos no desgosto de quem se vê em plena ausência do quê fazer.

E, afinal, pensamos como Morin (2002, p. 92):

“A renúncia ao melhor dos mundos não é, de maneira alguma, a renúncia a um mundo melhor”

Chega a ser prudente e aconselhável reconhecermos a distância a que nos encontramos do que nos seria ideal, como contexto, para vivermos as transformações que sonhamos aqui. Mas seria contrariamente inconsequente – e imprestável – prestarmos queixas e mais queixas de todas as falhas e fracassos que percebemos, sem fazermos nada no esforço para transformar essa realidade... Nesse caso, restaria-nos o acaso, ao passo em que restaríamos todos mórbidos, a alimentar nossas catarses todas, de consciências indignadas, em denúncias ferrenhas; sem sequer darmos conta de que cada dizer dentre esses, viria repleto apenas de preguiças, covardias, rendições e mesmo suspeitas disfarçadas e “inassumidas” de crida impossibilidade.

Assim, longe de querermos a hipocrisia, queremos aqui a consciência sensata de um presente que nos liberte a possibilidades reais de transformações...

E é nessa consciência que, entre elegermos culpados e reconhecermos a nossa parcela de responsabilidade – e possibilidades – nós escolhemos a segunda para trilharmos as nossas reflexões, na vida e também nesse texto.

E é também de sonho consciente que fazemos o desejo de que nos cheguem mesmo, a todos, esses dias mais harmoniosos e de mais paz entre nós. Esse tempo de mais sincronia e paridade entre nossas visões humanitárias de existência... e de bem mais bom gosto e benquerença nas nossas experiências humanas todas; como seres vivos e como com-vivos entre nós. E é na força desse desejo que, entre a quase morte de quem apenas espera e a intensidade da vida que acredita, que sonha e se empenha em realizar, escolhemos viver.

Parece-nos haver, em nós seres humanos, uma busca incessante pelo bem. E não pelo bem que se opõe ao mal, necessariamente. Não esse bem clássico, romântico e piegas, mas um bem que exista *a priori*. Bem que se define pelo sentir-se bem, seja como seja. Que se define pelo entendimento de alguém do que lhe seja bem. Bem que seja bem a quem quer que seja.

E nesse momento que vivemos, entre subversões e “transvaliações” de nossa essência humana, pensamos que essas percepções de bem possam ser as mais diversas...

Assim, há quem busque seu bem na violência, na violação, na dor, na guerra, na tristeza, na morte, no poder, no dinheiro, na ganância, no domínio... Há quem busque bem em qualquer coisa. E pensamos que seja essa a busca constante no ser humano, independentemente de quão desumano ou quão verdadeiramente Humano ele seja... O que muda nessa variação é a percepção de “bem” de cada ser...

Nesse senso, pode haver quem se lance a bens egoístas e quem se lance a bens altruístas. Pode haver que queira bem para si e quem queira o bem para todos. Há o bem oponente, como há também o bem solidário...

E aqui propomos uma leitura bastante ousada da realidade: todas as instâncias dominantes de nossa sociedade, as sociedades em si, os estados, as classes, os grupos, a cultura dominante em si; enfim, todas elas, buscam o bem. Que bem é esse? É o “bem” de cada qual. E é assim com muitas coisas na vida... é assim com a religiosidade, nas igrejas; é assim com a política, nos sindicatos, nos grêmios, nos partidos, nas associações de bairro, é assim na anarquia e na monarquia absolutista, no capitalismo e no comunismo; é assim também no mundo do futebol – para completar a blasfêmia contra o senso popular de não discutir assuntos políticos, religiosos, nem futebolísticos...

E é assim também na escola.

Assim, podemos dizer que a escola não apenas educa e sempre educou, como também busca e sempre buscou o bem no seu acontecimento escolar, por meio das relações educacionais que desenvolvia e desenvolve, sejam esses os bens que fosse e forem.

Em palavras mais exemplares, se o “bem” nas visões escolares for o bem de aprendermos o b-a-ba, é o que se ensinará na escola; se o “bem” nessas mesmas visões for o bem de aprendermos a tabuada, é o que também se ensinará na escola; se o “bem” escolar for o bem de deixar-nos aptos a passarmos no vestibular, certamente a escola irá se empenhar diariamente para que passemos.

Agora, se nesse mesmo senso, todos os “bens” da escola incorresponderem a qualquer chispa de afetividade, se ignorarem qualquer centelha de consciência humanizante, se desprezarem qualquer pequena possibilidade de transformações na sociedade, aí a escola fatalmente irá deixar de olhar para essas coisas todas...

É essa a força que há na cultura. Porque é nela que se fundam e transmitem-se muitas das percepções de bem que pairam pela humanidade. Como já entendemos, ela nos abre e nos fecha janelas pelas quais vemos ou somos vetados de ver as coisas. E assim repele-nos de vários males que inventa e atrai-nos a todos os bens que nomeia...

Assim, a cultura é capaz de responsabilizar a escola por muitas outras coisas, menos essenciais – ainda que importantes –, e de fazê-la totalmente alheia à afetividade, concomitantemente. A cultura é capaz de fazer a escola negar coisas da grandeza do Amor e suas derivações todas, em seu acontecimento... E que outra coisa nos seria mais importante à vida, que a experiência real e cotidiana do Amor?

De qualquer maneira, depois das reflexões que fizemos até aqui, podemos, quiçá, entender um pouco mais esse “desolhar” para a afetividade, sem que o mesmo nos soe de todo surpreendente, dentro do contexto em que vivemos. Afinal, diante dessa idéia de cultura, podemos mesmo dizer – mesmo que hipoteticamente – que em algum momento de nossa história humana – que, lembremos, é uma história radicalmente nascida da possibilidade para o Amor –, a afetividade nos passou a ser menos importante e principal, de maneira que muitas das suas

interfaces com a vida se perderam de nossa acuidade cultural para vermos as coisas... A afetividade nos deixou de ser um bem...

E vivemos, afinal, de ilusões. Quase sempre completamente envoltos pela paranóia paradigmática desse cartesianismo que nasceu já obsoleto, obcecada por encaixotar a vida em limites e a verdade em embalagens demasiadamente pequenas e quadradas demais. Quase sempre completamente presos na dinâmica escancaradamente desumana desse sistema que se mantém mantendo as frustrações nas pessoas, perenemente. E o mais impressionante – e o que mais nos indigna aqui – é que exista, de fato, uma coerência cultural que justifique vivermos assim, desse jeito.

Pensemos assim em todo esse contexto complexo, em que tocamos bem levemente nesse texto, até aqui. Pensemo-nos como sociedade. Pensemos nas idéias acerca da cultura. Pensemos nos paradigmas. Lembremos dos *imprintings*, das cegueiras, das normalizações. E aí pensemos, aqui, nas relações de todas essas coisas com a escola. Pensemos na dinâmica sistêmica relacional presente nessas relações todas, e de como a escola nos surge desse meio completamente inter-retroativo e interdependente entre elas. Lembremos da sugerida tríade escola-cultura-sociedade em todas as suas muitas e praticamente infinitas interfaces...

Como poderia ser a escola de uma cultura quase que plenamente patriarcal? Como poderia ser a escola de uma sociedade que aprendeu a viver na desconfiança, em meio a apropriações e entre dominações e sujeições de dinâmicas políticas incidentes em mentiras e manipulações das relações? Como seria a escola de uma realidade “monoísta”, que discrimina o que diverge e que abomina a diferença?

Como pode ser a escola que nasce na clausura de um sistema econômico, que dita as regras e os ritmos do mundo todo, se mantendo pela ausência de felicidade em seus subordinados? Como pode ser a escola de um mundo que superestima as competições e que pouco sabe sobre a idéia essencial de co-operar? Como pode ser a escola dessa ciência fragmentada, reducionista, disjuntiva, hiperespecializada, simplista e monovalente que nos (des)orienta em nosso conhecimento das coisas? Desse paradigma que nos injeta cegueiras, falsamente rotuladas “certezas plenas”, “verdades absolutas”, “constatações incontestáveis”; como é essa escola? Como pode ser essa escola gerada no cerne da coexistência política em que

vivemos? Como é enfim, a escola do tempo em que humanos vivem mais como chimpanzés, que como humanos?

Respondermos a essas perguntas todas, de certo modo medonhas, nos ajuda a percebermos, sem rodeios, qual a tendência real da escola de nosso presente, além de também nos fazer conhecermos a escola em todo o seu potencial reprodutor. E, de quebra, resta-nos a fortuna de que onde o medo ainda é medo, quase sempre ainda há chance... E assim, olharmos calmos para esses questionamentos todos, calmos e ávidos, é também a chance de nos ajudarmos a perceber todas as tendências possíveis da escola, em seu potencial transformador.

Sobre essa escola “tendenciada”, reprodutora, pensamos que seja quase “natural” – em uma cultura dominante, que ocasiona uma série de dominações e dominâncias na sociedade como todo – que haja também uma idéia de educar que seja dominante em relação às demais... Uma concepção de educação dominante, que nos dite, quase em via de regra, as maneiras de desenvolvermos as nossas relações educacionais...

E Assmann (2003) nos remonta essa educação, segundo ele, dominante nas nossas escolas e na nossa cultura. Trata-se dessa educação que apresenta uma visão fragmentária de mundo. Essa educação que traz em si a herança cartesiana transmitida pelas nossas ciências, cada vez mais especializadas, afetadas – elas também, e primeiramente – pelas cegueiras paradigmáticas que nos levaram a saber muito sobre muitas partes e muito pouco – ou quase nada – de todo o Todo que nos envolve.

Uma educação que se segmenta em disciplinas, e que nos remete a um conhecimento – também ele – segmentado. Relações educacionais que se desfazem em matérias cada vez mais específicas, nas escolas, que se encarregam, cada qual, de meramente transmitirem os saberes prontos e parcelados de cada área de conhecimento, criados autônoma e independentemente.

E essas fragmentações e segmentações todas, incidem na hiperespecialização, na disjunção e na redução do conhecimento. Fenômenos que, para Morin (2002), caracterizam os problemas mais essenciais e urgentes do nosso conhecimento...

A hiperespecialização nos cega totalmente para o global, pelas fragmentações e parcelamentos que faz; mas também nos impede totalmente de enxergarmos o essencial, porque o dissolve. A disjunção, como podemos conceber, disjunta os conhecimentos que existem juntos

entre si, que se complementam, se completam e que apenas possuem senso nessa junção; enchendo-os de vazio e de ausência de sentido. E a redução, por sua vez, é a ação achatadora da multidimensionalidade do conhecimento complexo em ilusões simplistas unidimensionais, que se perdem como realidade na pretensão minimalista que assumem.

Tais problemas mantêm-se em constantes retroações entre si e a cultura que vivemos. E nessa gênese “inter-revisitante” mantenedora, é que se espalham e perpetuam pela nossa ciência, nossa economia, nossa política... e para toda a nossa convivência social, nas nossas instituições e nos modos como nos organizamos socialmente...

E é assim que esses problemas nos chegam, também, às nossas idéias de educar, nossas relações educacionais e nossas escolas... resultando nesse modelo disciplinar inteiramente despedaçado, que acontece em separações e na crida independência das matérias entre si. Realidade que também nos relata Assmann (2003, p. 78):

Nas nossas escolas fomos ou somos preparados para conhecer “pedaços” independentes da realidade. As disciplinas funcionam quase sempre como seguimentos autônomos, que recortam um aspecto ou uma parte da realidade e estabelecem pouca ou quase nenhuma relação com outras disciplinas do curso. E no interior da disciplina aprendemos analisar, isto é, dividir a parte que coube à ciência em questão em pedaços ainda menores, sempre em busca de verdades que se confundem com certezas. A realidade é aprendida como algo constituído por partes que se justapõem, cada um exercendo uma função dentro do todo.

Assim, essas maneiras de educar correntes nas escolas nos geram uma inteligência toda parcelada... Sobre a qual nos explica Morin (2002, p. 43):

A inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. É uma inteligência míope que acaba por ser normalmente cega. Destrói no embrião as possibilidades de compreensão e de reflexão, reduz as possibilidades de julgamento corretivo ou de visão a longo prazo. Por isso, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior é a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; mais os problemas se tornam planetários, mais eles se tornam impensáveis. Incapaz de considerar o contexto e o complexo planetário, a inteligência cega torna-se inconsciente e irresponsável.

É essa a inteligência que desenvolvemos hoje... na escola e na sociedade em geral. E essa inteligência, parcelada, hiperespecializada, disjunta, reduzida e fragmentada, não nos pode levar para nada diferente das tendências que, hoje, fatalmente nos atraem para a extinção da espécie humana. Nela, tornamo-nos inconscientes e irresponsáveis... incapazes de percebermos e de respondermos as motivações das superações de nossos problemas generalizados.

E aqui concordamos com Assmann (2003) em pensarmos que toda essa hiperespecialização, disjunção e redução de nossas visões fragmentadas, advieram da rejeição de nossa razão às ambivalências.

Como sociedade, fracassamos no intento de extinguirmos as ambivalências e hoje corremos risco de extinguirmo-nos a nós mesmos em revés. Porque restamos cegos à dualidade, e assim somos incapazes de perceber o complexo. E sendo todos os nossos problemas essenciais de hoje, problemas extremamente complexos em si e entre si; e, sendo a nossa crise generalizada, toda ela também, extremamente complexa em seu acontecimento nós, nada poderemos fazer para nos salvar, se mantivermo-nos incapazes de pensar, se sentir e de viver a complexidade...

De acordo com Morin (2002) a incapacidade de concebermos o complexo nos gera consequências funestas a nossa humanidade; à humanidade que temos e somos... A fragmentação tira dos seres humanos a identidade planetária, a sensibilidade sistêmica e a responsabilidade de cada qual por si, pelo outro e pelo mundo... E é destas consequências todas que padecemos hoje, nós e todo o planeta, no alcance das nossas retroações...

Todavia, padecemos quase sempre sem a consciência exata das causas que nos afetam... Porque vivemos, muitas vezes, nessa cegueira que nos veta de perceber toda a interdependência que há na complexidade, e que nos deixa incapazes de enxergarmos suas muitas e inúmeras relações. Como nos explica Assmann (2003, p.78):

Uma das razões para esse tipo de cegueira é que as relações de interdependência de todos os seres vivos ou não-vivos na natureza e das pessoas na sociedade não são visíveis aos olhos. Não somente porque essas relações de interdependência não são objetos físicos visíveis aos olhos, mas fundamentalmente porque nem os nossos olhos e nem as nossas mentes foram treinados ou preparados para ver as relações de interdependência.

Sendo assim, o primeiro passo a darmos, como humanidade, a esse respeito, é reconhecermos essa interdependência, da qual, aliás, não podemos escapar. Porque passamos muito de tempo, como humanidade, fomentando o aumento da fragmentação, em intenções de extinguirmos as ambiguidades, mas fracassamos... Tudo fica cada vez mais escancaradamente dual em nossos contextos, nossos problemas ficam a cada dia mais complexos, e nós, como humanidade, padecemos na ausência de referenciais sistêmicos consistentes que nos permitam o olhar que nos possibilite o agir consciente e proativo na intenção de sanarmos nossos problemas complexos e de desfrutarmos, enfim, da complexidade da vida. Restamos incapazes de respondermos às circunstâncias que solidificam nossos problemas mais essenciais na ambivalência.

E sobre a nossa incapacidade de responder, concordamos com Assmann (2003) em pensarmos que a responsabilidade – em outras palavras a habilidade para respondermos a essas circunstâncias – vem com o reconhecimento da interdependência. A nossa responsabilidade se dá na consciência da imensa teia de vida na qual vivemos todos interconectados... e é nessa consciência que damos o primeiro passo para as ações revolucionárias de nosso ver e de nosso viver a vida.

A chance que temos é, assim, a de reunirmos os entendimentos dispersos... Remembrarmos os conhecimentos todos, recompormo-nos das seculares distrações humanas e recosturarmos, enfim, o complexo... Retomarmos a essência una da tecelagem da existência que nos infine...

Devemos assumir a ambivalência e as incertezas. Morin (2002) considera que o século XX descobriu a perda do futuro... E até hoje padecemos com essa descoberta. Restamos aflitos, medrosos, coagidos pelo incerto do amanhã...

Mas podemos nos render de uma vez às gostosas vertigens dessa aventura terrena humana errante. E como eternas crianças darmos sequência às nossas saudáveis brincadeiras de conhecer, prontos também para os erros, errando também pela consciência... Sempre certos do desejo que nos move à vida – e que sejam desejos bons, solidários, amorosos e de alcance planetário! – mas sempre incertos sobre o que há de ser... Respeitosos ao acaso a todo tempo, mas em todo ele empenhados em nossas ações direcionadas para o que queremos...

E pensamos que apenas podemos superar essas visões fragmentadas de vida e os conhecimentos que geramos a partir delas, por meio de transformações em nossas maneiras de ver e viver o mundo...

E a essa possibilidade a educação nos é essencial. Como nos explica Assmann (2003, p. 86):

Por não conhecimento das relações de interdependência, ou por falta de reconhecimento deste fato como algo significativo na vida das pessoas e das sociedades, vivemos sem ver que a interdependência é um fato do qual não podemos escapar. O conhecimento deste fato pode ser adquirido com uma educação baseada na transdisciplinaridade e perspectiva sistêmica. O reconhecimento depende de algo mais. Aqui entram em campo os desejos, os interesses, os medos e outros aspectos afetivos e emocionais. (...) O reconhecimento nosso de que esse reconhecimento existencial sobre a interdependência pressupõe um conhecimento, mas que não é um resultado necessário deste conhecimento, nos dá uma idéia das possibilidades de contribuição da educação, sem colocar, ao mesmo tempo, demasiado peso sobre os seus ombros.

Como podemos ver, a escola há de ter habilidade para responder à realidade que vivemos, por meio de possibilidades reais que apresenta. Todavia, a escola não aparece, nem deve aparecer, como total responsável por esses processos todos pela consciência humana.

E como vemos também, a possibilidade da escola, a esse respeito, está na transdisciplinaridade e na perspectiva sistêmica, fundamentais nas oposições às fragmentações e às segmentações... e também e muito importantemente no mundo do afeto e das emoções...

Mas contrariamente a tal possibilidade, a realidade da escola hoje, em geral, ainda nos parece dar-se muito na conservação dos preceitos de uma cosmovisão demasiadamente restritiva... Nela, seu aspecto restringente em demasia começa por desconsiderar, quase que por completo, esse mundo do afeto e das emoções. E dessa já defasada totalidade aparente, as escolas seguem em seus recortes de recortes, cada vez mais picados e irreais, concebendo o todo como a mera soma das partes recortadas, que crê-se independentes...

Nesse contexto, as escolas passam a ser meramente instrutivas. Como podemos perceber nesses dizeres de Assmann (2003, p. 82):

“Em uma cosmovisão assim, a educação é concebida fundamentalmente como instrução, isto é, como formação de profissionais capazes de dominar o conhecimento e as técnicas

necessárias para um funcionamento eficaz das partes do todo que lhe cabem. Educação como um reordenamento que faz emergir um relacionamento com o todo, com a realidade da interdependência, não tem lugar.”

Como vemos, nessas lentes culturais atuais, com que vemos o mundo, o processo de gênese do conhecimento complexo cede foco a olhares que vêem a educação como sendo mero sinônimo de instrução. E dada a importância que produtividade e mercado assumem no sistema em que vivemos, essa instrução fica praticamente quase toda voltada para a profissão. De maneira que a idéia de formação relacionada à escola fique – ela também – quase que completamente vinculada a questões profissionais. Nesse contexto, a escola acaba responsabilizada quase que apenas pelo preparo de mão-de-obra capacitada; pelo cuidado da inserção dos “seus” no mercado de trabalho; pela condução adequada de crianças e jovens até a vida adulta, quando finalmente, serão úteis para o sistema, aptos a produções e, também, a consumos.

A escola, assim, sequestra os seus alunos de seus presentes. Sim, porque a escola parece sempre se projetar no futuro – como podemos perceber no senso comum de que “vamos à escola para termos um futuro...”; um futuro melhor. E em troca dessas projeções todas, a escola acaba por roubar a infância das crianças, a adolescência dos adolescentes, a juventude dos jovens...

Mas a nossa vida se inscreve em nossa história. E a nossa história se escreve em nosso presente. E assim, sobre o tal “futuro melhor”, como pode haver futuro para uma vida sem presente? Sem história, sem a própria vida?

O futuro de alguém sem presente será o presente de alguém sem passado. De alguém sem história, sem identidade. E o que se pode esperar do futuro de alguém assim, é um futuro de construções inconscientes. Um futuro cuja consciência virá certamente de coisas alheias à vida desse alguém vivente, quem quer que seja. É assim um futuro alienado... programado, determinado. O futuro de alguém cuja identidade estará sempre além de si. De alguém que será certamente capaz de produzir e consumir como se “deve”, mas que estará sempre aquém de si mesmo, incapaz de reconhecer-se no ato mais primário de simplesmente ser e existir... E que a partir daí, será também incapaz de reconhecer realmente o outro, o entorno, as coisas, o mundo...

E, talvez, o que esteja por trás dessa grande ânsia pelo futuro – que não é qualquer futuro, mas um futuro melhor – seja já a quase-consciência de que o nosso presente não é o presente que queremos...

E aí trazemos algumas idéias de Maturana (2002), para que pensemos. Se o presente que vivemos – que não é o presente que queremos – surge do nosso modo corrente de pensar, sentir e agir... podemos esperar que um futuro melhor nos surja desses mesmos modos?

Maturana ainda nos lembra que nós, seres humanos, fazemos o mundo que vivemos em nosso viver. Desse modo, o nosso mundo, surge conosco, no presente.

Assim, educar para o futuro é, além de roubar o presente dos educandos, roubar-lhes também o próprio futuro. O futuro que será para quem viver nele. O futuro que – será que será... – apenas será se chegar...

De mais a mais, se é esse presente que não queremos, é dele que devemos cuidar... para que sare e para que saremos. Bem como nos revela, aliás, mais que sabiamente: “os seres humanos vivemos no presente; o futuro é um modo de estar no presente, e o passado também” (Maturana, 2002, p. 09).

É esse presente que temos que transformar...

E trocamos nosso presente – mesmo sendo esse, que não queremos – por qualquer idéia de futuro – bem como por qualquer ranço do passado – seria trocamos a única chance de vivermos inteiramente o que quer que seja, por coisas que sequer existem, sem mais nem ainda...

O presente é a só possibilidade de fazermos o que quer que seja, realmente. E, sobre futuro, sequenciamos em concordância com Maturana (p. 10):

Nós pensamos que o futuro deve surgir dos homens e mulheres que viverão no futuro. Homens e mulheres que deveriam ser seres íntegros, autônomos e responsáveis pelo seu viver e pelo que fazem, porque o fazem a partir de si; homens e mulheres sensíveis, amorosos, conscientes de seu ser social e de que o mundo que vivem surge com seu viver.

Que continua:

Tais homens e mulheres podem ser assim apenas se não crescerem alienados, se crescerem no respeito por si mesmos e pelo outro, capazes de aprender qualquer atividade, porque sua identidade não está na atividade, mas em seu ser humano.

E que encerra a sequência, dizendo já algumas de suas idéias sobre o que seja educar:

Pensamos que a tarefa da educação é formar seres humanos para o presente, para qualquer presente, seres nos quais qualquer outro ser humano possa confiar e respeitar, seres capazes de pensar tudo e de fazer tudo o que é preciso como um ato responsável a partir de sua consciência social.

Assim, sobre o futuro, nós pensamos mesmo é no presente...

Mas ainda sobre as suas idéias acerca da educação, Maturana nos apresenta a existência de duas classes distintas de fenômenos dentro das relações educacionais, sobre os quais queremos despertar algumas reflexões. A saber: capacitação e formação humana.

A capacitação expressa o desenvolvimento de habilidades e capacidades para ações no mundo em que se vive, no presente. Como meio para aprendermos os recursos técnicos – jeitos de fazer – que nos permitam realizar aquilo que quisermos viver nesse mundo. Relaciona-se assim com a idéia de fazer, que seja – para condizer com as idéias de Maturana e as desse texto –, sempre, a idéia de fazer como sendo parte do viver – o que vivemos e o que queremos viver.

Sendo assim, percebemos que a idéia de instrução tem seu espaço dentro da capacitação. Outrossim, percebemos que a capacitação profissional é, também, um de seus segmentos, bem como a instrumentalização para as diversas profissões existentes no mundo hoje. Mas, percebamos também que essa idéia de capacitação se alastra para muito além de essas questões... para todas as coisas humanas em relações com o fazer...

E aí temos a formação humana. A formação humana na educação – nessas idéias de Maturana – tem a ver com o desenvolvimento dos educandos como pessoas, como seres, humanos, capazes de co-criarem, em humanidade, os espaços humanos que nos sejam ambientes de convivência social desejável, a todos nós; entre todos nós.

Nesse senso, formação humana passa a ser, essencialmente, a via para o reconhecimento de si mesmo. Pensando no educando, é a formação humana – na educação em geral e na escola especificamente – que lhe permitirá um presente... uma história; uma identidade em si...

Permissões essas que mais se assemelham com o simples respeito a movimentos quase naturais da essência humana, sendo essas – presente, história e identidade – coisas assim tão intrínsecas à vida. Mas que, todavia, não acontecem tão comumente em nosso mundo, porque a nossa educação dominante se funda unicamente na capacitação... aliás, nem na capacitação em si, mas em uma pequena parte dela, apenas...

E é a formação humana que legitimará a infância às crianças, a adolescência para os adolescentes, a juventude aos jovens e qualquer presente que seja, a qualquer pessoa quem seja. E é a partir daí, na liberdade de simplesmente se ser, que alguém pode, enfim, reconhecer-se a si mesmo. E desse reconhecimento de si, se dá a possibilidade do reconhecimento do outro. Daí, desses reconhecimentos, de si e do outro, é que vem o reconhecimento de nós... de nós como sociedade e de nós como espécie. Nós humanos. Nós humanidade. E é apenas como humano e humanidade... como único e pluralidade; solo e solidariedade... que podemos reconhecer com maestria a delicadeza infalível da tecelagem que nos une a todos... Humano e humanidade em constantes relações entre si. Nós em constantes relações com os outros seres vivos, com as outras coisas do mundo, com o próprio mundo em si. O nosso mundo em constantes relações com o todo de tudo, em tudo que há.

É a formação humana que nos dá, assim, a perfeita noção de interdependência, sem a qual qualquer conhecimento de vida caduca-se em si. Coisa que a capacitação isoladamente é incapaz de nos fazer... Mais ainda se incompleta também em si, como a idéia de capacitação que funda essa nossa idéia dominante de educar.

Não obstante, embora capacitação e formação humana apareçam aqui como sendo classes distintas de fenômenos dentro das relações educacionais, nessa idéia de educação

em nós – que percebemos também em Maturana –, essa distinção entre ambas faz-se apenas no aspecto virtual do entendimento. O ideal – que aqui também se faz real – é que elas coexistam, cooperem e complementem-se uma à outra, entre si; sempre... o tempo todo e inseparavelmente.

O primordial para o humano, contudo – como queremos dizer –, está na formação humana. Porque é a formação humana que lida com a nossa história e com a nossa identidade. É a formação humana que nos leva para a consciência de sermos... e é sendo que podemos viver aqui, e, a partir dessa vida, dar-mos às relações, quaisquer que sejam. É afinal a formação humana que lida precisamente com a humanidade em nós, que nos possibilita reconhecer o humano, conservamos o humano, sermos, cada vez mais, humanos. E onde quer que aconteça, a formação humana gerará sempre, também e impreterivelmente, a capacitação, em uma simbiose concomitante de fenômenos. E quanto mais humana a formação, mais a capacitação tende a se alargar amplamente, em possibilidades infinitas de fazeres...

Já a capacitação, por outro lado, nas suas diferentes possibilidades de acontecimento, pode não se acompanhar de nenhuma formação humana. Pode ser apropriada, muitas vezes, de maneiras restritas, restritivas e parciais, mesmo com seu imenso alcance potencial, nas suas muitas relações com o fazer. Porque pode ser que apenas uns poucos segmentos da capacitação sejam considerados em sua realização, e que a partir daí, se ignore outros muitos – como pensamos acontecer em nosso presente...

Assim, desacompanhada da formação humana a capacitação aliena. Instrui os educandos num fazer mecânico, automático e robótico, programando-lhes para qualquer função predeterminada e retirando-lhes todo o sopro de vida em si. Priva-lhes de sua liberdade, do direito a simplesmente ser, rouba-lhes a chance de qualquer autonomia, de uma existência consciente, decidida, desejada, com uma história própria e uma identidade construída...

Assim, defendemos que a escola deva focar-se na formação humana de seus escolares; e não nas suas capacitações, como sempre se fez.

Dentre outras consequências prováveis, uma educação que se foque na capacitação, e que não compreenda a formação humana, tende a acontecer sempre pelo resultado. Tende a acontecer sempre para que seu educando se capacite de maneira que lhe seja suficiente para realizar o fazer que se espera de si; para fazer o que se espera de sua capacidade...

Nesse senso, a escola se prende a esses resultados esperados, socialmente muito “valiosos” e “importantes” e, a partir daí, os processos perdem qualquer valia que pudessem ter em si, para existirem apenas a favor do alcance desses resultados.

O alcance da meta é o que passa a importar. E justifica os meios, quaisquer que sejam, desde que esses se mostrem eficientes para se alcançá-la. Processos e meios perdem qualquer existência legítima em si, para existirem meramente como jeitos para se chegar a outras coisas, coisas finais, metas, resultados.

Assim, para exemplificar, se o que importa é se aprovar no vestibular, a escola fará o que for, sem se importar muito do que faz, desde que o que fizer funcione para as materializações dessas aprovações...

E essa ânsia pelos resultados vem, como já entendemos, de nosso viver nesse presente. Vem de nossa sociedade contemporânea, de nossa cultura dominante, e gera uma verdadeira paranóia nas pessoas todas, que se sentem pressionadas a atingirem os mesmos “bons” resultados, a nós proclamados, de qualquer jeito...

E essa torna-se também a paranóia da escola. Ainda na temática do vestibular, para exemplificarmos mais, houve um dia em que se começava a preparar os alunos de forma mais específica para o vestibular, no que hoje é o ensino médio, aqui para nós. Então vieram escolas específicas para educar as pessoas para o vestibular, cheias de artimanhas para viabilizarem o alcance de bons resultados. Depois, começou-se a pensar em vestibular já no que hoje é a segunda metade do ensino fundamental. Um pouco mais de tempo e se falava de vestibular já no começo do ensino fundamental... Hoje, vemos propagandas de escolas de educação infantil – infantil! – já relacionando os seus métodos de ensino com as boas chances que nossos filhos e filhas terão de passarem no vestibular, se nelas estudarem.

Assim, um adulto útil, apto a produções e consumos, justifica uma infância roubada. Assim, uma “existência harmoniosa” no sistema econômico em que vivemos justifica uma vida sem história. E assim, uma “existência” sem identidade, se justifica pela manutenção da ordem mundial...

Passamos uma parte exorbitante de nossa infância, adolescência e juventude, sentados em cadeiras muitas vezes mais que desconfortáveis, para vermos toda essa vida se

justificar, se passamos no vestibular, ou tudo – tudo – perder completamente o sentido, se de repente não passarmos...

É assim que o sistema em que vivemos funciona. Ele nos rouba o presente e nos vende um futuro que inexistente, pois, sempre que pensamos chegar nele, ele imediatamente se transfere para um ponto mais adiante. E é assim que vivemos sempre atrás dos resultados, sem tempo de vivermos nem os meios-tempos, entre as frustrações que esse futuro eterno nos provoca, de uma compra à outra...

É assim que nos operam, fazendo com que percamos toda a acuidade para nos darmos conta do valor e da importância imensuráveis dos processos e dos meios em si. E assim, enfim, nos esquecemos de que fazemos o mundo que vivemos em nosso viver, no presente; e não na vida que queremos que queiramos, nem em um futuro que jamais chegará.

E a escola que apenas capacita, que existe exclusivamente pelo futuro que escolhem para seus escolares, e que se cega para os processos a fim de obter os resultados esperados, do jeito que for, é uma escola covardemente reprodutora dessas coisas todas; desse presente que não queremos, desse anticlímax desumano em nossa história...

Uma escola assim considera apenas o fazer do educando. E nega-lhe o ser... Nega-se à consciência de que somos todos seres em construção e que o ser do educando na escola também precisa ter acolhimento no seu desenvolvimento pleno, nos seus processos totais de formações.

E aqui, nessas reflexões, transparecemos esse desejo de que a escola se foque nos meios, nos processos e nas relações... E que se esforcem no acolhimento do ser dos educandos, em suas formações, para que possam desenvolver seus fazeres sempre nas sensações boas e nos deleites de aceite respeitosos e amorosos do humano para com o humano.

Tomemos como exemplo duas falas de Maturana (2002, p.16). Uma: “Consideramos que o propósito da educação não é o de preparar cidadãos úteis e responsáveis; estes devem resultar do crescer com respeito por si mesmos e com consciência social”. E a outra: “A educação também não deve ser a preparação de crianças para serem úteis à comunidade, mas deve ser o resultado de seu crescer naturalmente integrados nela”.

Percebemos nas duas, as utilizações do termo “crescer”... o que nos remete às raízes etimológicas de educar, já vistas nesse texto...

E para o nosso olhar, fica a clareza de que muitas das coisas que queremos vincular às nossas idéias de educar, devem acontecer, não como parte do processo educacional em si, mas como inevitáveis consequências dele. De maneira que o grande foco da educação seja mesmo a formação humana, e que nela se dêem todos os desdobramentos do processo educacional, consequentemente...

A grande missão da educação é fazer-nos crescer... E crescer é primeiramente do nosso ser, não do fazer. Levar, guiar, conduzir, são também ações que tocam o ser que somos, não o fazer que fazemos... A própria idéia de “sair de si” que nos vem de êxodo – do equivalente grego para *educare* – parte do ser e não do fazer... é o “ser que sai” e não o “sair do ser”...

O amadurecimento humano. O despertar do Humano que há em cada um, em cada um. O caminho para que nos unamos, enfim, em Humanidade... Todos aspectos relacionados ao ser que somos.

E, de novo, nós não negligenciamos a importância do fazer em nós. Mas o fazer humano não pressupõe o ser humano, enquanto que o ser humano propõe sempre o fazer humano... sempre condizente com a sua essência...

A própria essência metamórfica de educar implica que a potência (ser) transforme-se em ato (fazer), a essência (ser) em acontecimento (fazer), a virtualidade (ser) em real (fazer)...

Assim, a partir do ser humano, tudo que compete ao fazer humano há de acontecer como consequência inevitável... Afinal as relações, quaisquer que sejam, se dão sempre entre seres, seres que fazem; nunca, entre fazeres ociosos de existência... pelo menos não entre humanos.

Dessa maneira a educação seria uma via para o reconhecimento de si mesmo, a cada educando. E as escolas seriam ambientes especialmente criados para cooperarem pelas viabilizações desses processos, nos escolares, por meio das relações educacionais que nelas se articulam.

A escola seria um ambiente de formação do ser...

E a partir daí é que se dariam os outros reconhecimentos todos, igualmente prementes à nossa humanidade. A partir daí é que se dariam, também, todas as capacitações desejadas por nós. E, também a partir daí, é que adviriam todos esses valores éticos que consideramos importantes de se adquirir na escola. Todas essas coisas, como consequências naturais do processo de formação humana em todos nós...

Até porque, sobre a capacitação nos conhecimentos teóricos das disciplinas todas, a escola de hoje não daria mesmo conta de ensinar-nos tudo que hoje há para sabermos, como vemos em Assmann (2003, p. 294):

Nós estamos em uma época na qual a escola já não consegue passar todo o “conteúdo” ou a “matéria” necessários para a vida das pessoas. Seria uma tarefa inabarcável, um sonho impossível. O volume dos conhecimentos aumenta tanto e tão rapidamente que a escola se torna cada vez mais formadora de um colchão básico de aptidões (...) No mais, a escola deve iniciar processos de descoberta e propiciar ensaios do aprender formas de ascender ao conhecimento.

Assim a escola deve ensinar a aprender e disseminar o Amor pelo aprender... Para que os escolares deixem as escolas sabendo como aprender para sempre e querendo aprender para sempre... Esse deve ser o empenho da escola a esse respeito: cuidar do surgimento e do desenvolvimento de experiências de aprendizagem.

Experiências de vida e experiências de aprendizagem são sinônimas uma da outra. Continuamos com Assmann quando nos fala que todo ser vivo é aprendente se mantém vivo na medida em que segue aprendendo. Ter ainda o que aprender, saber aprender e gostar de aprender nos enche de vida, nos vitaliza...

Ter prazer em aprender nos é essencial, porque cremos que a vida seja feita para nos ser, mais que qualquer outra coisa, prazerosa. E sendo a aprendizagem assim tão vital, é uma delícia que haja-nos, nela, muitas possibilidades de prazer...

Ainda na companhia de Assmann (2003, p. 292):

Existe um nexo profundo entre dinâmica da vida e dinâmica do prazer. Por isso a prazerosidade é um aspecto vitalmente importante da aprendizagem. O objetivo da educação é criar experiências da paixão de aprender, ou seja, da paixão de viver. Nesta mesma linha é preciso enfatizar que a dimensão estética do conhecimento é um tema pedagogicamente importante porque nos leva a entender a aprendizagem como experiência da beleza.

Aprender é a experiência da beleza. Uma experiência estética e ética de vida e de viver... É uma experiência passional no sentido vital do termo... É uma experiência sensorial para se experimentar com o corpo inteiro... É ouvir, cheirar, provar e tocar com os olhos... É olhar com o corpo inteiro... Com a alma inteira... Pela vida toda...

As escolas devem ser espaços onde os escolares aprendam a olhar (sentir) e não espaços onde se determine como devem olhar (sentir), muito menos espaços onde haja quem olhe (sinta) pelos olhos (corpos-almas-vidas) deles...

Não há espaço sensato, para as escolas limitarem-se apenas a saberes formalizados. Não há espaço sensato para a escola funcional. Não há espaço para a escola burocrática.

Na escola apenas há espaço para as experiências de vida...

Por essas razões é que dizemos também dos valores éticos... que comumente se ouve dizer como sendo obrigatórios nos conteúdos teóricos dos ensinamentos nas escolas... Valores talvez sejam em si “insensíveis”... Talvez, na escola, como em qualquer espaço, seja impraticável ensinar valores...

Porque valores não são nomes, números, nem informações que podemos decorar... Valores não existem no discurso... Eles existem no curso das nossas ações...

A hipocrisia sim se materializa na palavra... Mas a ética, essa se materializa apenas no dia-a-dia...

Valores são vivíveis, vivenciáveis... E se por um lado eles sejam “insensíveis”, por outro eles são plenamente apreensíveis.

Valores se aprende na convivência. E não na cegueira da reprodução, mas na autonomia da escolha e na liberdade das formações de idéias. Valores são incorporados por quem apreende e são recriados a cada incorporação...

Assim, na escola – e no educar – devemos vivenciar os valores... Experimentá-los na legitimidade do nosso ser e na autenticidade do nosso momento. No aconchego da nossa essência humana, nossa identidade planetária. E aí, nesse ambiente de gosto bom, amplamente prazeroso, trabalharmos nossas capacitações e nossas incorporações todas.

E aqui, a decisiva importância da afetividade. A decisiva importância do Amor para que a escola se transforme nesse ambiente gostoso de se viver. Para que o educar, em si, se transforme nesse processo saboroso de se experimentar. O processo de formação humana...

“O amor é nossa base, a proximidade é nosso fundamento (...)” (Maturana, 2002, p. 75)

É o que pensamos também aqui. Assim, na ausência de Amor e de proximidade, nós desaparecemos como seres humanos, ainda que nossa corporalidade humana se mantenha. A nossa aparência humana não garante, assim, a humanidade de nossas ações...

Nesse senso, nada que fizermos nesse mundo que vivemos nos servirá – a nós enquanto humanidade – se fizermos na ausência do Amor e da proximidade; seja o que seja. Nada... nem na política, nem na religião, nem na ciência, nem nos movimentos sociais... Nada... nem nessas nem em quaisquer outras coisas...

Nada... Nem nas escolas, nem nas relações educacionais... que em nada nos servem – humanamente dizendo – se estiverem fundamentadas na ausência da proximidade e do Amor...

Porque somos humanos... Nascemos todos de uma possibilidade para o Amor, de uma esperança para amar... e a ausência desse Amor nos faz mal. Nos faz doentes. E aqui, continuamos com Maturana (2002), que diz:

De fato, ficamos enfermos quando nos é negado o amor como modo de convivência em qualquer idade, e na criança este adoecer tem graves conseqüências para o seu crescimento como um ser com consciência de si e consciência social, para ser um cidadão responsável. (p. 15)

Sem Amor, o ser em formação – a criança, o adolescente, o jovem, o aluno – fracassa no reconhecimento de si mesmo; falha já em seu direito legítimo e primário de existência; perde a chance de identidade, de história, de autonomia e consciência. E a partir daí afeta toda a sua sequência de vida...

A partir dessa ausência, o ser em formação deforma a sua possibilidade humana e altera, significativamente, a sua presença no mundo. Dá-se lá – nessa ausência – a descendência a outras possibilidades de relações, construções, criações e convivências entre as pessoas. Dá-se lá, o agravamento das limitações nas visões e experimentações de existência; a deficiência de qualquer entendimento e dos conhecimentos todos de nosso viver.

É o que sugere Maturana (2002), em nos dizer que:

As dificuldades de aprendizagem e de comportamento relacional que as crianças mostram em sua vida escolar não são de índole intelectual nem relativas às suas características intrínsecas de personalidade, mas surgem da negação do amor como espaço de convivência e são corrigidas restituindo-se o dito espaço. (p. 15)

Naturalmente aqui, Maturana considera a existência de exceções. Existem situações extremas de alterações neurológicas, por exemplo, que causam mudanças no alcance da inteligência humana, no ser que as vive, e que afetam assim, seus processos de aprendizagem. Mas em uma dada recorrência biológica de nossas constituições humanas, Maturana nos lembra do desconhecimento que temos, até hoje, dos limites à nossa inteligência...

E assim, simplesmente por coexistirmos na linguagem, somos potencialmente seres igualmente inteligentes; igualmente capazes de aprender, em potencial.

Nesse senso, as dificuldades de aprendizagem – nas relações educacionais em geral e nas escolas – surgem-nos mesmo dessa ausência de Amor... Geram-se no seio seco dos impedimentos, das complicações e dos “desajeitos” à experiência amorosa e próxima de convivência.

E nós sabemos que a escola esteve sempre fortemente vinculada, em senso comum e também além dele, à idéia do desenvolvimento da nossa inteligência...

É comum, por exemplo, dizermos que “vamos à escola para ficarmos inteligentes”... mais inteligentes. E de fato é essa uma das possibilidades mais ricas e enriquecedoras da escola: provocar o desenvolvimento das inteligências humanas, o desenvolvimento de nossas faculdades mentais.

Mas, de repente, o que talvez percebemos aqui, é que existe um estreito e muito íntimo relacionamento das nossas inteligências com a afetividade em nós... muitas e intensas relações entre o mundo do intelecto e o mundo das emoções, no humano...

Assmann (2003) nos diz ser mesmo impossível separarmos o desenvolvimento da inteligência do mundo da afetividade. Para ele “Tudo que aprendemos é influenciado e organizado também por emoções e ‘configurações’ emocionais (...)” (p.251)...

É como se as emoções colorissem todo o sentido que percebemos, na inteligibilidade das coisas.

Daí é que decorre ser fundamental que as relações educacionais – também e importantemente na escola – se dêem em uma atmosfera emocional sempre adequada; em climas favoráveis e interessantes.

É o que também pensa Morin (2002), quando também nos fala dessa estreita relação entre inteligência e afetividade. Para ele, o equilíbrio emocional nos é fundamental para o desenvolvimento da nossa inteligência. Fala ainda da existência de um eixo que une afeto e intelecto, de uma maneira assim concisa, que inexista superioridade de um sobre o outro; de modo que a capacidade de nos emocionarmos nos seja sempre indissociada do desenvolvimento da nossa racionalidade humana.

Maturana (2002) nos fala também, que todas as ações humanas ocorrem sempre em conversações entre a linguagem e as emoções. Como se todas as ações humanas acontecessem no entrelaçamento de linguagem, com o emocionar...

Nesse caso, podemos entender linguagem como sendo as “coordenações de coordenações comportamentais consensuais” (p.15), como denomina Maturana...

É aí que se dá o entrelaçamento de todo o mundo que temos dentro com todo o mundo que temos fora de nós... É aí que se dá o entrelaçamento de alguém com além... de “eu” com o “outro”... de “nós” com “eles”... *yin* com *yang*... o ser com o fazer... a formação humana com a capacitação...

E dizemos aqui que, na realidade, não há separações... Na interdependência e na complexidade em que vivemos, todas as coisas se interconectam, sempre...

Nós humanos, em nosso presente, somos pulsão, afeto e razão, como sempre fomos desde o nosso surgimento na Terra. Nossa fortuna depende – e dependerá sempre, pelo tempo em que formos humanos – necessariamente de nossas habilidades em vivermos, em paz e harmoniosamente, esse nosso aspecto triúnico de existência...

Somos mesmo – e sem a chance de parar – essa dança cósmica atemporal e quase eterna entre esse todo que somos. Essa dança em que afeto, instinto e racionalidade movimentam-se incessantemente em nós, entre extremos e minimalismos. Esse jazz livre entre inconsciência, subconsciência, consciência e supra-consciência. Essa festa estranha de gente esquisita – no sensação mais succulenta da esquisitice – sem hora para acabar, em que bestas e fadas, feras e anjos, mitos e empirismos, seres arcaicos e profecias, reúnem-se, todos, em um “único” ser...

Seres sem separações... Só somos inteiros, completos, se conscientemente complexos... Logo, como já dissemos, é premente termos constante consciência desse todo complexo que nos compõe e que compomos, sempre; nessa plena patência das tantas coisas que há.

Mas a escola, como vemos, em reflexos quase autônomos desse jeito como vivemos, faz-se incapaz de conceber-nos em nossa totalidade. Retalha-nos em retaliações... Educa-nos em pedaços...

E nesses reflexos todos, a escola parece ater-se exclusivamente à racionalidade humana... levada a seus extremos – os mesmos para onde trouxemos a nossa ciência. Mas assim,

dissociados do todo que compomos e de que somos compostos, nós humanos só podemos gerar falsas racionalidades. Distantes de nossa complexidade inerente, somos capazes apenas de racionalizações ignorantes, desentendidas e irracionais...

E aí, inevitavelmente, a escola – a exemplo de mesmas impotências que vivemos socialmente, em muitos outros ambientes – não consegue, nessa crise de racionalidade que vivemos, lidar racionalmente com toda a gama de surtos de pulsões que nos acompanham quase sempre, nesse nosso presente...

E assim, escolas e educadores perdem-se cada vez mais, como por exemplo, ante a toda essa agressividade manifesta atualmente no ambiente escolar... cada vez mais frequentemente e cada vez menos explicável sob os olhares das nossas falsas racionalidades. Pois com tais olhares, vemos apenas seres recortados... cérebros; sistemas nervosos centrais aparentemente normais, destinados a estarem aptos para comandar a vida normal de pessoas normais, úteis à sociedade, em corpos dóceis e bem adestrados...

Esses olhares impedem a escola, seus educadores e educadoras, de perceberem o ser que há aquém e além de qualquer fazer... Cegam-se a quase quaisquer percepções da vida que há além da cartilha, além da carteira, além da sala de aula e dos muros da escola... Olhares que se esquecem, quase sempre, de lembrar que esses alunos, crianças, adolescentes e jovens, humanos, têm – ou que não têm – uma família; que vivem nas suas comunidades diversas em constantes interações com muitas coisas; que vêem tv; que se comunicam diariamente com mesmas e outras pessoas, entre o mesmo e surpreendente de cada dia; que são “crias” – como todos nós – de sistemas organizados e organizadores de pensamento, de relações econômicas determinantes, de governos políticos determinados; esquecem-se que esses seres em formação são seres complexos, universos inteiros, legítimos em si, desde sempre...

Esquecem-se de nossas organizações sociais e seus padrões todos; esquecem-se da tal ordem mundial que, de uma maneira ou de outra, nos tendencia globalmente. Esquecem-se das relações de interdependência, das interligações e das inter-retroações todas. Esquecem-se de nós todos, como seres complexos e totais, feitos desse mesmo todo que compomos...

Daí inventa-se uma série de nomes com o quê inaugura-se uma série de novas doenças, distúrbios e desvios, para “explicarmos” esses surtos todos de pulsões irracionais em

nossos comportamentos... mais precisamente nos comportamentos de nossas crianças, nossos adolescentes, nossos jovens... nossos seres em formação...

Apenas outra forma de passividade. Outra cegueira paradigmática que adotamos para desviar-nos de nós mesmos. E aí, conseqüentemente, para desviar-nos de nossa responsabilidade ética planetária.

Na dinâmica sistêmica relacional em que vivemos, revelam-se em nosso presente uma série de conseqüências de escolhas já feitas e já vividas pela humanidade, impressas nesse hoje que se nos apresenta, nesse mesmo momento em que nas nossas crianças, adolescentes e jovens, tentam crescer nas vidas que lhes inicia...

Inexiste um gen para coisas como hiperatividade, por exemplo. Não há cromossomos que expliquem muitos de nossos problemas atuais. Muitos deles não nos são impressos – em um primeiro momento – em nosso DNA. Não há bactérias para eles, não há virulência literal que os dissemine, não há mosquito transmissor. Há a conseqüência para as conservações de maneiras de viver que escolhemos conservar ou que conservamos sem consciência, no decorrer de nossa história... Há as transmissões que nós mesmos, humanos, nos causamos pelo tempo e pela geografia do planeta Terra...

Coisas que nossa falsa racionalidade insistentemente se nega a processar...

Aí, sociedades inteiras defendem-se dessas “anomalias” comportamentais – que nós mesmos criamos – patenteando rótulos de anormalidade, para “explicarem” tais comportamentos...

Simultaneamente, escolas e professores assumem esses rótulos todos – e por vezes, ainda, inventam os seus próprios – para alegarem que tais comportamentos transcendem as responsabilidades educacionais escolares...

Será mesmo?

Não parece estranho que hoje haja em muitas turmas de muitas escolas, mais crianças com comportamentos taxados “anormais” que aquelas que se comportam “normalmente”? O que reflete essa generalizada crise, que é também e quase principalmente das nossas relações educacionais? Que seres tem formado esse nosso modelo de sociedade; nesses nossos modelos de coexistência, de comunidade, de família, de escola; nessa nossa idéia de educar?

O termo “transtorno bipolar” nos parece extremamente apropriado para essas reflexões... E não para taxarmos alguns alunos problemáticos de “desequilibrados” – aliás, como cada vez mais normalmente se faz, com cada vez menos sensatez. Mas porque nós, como humanidade, estamos problemáticos e desequilibrados...

Somos, de fato, uma sociedade bipolar. Vivemos uma cultura bipolar. E seguimos a esse paradigma cartesiano que é bipolar... que gera uma ciência bipolar, que gera conhecimentos bipolares, que geram escolas bipolares... e que apenas poderiam gerar: pessoas bipolares...

Somos tanto cartesianamente bipolares, quanto somos bipolares, também, no sentido de estarmos extremamente subjugados a apenas dois de nossos aspectos humanos: razão e pulsão.

E, nesse senso, estamos mesmo transtornados... Esquecemo-nos das emoções, da afetividade... E assim estamos vivendo incompletos em nossa trindade existencial humana...

Esses comportamentos “anormais” que constatamos hoje, na escola, na família, na comunidade e em todos os contextos sociais, talvez sejam, simplesmente, o grito impulsionado, quase todo animal, quase todo instintivo, quase todo subconsciente, das nossas origens humanas mais primárias, mais animais, na procura eufórica, nostálgica e desesperada, pelo elo esquecido em nossa humanidade: o afeto. O mundo das emoções. A possibilidade para o Amor...

Nós, humanos, somos seres de transação tripolar... de trânsito, de transe e de transa entre as pulsões, as emoções e as razões que nos compõe e que compomos... Em quaisquer

exclusões que nos mutile a integridade genuína de seres “triais”, que nos rebaixe a qualquer mono ou bipolaridade, nos restamos transtornados...

O que será que, por exemplo, toda essa agressividade, que percebemos atualmente nas escolas e além delas representa?

O aluno que agride pode, mesmo agressivo, saber quem “descobriu” o Brasil; pode saber a tabuada do 4; pode saber o que seja um planalto, um platelminto, um placebo; uma molécula de glicose; uma sílaba tônica; uma lei newtoniana; uma metonímia; o verbo *to be*... Pode inclusive saber dessas coisas todas como resposta a agressões sofridas... como pressões moralmente violentas por rendimentos quantificáveis, técnicas de memorizações condicionadas, chantagens educacionais e atrocidades semelhantes...

Mas será que esse mesmo aluno, que agride, agressivo e agressor, pode já ter descoberto, em algum momento de sua formação como ser, o Amor?

“Só saberás quem és se tiveres sido amado.” (Lévy, 2000, p. 12)

Não duvidamos aqui, pelo menos em primeira instância, da importância de nenhum dos conhecimentos que trouxemos como exemplo. Mas, se for verdadeira essa frase de Pierre Lévy, então de nada valerão esses conhecimentos todos, no processo de formação humana de cada ser, se cada criança, cada adolescente, cada jovem, cada educando, não experienciar, na sua vida, o Amor.

Apenas em Amor cada ser pode reconhecer-se a si mesmo como ser em si, e a partir daí, iniciar os seus processos de formação humana pela vida toda... na busca constante do Humano pelo humano; que será sempre acompanhada da busca, também constante, do humano pelo Humano... até que conjugemos o “h” de nossa realidade com o “H” de nossas possibilidades...

E assim, em amar, talvez encontremos as soluções que buscamos para a agressividade e tantas outras questões problemáticas essenciais de nosso presente; de nossas escolas, nossas relações educacionais; nossas vidas... individuais, em espécie e em sociedade.

Existem coisas que tendem a existir apenas na ausência de outras coisas. O breu, por exemplo, tende a acontecer apenas na plena ausência de luz. E se há luz, há quase sempre permissões para a sombra... para interações obscuras em seus movimentos... mas quase jamais, há espaço para o breu...

E talvez a agressividade, como exemplo de tantas outras questões pertinentes a esse nosso presente, nas escolas, nas relações educacionais e na vida, seja apenas o reflexo da ausência de Amor em nosso mundo...

Porque em Amor, seríamos capazes de reconhecer-nos a nós mesmos, aos outros e ao mundo em si. Seríamos capazes de amar a legitimidade de cada ser; a liberdade de ser de cada um. Seríamos capazes de amar a diferença, em nossas igualdades. Capazes de respeitar; de sermos socialmente responsáveis; de respondermos planetariamente pelas nossas condições humanas e pelas condições do mundo em que vivemos.

Seríamos, também, capazes de amar o conhecimento em si – idéia fundamental da filosofia... Amigos do conhecimento em convivência amigável com a consciência, fazendo amizade com a vida e com todos os seus saberes diariamente... mais e mais a cada dia. Seríamos assim capazes de amar a tabuada, a tabela periódica, as figuras de linguagem... De termos prazer e alegria em aprendê-los.

E lembramos que esse amar, de que dizemos, vem de uma amplamente abrangente idéia de amar... de um Amor que gera todos os amores. Um amar que conjuga respeito; que pressente reconhecimento da legitimidade da vida e das coisas todas; um amar que também se chama calma e paciência... Amor que prevê a paz e que, inevitavelmente, a gera no exato instante em que acontece. Amor íntimo da consciência, ávido por experiências, faminto por descobertas... Um Amor querendo saber, entender, conhecer... Amor brincante e maduro; que nos desperta como seres de ternura e sensualidade. Amor que se transforma em dança; que torna o lúdico; que faz a sinestesia... Amor único e múltiplo, mesmo e diverso; igual porque diferente; diferente porque igual; simples e singular, complexo e plural... Amor que nos faz artistas em nosso convívio diário... que nos faz arteiros também, às vezes... Esse Amor que, apesar dos

nossos esforços, é muito menos para se pensar e muito mais para se sentir... Muito menos para se descrever e muito mais para se inscrever em nós...

Números múltiplos de 4, conceitos de elétrons e hipérboles não nos ajudam, por si sós, a nos reconhecermos como seres humanos... Nenhum conhecimento em si, mas o reconhecimento de nossa essência humana... A experiência do Amor como ponto de partida e de chegada para qualquer coisa...

Estamos doentes na ausência de Amor. Enfermos na falta de experiências amorosas de com-vivência. E apenas seremos sarados, apenas deixaremos esse estado transtornado, no equilíbrio dinâmico relacional inteligente, sensível e mesmo instintivo da nossa tripolaridade existencial. Como seres tripolares que somos...

Na tríade razão-afeto-pulsão, como já sabemos, inexistem separações. Todas as partes compõem o todo, que em si, inexistente se lhe faltar qualquer uma das partes. Todas as partes igualmente nos importam...

Porém, se resgataremos nossas reflexões acerca de nossas evoluções, lembraremos de nossa ancestralidade pulsante, de nossa contemporaneidade racional; e, entre elas, a nossa essência afetiva... A marca do acontecimento do humano na terra, como possibilidade. O aspecto ponte de nossa humanidade. O elo entre pulsão e razão.

O afeto é assim o elo entre o que fomos e o que podemos ser, se quisermos ser...

É o elo entre o presente que vivemos – já há muito tempo – e o que podemos viver. O fator que nos é essencialmente humano, entre a nossa sutileza mais quase divina e nossa densidade mais quase ancestral...

Não, a afetividade não é mais importante que a razão, nem que a pulsão. Como já dissemos, elas todas, juntas, nos importam equivalentemente...

Mas a nossa essência humana mora mesmo na afetividade. Se já falamos de identidade para os indivíduos, vale dizer que, como seres totais, indivíduos, espécie e sociedade,

a afetividade é o aspecto que nos cede a real identidade humana. Sem Amor deixamos de existir; pelo menos, enquanto seres humanos.

E aí passamos a coexistir na bipolaridade mesmo. Ocos por dentro. Sem identidade individual, nem planetária. Perdidos entre nossos lampejos super inteligentes e nossos surtos nada racionais.

E aqui nós defendemos que as escolas, bem como toda a sociedade, todos nós, devemos nos lembrar do afeto...

Vivemos em uma sociedade que pensa e pulsa demais, mas que sente muito pouco...

Permanecemos nessa bipolaridade transtornada em vagares inertes – ainda que enérgicos às vezes – entre extremos de pulsão e razão... e nos esquecemos dos sentimentos... nos esquecemos das emoções.

Normalizamos qualquer coisa que seja “pelo bem da ciência”. Normalizamos, também, coisas terríveis como a violência besta e imbecil de nosso cotidiano... Dentre tantas outras barbaridades... Mas causamos estranhamento quase geral, se desejamos “bom dia” a alguém – que desconhecemos – na rua...

Estamos tão insensíveis, que somos já quase que totalmente incapazes de reconhecermos a possibilidade de que um humano deseje a outro humano um simples “bom dia”, mesmo sem conhecê-lo. Reincorporamos tanto a tal coexistência política de nossa ancestralidade macaca nada “*sapiens*”, que perdemos toda a acuidade para percebermos mesmo a possibilidade de uma coexistência em Amor...

A singeleza do Amor simples que apenas deseja, fica sem espaço diante de complicadas tramas de interesse em que nada jamais é o que demonstra ser. A coexistência íntegra possível de intenções primeiras fica cativa nesse coexistir sacana de segundas intenções. Fundamentamos as nossas relações humanas – humanas? – de hoje – até hoje! – na desconfiança...

Vivemos em uma sociedade que recebe muito mais normalmente decretos e pontapés que sorrisos alheios.

Estamos distantes da afetividade, dos sentimentos, das emoções. Com saudades de nossa neotenia, de nossas possibilidades humanas. Falta-nos justamente o afeto em seu aspecto de elo, em seu quê de ponte. Falta-nos mais afeto, mais sentimentos, mais emoções a nossa inteireza trina de existência; e a nosso transtorno falta-nos mais afetividade, para que tornemos a nosso entorno tripolar.

E aqui, retomamos algumas idéias de Maturana (2002) em sequência...

Pensamos também que “(...) o curso que a vida humana segue e seguiu é o das emoções, não o da razão” (p. 14). Assim, acreditamos que, consciente ou inconscientemente, vivemos sob constante influência de nossas emoções; sempre...

Porque pensamos que as emoções sejam “(...) dinâmicas corporais que especificam as classes de ações (...)” (p.14), como também já dissemos. Assim, nossas emoções intermediam, sempre, as nossas relações com todas as coisas, e especificam, momento a momento, os nossos jeitos de viver. Os nossos jeitos de ver, sentir e aprender o mundo – de apreendê-lo com todos os nossos sentidos – passam sempre pelo universo de nossas emoções e se transformam a partir dele.

As emoções, assim, influenciam todos os nossos jeitos de entender e de fazer as coisas todas. Sempre.

E aqui convidamos Restrepo (2001), para participar mais diretamente de nossas reflexões:

Cada vez estamos mais dispostos a reconhecer que o tipicamente humano, o genuinamente formativo, não é a operação fria da inteligência binária, pois as máquinas sabem dizer melhor que nós que dois mais dois são quatro. O que nos caracteriza e

diferencia da inteligência artificial é a capacidade de emocionar-nos, de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos que nos impactam. (...) Como nós seres humanos só podemos descobrir-nos nos espelhos deformantes que a cultura nos oferece, hoje podemos constatar que o pesadelo do homem-máquina, tão perseguido pelo Ocidente, também serviu para ratificar de maneira profunda e certa a autêntica dimensão do humano. O que caracteriza nosso pensamento, nossa cognição, o que nenhuma máquina jamais poderá suplantar, é precisamente esse componente afetivo presente em todas as manifestações da convivência interpessoal. (p.18 e 19)

Somos seres vivos no curso das emoções, e temos que aprender a viver nas emoções... como humanos que somos.

Porque o universo das emoções humanas nos é demasiadamente extenso... E mergulharmos nele é, antes de qualquer coisa, uma enorme vertigem... Tão enorme quanto gostosa, é verdade. Mas há que se refinar o paladar para saborear cada nuance dessa aventura passiona! de viver emocionado...

Restrepo (2001) nos recorda bem de toda essa imensidão do mundo das emoções. Lá não há apenas Amor, nem apenas derivações de amar. O universo emocional é feito de Amor e desamor, de afeto e desafeto... De positivities e negatividades... Criatividades e “destrutividades”...

O mundo das emoções é também a casa da confusão humana, a sede das tantas instabilidades a que somos sujeitos, o palco da nossa “corda-bambagem”... E aventurar-se por lá requer boas pitadas de atrevimento e ousadia... Restrepo (2001) é um que ousa e se atreve a falar de ternura – e que o faz lindamente –, mas o faz na consciência da facilidade com que nós humanos podemos chegar à violência... E nos fala que “enveredar pelo caminho de ternura é ter sempre presente, no horizonte, a possibilidade da crueldade (...)” (p. 57)

Assim temos que aprender a viver nesse mundo de emoções... alfabetizarmos emocionalmente... exercitarmos o nosso cérebro emocional, de que nos fala LeDoux (2001)...

E a maneira mais interessante de o fazermos é vivermos e convivermos na fluência livre do nosso emocionar... Libertar-nos de todas as repressões afetivas, permitirmo-nos às emoções a todos os instantes, afinal, elas são parte de nossa existência em todos instantes... Estarmos à vontade para expressar as emoções que sentimos e assegurados para conversarmos sobre elas... Aceitarmos-nos, afinal, como seres também emocionais... Legitimarmos a existência desse mundo fantasticamente real, que nos engole vorazmente, na antropofagia de nós mesmos...

Com-vivermos todos nas dinâmicas relacionais das nossas emoções... Para quem sabe podermos todos, pouco a pouco, como os poetas, vivermos confortavelmente no centro dos turbilhões emocionais de nossa existência... Sabendo os momentos de respirar e os momentos de nos permitirmos às importantíssimas perdas de fôlego... Sabendo os momentos de nos perdermos no caos das superfícies agitadas dos mares de sentimentos todos misturados e as ocasiões de descansarmos no sereno das nossas profundezas, mais já acalmadas... Sabendo viver como nas dicas de rei e Titãs¹⁵...

E assim, nesse fluxo livre das emoções, tomamos consciência das várias possibilidades de toda essa imensidão que as integra nessa vasta essência humana de sentir... E daí, podemos, mais conscientemente, escolhermos o queremos cultivar em nossas vidas... As emoções que queremos semear pelas nossas andanças por aí...

E é nesse caminhar que podem, de repente, surgir as experiências de Amor, de afeto e de toda a sorte de emoções gostosas, em derivações... Cada vez mais conscientes e cada vez mais desejadas, pela Humanidade em nós...

E aqui, a importância de que a escola seja um ambiente de Amor...

A importância da escola como sendo esse espaço de amorosidade constante... terno e sensual em sentido amplo... permissível à sinestesia e ao conhecer de corpo inteiro... a escola ensinando a aprender a aprender... a escola estimulante a aprender para sempre... a escola excitante ao apreender com todos os sentidos...

A escola como local de afirmação do ser de cada ser; do reconhecimento da legitimidade de cada vida, de cada história; de criação de identidade; de consciência; de liberdade... A escola que gera o respeito, que semeia a paz. Que sonha com outra realidade, mas que age no real que há...

¹⁵ Titãs em “É preciso saber viver” – Álbum: Volume Dois – 1998, WEA. Composição de Roberto Carlos.

Escolas como lugares da com-vivência e da arte de encontrar-se. Ambientes de gentileza, de compreensão, de delicadeza... A escola como local de bons tratos, de contatos... Como espaços de sensibilidade solidária, de esperança. Onde haja fé e ciência; ciência e arte... Onde haja o todo além das partes.

Onde crianças, adolescentes, jovens... humanos; onde educandos e escolares possam ser apresentados ao conhecimento e onde possam se tornarem amigos, íntimos, confidentes dele e entre si. E que, de conhecer em conhecer, educandos e escolares possam se desenvolver pela vida adentro, como seres íntegros, plenos e inteiros; unimúltiplos, legítimos e tripolares. Que se desenvolvam integralmente... pulsões, afetos, razões... E individualmente, sempre e cada vez mais, para que nos desenvolvamos também e simultaneamente como sociedade e espécie...

Escolas que sejam, enfim e afinal, ambientes para que os escolares se formem o mais humanamente que puderem; o mais humanamente que pudermos... e, humanamente dizendo, todos nós podemos muito...

Como, porém, fazer da escola esse lugar, se vivemos hoje esse contexto complexo quase que completamente avesso a todas essas coisas?

Lembramos aqui do mito de Atlas, na mitologia grega...

Aquela figura humana com o mundo todo nas costas, certamente representa – já desde aquela época – a responsabilidade que temos, como humanidade, pela nossa existência humana e mesmo pela vida da Terra inteira, como planeta; como se a idéia clássica de destino estivesse mesmo sujeita a nós, posta nas nossas mãos, entre nossas escolhas sinceras e nossas ações concretas...

Afinal, como nos fala Assmann (2003, p. 19):

(...) não cabe dúvida de que – a esta altura da evolução da nossa espécie (...) – o ‘nós’ coletivo da humanidade já não pode querer eximir-se da responsabilidade, que lhe toca

assumir, por aquilo que acontecerá com a evolução da vida nesse planeta daqui para diante.

Mas pensamos também que, se a metáfora de Atlas nos parece extremamente pertinente a nós todos como humanidade, ela nos parece extremamente desleal com qualquer ser que a queira encarnar individual e solitariamente...

A esse acontecimento Assmann atribui o nome de “Síndrome de Atlas” (p.19). Fenômeno que pode bem acometer educadores que se sintam demasiadamente responsáveis individualmente em seus fazeres como tais, e que lhes pode assim inculcar muitas culpas virtuais e falsos fracassos. Síndrome que acrescenta peso em demasia às costas de qualquer ser; e que ao invés de impulsioná-lo às ações, o esmaga e imobiliza...

E dizemos aqui ser fundamental que nós, como educadores – e como seres humanos em quaisquer dimensões de nossas vidas – fundamentemos as nossas ações sempre na leveza...

As chances do humano – da humanidade, da escola... – moram sempre na possibilidade de coisas e jamais da impossibilidade de nada...

Nós não precisamos – nem na escola nem em lugar nenhum – de Esperanças, Verdades, Promessas, nem de nenhuma dessas coisas grandes, gigantescas, começadas em letras garrafais, para nos transmitirem falsas impressões de que elas Sejam¹⁶...

A única coisa que verdadeiramente nos interessa Ser, é o Amor. Porque o Amor é mesmo a única coisa possível de Ser. Talvez o Amor seja a única coisa que se alimente plenamente de si mesma. E se amamos, como humanos chegamos ao Humano; e como humanidade alcançamos a Humanidade. E quem sabe desse Amor se gere mais Amor, e de amar em amar se gerem todas as coisas que, realmente, nos interessam... Pouco a pouco, dia a dia...

Quem sabe pelo Amor nos venha toda a acuidade para vermos o complexo bem mais amplamente e nele entendermos mais as relações todas entre todas as coisas. E talvez do

¹⁶ Entendemos que Ser seja ser *a priori*, o estado de ser que independe de pré-requisições e precedências; e também ser *a posteriori*, ou, seguir sendo sempre independentemente de pós-requisições ou de procedências.

Amor, nos venha também a habilidade de enxergamos o pequeno, o dom de percebermos o detalhe... Não como quem se contenta com quase nada, mas como quem garimpa a beleza de tudo.

Talvez assim descubramos a vida secreta das pequenas coisas¹⁷ ... o fascínio do mínimo, a grandeza da miudeza, o todo do pedacinho, o eterno do milésimo de cada instante...

E assim, quem sabe, saberemos passar pelos paradoxos todos... por esses de hoje e pelos outros, certamente vindouros...

Restrepo (2001) chama de sabedoria, aliás, mais que lindamente, a plena união entre cognição e afeição... e conforme o que nos fala, é para ela que “devemos” retornar... Retornarmos em um retorno poético, que tanto pode ser a volta para o que perdemos, quanto a ida para o que, todavia, ainda não encontramos...

É dessa sabedoria que talvez precisemos hoje, imensamente... Afinal, para todos esses autores, seres humanos admiráveis, a quem recorremos nessas reflexões, é lá a verdadeira casa da ética humana.

É lá a casa da “antropo-ética” de que nos fala Morin (2002, p. 106)... Que nós respeitosa e ousadamente subvertemos em antropoética¹⁸...

É essa sabedoria que, mesmo inconscientemente, trazemos mais intensamente em nossas vidas, como lembranças e reconhecimentos de nossas formações, nossas épocas de escola e das coisas todas que vivemos. Como nos recorda Restrepo (2001, p. 58):

É pertinente lembrar que o que nos resta depois de muitos anos de formação na escola ou na universidade, de convivências na rua ou na família, não são tanto cadeias de argumentos ou blocos de informação, mas a lembrança do clima afetivo interpessoal que pudemos respirar. O que permanece gravado na memória é o manejo autoritário ou acariciador que as pessoas e instituições do entorno puseram em prática a nosso respeito.

¹⁷ “La vida secreta de las pequeñas cosas”. Canção de David Broza que integra a trilha sonora do longa-metragem “Cándida” do diretor Guillermo Fesser.

¹⁸ escrevemos antropoética, assim sem qualquer hífen, pelo casamento pleno do ser em *antropos* com a poesia de todas coisas... em uma sensibilidade (est)ética que nos permita viver inteiramente todo o poema humano.

O que nunca esqueceremos dos outros é sua atitude e sua disposição corporal, o clima inter-humano que criaram ao nosso redor. As grandes decisões de nossa vida se alimentam do calor ou da amargura que conseguimos perceber nos climas afetivos que nos cercam desde a infância.

É essa sabedoria que queremos cultivar na escola e que queremos ver nas vidas das pessoas todas... É nessa sabedoria que sonhamos com-viver. E para podermos alcançá-la é mister que sejamos leves...

Assmann (2003) nos sugere que podemos começar pela criação de um clima mais sensível de convivência...

E, de volta a Restrepo (2001), atentemos para ele nos dizendo que:

As percepções e disposições sensíveis são construídas de maneira sutil na interação cotidiana, na dinâmica da aula, nos intercâmbios afetivos e nos exercícios de poder que trespassam tanto a escola como a família, tanto os encontros sexuais como os ambientes de trabalho e sociais. Todo problema ético remete a um assunto estético, ao campo do que poderíamos chamar estética social. Estética, porque o que está em jogo é uma forma de sensibilidade; e social, porque não se trata da experiência individual de quem contempla uma obra de arte, mas da afeição que compartilhamos com o grupo e que acaba por decidir o curso de nosso comportamento. Perguntar-nos pela estética social que devemos cultivar é a forma contemporânea de retomar o tema ancestral da sabedoria. (p. 59)

Perguntar-nos sempre pela estética social... Fazermos de nossa vida em sociedade, como seres experienciais que somos, uma experiência estética constante... uma experiência do sensível sem cessar...

Nós podemos, em nossas relações humanas, educacionais, bem como em nossas escolas, tanto reforçar todos esses comportamentos estritamente patriarcais, que já reconhecemos, quanto resgatar memórias também matriarcais de convivência entre nós, como nos afirma Assmann (2003).

Em outras palavras, podemos tanto atuar em reproduções isoladas do racional, do prático, do produtivo, do objetivo, do grosseiro, do bruto... quanto em restaurações

simultâneas do emocional, dos afetos, da leveza, da flexibilidade, do subjetivo, da criatividade, da inventividade, do lazer, do prazer... da estética e do sensível...

Podemos nessas criações de climas mais sensíveis começar a rever todas as nossas relações humanas e educacionais, todas as nossas propostas pedagógicas, nossas idéias de educar, nossas escolas...

Podemos nos apaixonar... Podemos nos reapaixonar...

Porque concordamos inteiramente com Restrepo (2001) em dizer que:

A paixão é a grande artesã do conhecimento. Afeições e não argumentos, hábitos e não juízos, gestos muito mais do que palavras e proposições, é o que nos resta depois de tráfegar muitos anos pelo mundo, pelas salas de aula e pela academia, como sedimento residual de experiências e aprendizagens. (p. 58 e 59)

E de sorte que, para essas coisas todas, sabemos, como Morin (2002) que “podemos também contar com as inesgotáveis fontes do amor humano” (p. 75)...

Nesse texto, o que queremos, no final das contas, é provocar reflexões que instiguem a (re)descoberta desse Amor, em toda a sua possibilidade... que é a mesma e única possibilidade real do Humano em todos nós... que é a mesma e única – e suficiente – possibilidade real à idéia de educar, em todas as relações educacionais e também a todas as escolas...

Queremos enfatizar que, na vida, todas as práticas de atividades apresentadas, todas as propostas pedagógicas expostas, todas as proposições de relações que se expõem, dependem sempre e inexoravelmente de acontecerem na presença consciente de Amor, ou na sua ausência, consciente ou inconsciente...

A aura de qualquer atividade aplicada, a alma de qualquer proposta assumida é o sentimento que a move em nós e de nós para o seu acontecimento no mundo. Quaisquer ações que aconteçam desconexas da consciência daqueles que as fazem, tornam-se ações reprodutoras, vagas, vazias... e aí, pouco importa a consistência das idéias que as fundamentam... porque elas, em si, pouco podem fazer...

Temos que fazer o que quer que façamos a partir de nossa consciência humana. Temos que fazer o *sapiens* de nossa humanidade valer a pena...

E aqui defendemos que toda consciência verdadeiramente humana começa impreterivelmente na sensibilidade patente e inexprimível de que somos todos nascidos a partir da possibilidade para o Amor que desdobra todo o acontecimento humano na Terra...

Toda consciência que parte de qualquer outra coisa é imprópria ao Humano, ainda que o humano se possa apropriar de muitas outras formas de pretensões e aspirações à consciência...

Assim, o que pensamos aqui, é que o primeiro passo para qualquer transformação real é a tomada de consciência. E que qualquer tomada de consciência real, parte da retomada do Amor como possibilidade Humana de humanamente vermos e vivermos o mundo... de com-vivermos humanamente nesse mundo...

Nós acreditamos demais em nossa possibilidade humana... Mas acreditamos demais também na responsabilidade que temos.

Como nos propõe Morin (2002, p. 75):

A possibilidade antropológica, sociológica, cultural, espiritual de progresso restaura o princípio da esperança, mas sem certeza “científica”, nem promessa “histórica”. É uma possibilidade incerta que depende muito da tomada de consciência, da vontade, da coragem, da oportunidade...

Assim as tomadas de consciência e as transformações no pensamento tornaram-se urgentes, primordiais e vitais a nós seres humanos. E relacionam-se intensamente às nossas relações educacionais... à forma como nos relacionamos educacionalmente e também às nossas escolas, em muitas possibilidades.

Mas, nesse aspecto, é importante lembrar que ninguém pode orientar outrem qualquer na tomada de consciência, se ele mesmo não as tiver tomado para si...

Da mesma maneira, como é muito improvável que alguém proporcione experiências de Amor a outras pessoas, sem que ele mesmo se faça capaz de amar... sem que se faça permeável aos efeitos maravilhosos de qualquer experiência amorosa...

Assim, o primeiro passo a qualquer educador ou educadora, é interno a si mesmo... e incide nessa tomada de consciência para si, que é, em si, inseparável de toda essa fluência de Amor – de que dizemos aqui... Que inevitavelmente se começa daí... da tomada de consciência...

“Não pode fazer o bem aos outros quem não está de bem com a própria vida; não pode melhorar o mundo quem não sabe como começar a amá-lo assim como ele é” (Assmann, 2003, p. 19)

Apenas podemos, cada qual, começar de si mesmo... começarmos de nós mesmos... de quem somos... amando-nos como somos e amando a esse mundo que vivemos hoje, do jeito como é...

E aí, ainda nas idéias de Assmann (2003), partirmos das nossas possibilidades concretas... daquelas que já podemos conceber... Sabendo viver nesse mundo, gostando de viver nesse mundo e suportando viver nesse mundo em suas condições concretas, mesmo as mais pesantes, pelo tempo em que continuamos tentando transformá-lo...

“O importante é enxergar muitas esperanças gostosas do nosso dia-a-dia, e acreditar que elas são factíveis, relevantes, geradoras de alegria, embora nunca plenamente satisfatórias” (p. 15)...

E assim tocamos estrada...

Rumarmos em frente... Sempre a partir do presente que tivermos para viver...

Nessa impressionante jornada humana... Sempre plenamente satisfeitos com o que fizemos pela caminhada... Nunca totalmente satisfeitos com o que fizemos até lá...

E assim, quem sabe, reencantarmos a educação, nas suas possibilidades reais de transformação...

Doravante só será possível sonhar com uma sociedade onde caibam todos se também nossos modos de conhecer conduzirem a uma visão do mundo no qual caibam muitos mundos do conhecimento e do comportamento. A educação se confronta com essa apaixonante tarefa de formar seres humanos para os quais a criatividade, a ternura e a solidariedade *sejam ao mesmo tempo desejo e necessidade*. (Assmann, 2003, p. 297 – grifo do autor)

Afeto e Escola...

Das realidades possíveis às possibilidades reais...

A realidade do afeto, hoje, é a escassez. A possibilidade do afeto, hoje e sempre, é a abundância...

A realidade da escola, hoje, reflete a realidade de nossas relações educacionais, que espelha a forma de nossas relações humanas, que reverberam-se tanto na escola quanto em qualquer instância da vida humana, em quaisquer instituições de nosso conviver social...

Assim, a possibilidade da escola é a mesma possibilidade de todas as coisas... Porque não é a possibilidade das coisas, mas das pessoas...

As pessoas que fazem a escola, que fazem as coisas, que fazem a vida...

Assim, a possibilidade da escola é a possibilidade da vida e se encontra nas pessoas... E enfim, a possibilidade das pessoas, que fazem as coisas, que vivem a vida, que realizam as escolas, é o possibilidade do Amor...

Entre afeto e escola, amemos... Entre qualquer coisa e qualquer outra coisa, amemos... Porque dentre tantas realidades possíveis, essa será sempre a nossa possibilidade mais real...

5 Considerações “Finais”

Edgar Morin, Humberto Maturana, Sima Nisis de Rezepka, Hugo Assmann, Jung Mo Sung, Paulo Freire, Tsunessaburo Makiguti, Luis Carlos Restrepo, Georges Snyders e tantos outros... os citados, os incitados e os não-citados aqui... tantos que vieram e que se foram, quase anônimos, nessa Terra, pelos tempos, que doaram suas vidas para uma causa... todos aqueles que vivem ainda, quase anônimos ou não, e que dão as suas vidas para uma causa... os que recém começaram a jornada... os prestes a se lançarem... todos os que de alguma maneira, direta ou indireta, consciente ou inconsciente, influenciam essas reflexões... todos esses e essas que se destacam na temática educacional, seja pelas palavras, seja pelas ações, seja pelas proposições, seja pela vida em si... cremos que, na essência mais real, se destacam mesmo pelo Amor que se fazem capazes de amar...

O Amor nos parece estar além de toda palavra, de todo silêncio, de toda proposta, abordagem, pensamento, prática, teoria, além de toda vida, de toda morte, além de qualquer coisa, de qualquer sorte...

O apóstolo Paulo de Tarso, em sua primeira carta aos coríntios, nos divaga lindamente sobre o Amor:

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. 2 E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. 3 E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. (A BÍBLIA..., 1995, 1 Coríntios 13:1-3)

Dizeres que inspiraram muitos, de todos os cantos... Que chegaram até a sensibilidade punk de Renato Russo e de toda a Legião Urbana¹⁹, cantadas por toda uma juventude brasileira:

¹⁹ Legião Urbana em “Monte castelo” – Álbum: As quatro estações – 1989, EMI.

“Ainda que eu falasse a língua dos homens. E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria”

E assim, beatas senhoras devotas quase santas nas igrejas e jovens anarcopunks devassos mais que sujos nas calçadas, cantavam uníssonos a mesma idéia...

E aqui, cremos que seja mesmo assim. Na essência, se não houver Amor... nem palavra nem silêncio adiantam... nem qualquer denúncia, nem qualquer proposta... nem qualquer fé, nem qualquer política... nem qualquer abordagem... nem quaisquer visões, nem pontos de vista... nenhuma prática, nenhuma teoria... nada vale a pena...

Viver sem Amor não vale a pena. Trabalhar sem Amor não vale a pena. Educar sem Amor não vale a pena.

Por essa causa é que a palavra Amor se repete tantas e tantas vezes nesse trabalho. Queremos desmistificar o uso do termo “Amor” no seu acontecimento honesto em nosso dia-a-dia, em qualquer instância, onde quer que seja. Também na academia...

O símio de Kafka, a esse respeito, talvez mostrasse – a apesar das semelhanças com nós mesmos a que se propôs – uma grande diferença: mesmo em seu relato oficial à academia ele era extremamente honesto no relacionamento de seus dizeres com o seu viver...

E nós, humanos, às vezes parecemos querer separar a nossa vida cotidiana em vidas distintas... a profissional, a familiar, a social, a acadêmica... E assim vamos nos recortando para cedermos às formalidades de cada coisa... De atrofia em atrofia para cabermos nas dimensões em que os padrões nos encaixotam...

Temos, nos guarda-roupas, roupas... e todos os dias escolhemos aquela que iremos vestir de acordo com o que iremos fazer... Mas nos guarda-roupas também temos “máscaras” que escolhemos para exhibir coisas e inibir outras, diariamente... para nos permitir e coibir-nos simultaneamente... Temos aparências que nos vestem diariamente... ilusões que cobrem nossos olhos e enganam os olhares dos outros...

Fazemos “gentilezas” sem querer, para cumprirmos protocolos... E deixamos de fazê-las em momentos chave, pela inexistência de protocolos para os mesmos...

Talvez seja tempo de nos desnudarmos, como fazia o símio de Kafka, para partilhar as suas marcas com os que se achegavam a ele... Talvez seja tempo de partilharmos as nossas marcas... de compartilharmos mais... de nos achegarmos mais... íntegros, inteiros e totais, com todas as marcas que temos, com todas as coisas que somos... E reconhecemo-nos perante nós mesmos e os outros... Reconhecendo também as nossas fraquezas, nossas dores, nossos medos, nossas incapacidades, insuficiências, calafrios... Toda a nossa humanidade em nós...

Talvez seja tempo de aprendermos uma coisa com esse macaco fantástico, em retribuições a todas as coisas que ele apreendeu da gente... E arrancarmos as roupas, as máscaras, as aparências, as ilusões e vivermos de pele... De cara e alma lavadas...

Talvez seja tempo de reconhecermos nossa interdependência verdadeiramente... E de percebermos a nossa dependência total de Amor, pessoal e planetária, diante das coisas da vida toda.

Talvez seja tempo de reconhecermos mais o Amor nas nossas razões, na nossa ciência, na nossa academia. Para quem sabe, em paralelo a esses avanços que obtemos – que muitas vezes, pela inconsciência, se transformam em “causa *mortis*” para a humanidade, como nos podem bem recordar, por exemplo, Hiroshima e Nagasaki –, podermos também avançar no entendimento das coisas que nos causam vida... Coisas que, para nós, relacionam-se todas, de alguma maneira, com o Amor...

Creemos que o Amor venha antes de qualquer coisa...

Só o Amor pode legitimar uma descoberta nuclear tremenda, só o Amor pode legitimar uma proposta pedagógica promissora, só o Amor pode legitimar o desenvolvimento de uma nova vacina, as pesquisas de células-tronco, as elaborações de combustíveis renováveis, a atuação de um economista, de um médico, de um advogado, de um engenheiro – aliás, nesse ponto, podemos ser todos engenheiros na construção de pontes de Amor e afetividade entre nós, como arquitetos de uma com-vivência amorosa em humanidade...

Só o amor pode legitimar a atuação de um professor, de uma professora, de um educador, de uma educadora...

Sabemos da realidade em que vivemos, para a qual olhamos profundamente aqui, mesmo cientes dos limites de nosso texto... E sabemos que, principalmente aqueles mais engajados na política e nos movimentos sociais, podem alegar esse caráter emergencial de nossos dilemas, essa necessidade quase sub-humana de sobrevivência, como explicações – que cremos legítimas – para a ausência de Amor que vivemos... para a ausência de tempo e meios para a experiência do Amor...

Mas, sendo essa a realidade de hoje, temos apenas duas escolhas possíveis: aceitá-la e querer preservá-la, ou reconhecê-la e querer transformá-la.

E aqui, se esses mais engajados politicamente nos disserem que para transformar a realidade é necessário política, nós diremos – sem negar em nada a importância da política, nem dos movimentos sociais – que para transformar a realidade é necessário, antes de qualquer coisa, Amor... Porque acreditamos que mesmo a consciência política, no seu senso mais saudável e pleno, é consequência inevitável do Amor. Acreditamos que o Amor seja o mais poderoso e eficaz movimento social que se possa fazer.

Porque acreditamos que o Amor seja mais forte que qualquer coisa...

E sem nunca desconsiderarmos aqui a existência individual de cada um... sem ignoramos as abissais diferenças entre um empresário dinamarquês e um mendigo nigeriano, nem sem ignorarmos as enormes diferenças entre um empresário brasileiro e um mendigo brasileiro... nós acreditamos, aqui, na idéia de Humanidade...

Assim, acreditamos que, juntos, somos capazes de suprir as ausências um do outro. Isso sim seria a real sustentabilidade... Isso sim seria uma ecologia do Amor entre nós... humanos vivendo no Humano... humanidade vivendo na Humanidade...

E sobre Humanidade, concordamos com Morin (2002), em pensarmos que a verdadeira transformação só poderá acontecer com a intertransformação de todos. Mas nesse momento presente em que sete bilhões de seres humanos coexistem no planeta, pensar em uma intertransformação de todos pode parecer uma utopia extrema...

De sorte que nós, aqui, não acreditamos em utopia... embora, paradoxalmente, saibamos e reconheçamos a sua existência.

Sabemos que, sem que haja essa verdadeira transformação de que fala Morin, ainda haverá pessoas, irmãs, lutando desesperada e instintivamente para sobreviverem a essa realidade em que vivemos... Sabemos e sofremos em sabê-lo...

Mas se a verdadeira transformação é o que podemos sonhar alcançar... se é ela a meta que queremos... paradoxalmente, não é para ela que devemos olhar... não é nela que devemos pensar... “Devemos” olhar para a estrada que percorremos, para o ponto em que estamos hoje... “Devemos” pensar na caminhada que queremos fazer, nesse caminhar contemporâneo em que estamos, nesse presente...

E se a meta parece utópica, entre sonhos e pernas, atentemos firmemente para as pernas... para reconhecermos, assim, que não há nada de utópico em simplesmente caminhar...

E se a intertransformação de todos parece utopia, sonhemos com a intertransformação de cada um... Sonhemos cada qual com a sua intertransformação pessoal... E daí, caminhemos para ela, cada qual para viver uma transformação interna e interior. Porque aí, qualquer um que disser a si mesmo ser incapaz de se transformar em si, saberá, no seu íntimo, estar mentindo para si mesmo...

E caminhar assim, para transformar-se a si mesmo, embora possa parecer uma iniciativa totalmente egoísta e pouco social, é o gesto ético mais planetário que podemos almejar fazer hoje em dia, nesse presente que vivemos... Transformar-se a si mesmo é transformar o mundo... transformar um mundo... um universo inteiro. E querer “transformar” o mundo ou outros mundos, sem transformar-se a si primeiro, é ser antes de qualquer coisa covarde.

E aqui, nos nossos olhares nada cartesianos, não assumimos a demagogia do altruísmo. Cada qual faz o que faz, ou deixa de fazer o que deixa de fazer, a partir de si, e ser só altruísta pode levar alguém a “outrificar” a própria vida e as próprias responsabilidades diante de si, do outro e do mundo...

Creemos aqui que o ego, no sentido original do “eu” nunca deve desaparecer totalmente nas relações... Creemos assim, que “devamos” ser ao mesmo tempo egoístas e altruístas... Creemos que “devemos” ser “nobisistas”²⁰...

²⁰ Galgamos o termo “nobisistas” do latim *nobis* (nós), para agregarmos *ego* (eu) e *alter* (outro) em uma essência que nem seja apenas egoísta, nem seja apenas altruísta, sendo ambas simultânea e totalmente... em uma dinâmica

É muito provável que pessoas famintas, sobreviventes em circunstâncias horríveis, que experienciem o Amor diariamente de qualquer maneira careçam menos de ajuda, no senso mesmo emergencial do termo, que muitos daqueles que sobrevoam suas terras despejando mantimentos de super aviões, altruisticamente...

E não estamos aqui querendo transformar o Amor em pão ou circo... Estamos afirmando que o Amor é a essência da vida e da possibilidade humanas. E que caminhar para a transformação de si em Amor é caminhar para e pela Humanidade, no gesto mais egóico, altruísta e planetário possível...

Qualquer coisa que esteja além dessa transformação, exatamente por estar além, há de acontecer em sequência. E dizemos aqui que, paradoxalmente, essa sequência acabará sendo sempre inevitavelmente simultânea...

Não devemos parar com a política, não devemos para com os movimentos sociais, não devemos parar com nada... Devemos começar a fazer essas coisas todas em Amor... E o Amor em nós há de potencializar as coisas todas que pensamos, que sentimos e que fazemos...

Somos radicais a ponto de dizermos que, de imediato, não devemos parar com nada mesmo... Nem com as coisas mais terríveis que vivemos... Não devemos parar com o sistema capitalista, não devemos parar com a cultura exacerbadamente patriarcal, não devemos parar com nenhuma dessas coisas horrendas imediatamente... E não o devemos pela simples circunstância do imediato nos ser impossível, nesses casos... Todas as coisas indesejáveis, que nos são prejudiciais, como humanidade, precisam de seus tempos de transições, para serem realmente transformadas...

O que podemos fazer imediatamente é começarmos com nós mesmos...

Até porque a intertransformação de todos, hoje, resume-se simplesmente à intertransformação de sete bilhões de “eu”s viventes na Terra... coisa que daria conta “simbiosoficamente” de cada “eu”, de cada “outro” e de todo o “nós” do mundo...

E de mais a mais, dada a interdependência real em que vivemos, cada transformação pessoal passa a ecoar por todas as interfaces dessa imensa teia que tecemos, na qual vivemos, completamente interconectados... De modo que o tudo e o todo de um, se espalhe sempre para o todo e o tudo do mundo e de todos...

Por essas razões é que tratamos nesse texto muito mais de afeto, que de escola.

Porque nós não acreditamos nas escolas. Nós acreditamos nas pessoas...

Acreditamos nas pessoas que realizam a escola, as instâncias todas, as milhões de instituições, a vida diária na Terra... Nós conseguimos imaginar, perfeitamente, um mundo humano sem escolas... Mas falhamos se tentamos conceber um mundo humano sem humanos...

Nós acreditamos no humano. Nós nos acreditamos e em acreditarmo-nos demais, acreditamos também no Humano em nós...

E o que vem a ser esse Humano, afinal?

É... aqui caberiam apenas infinitudes...

Mas cabe continuar dizendo que nós não acreditamos muito em instituições, em certo senso... que não acreditamos que nenhuma delas nos seja definitiva... porque acreditamos que a única coisa que seja definitiva no humano... queremos dizer... a única coisa que seja infinitiva no humano seja o próprio humano...

Por essas razões todas é que, paradoxalmente, passamos a acreditar muito na escola! Porque as escolas existem na presença das pessoas... E em existirem na presença das pessoas, existem também na possibilidade humana para o Amor...

Nós não acreditamos que as escolas sejam a salvação para a humanidade. Bem pelo contrário, nós acreditamos que a escola em si, isoladamente, como qualquer outra instância isolada, pouco pode fazer... Mas o que queremos enfatizar aqui, é que nenhuma dessas coisas todas isenta a escola da responsabilidade que lhe cabe... e mais ainda... nenhuma dessas coisas todas lhe impede de realizar as possibilidades que também lhe cabem. Não queremos que, como educadores e educadoras, “outrifiquemos”, também nas escolas, as causas dessa realidade em que vivemos, como já dissemos.

Porque as escolas são espaços de convivência humana existentes e, simplesmente em sê-lo, são já espaços possíveis de transformação. Transformação que, todavia, compete as pessoas. Porque as escolas, sem pessoas, inexistem...

E aqui, explicamos o porquê de, nesse texto, não falarmos de nenhuma proposta pedagógica específica, nem “nossa”, nem de qualquer referencial... o porquê não trazermos aqui nenhum aspecto mais prático, nem mais informativo sobre o âmbito educacional... o porquê dessa ausência quase plena de métodos, análises e proposições mais diretas, nesse trabalho...

Porque, aqui, sem desmerecermos nenhuma dessas outras coisas, nós queremos mesmo é conversar com as pessoas... Queremos conversar com educadores e educadoras no sentido mais olhos-nos-olhos e mão-na-mão que uma escrita assim puder permitir. Queremos nos acolher uns aos outros... E enfatizar-nos aqui a importância imensurável da pessoa...

E nesse momento, com toda a licença que o Amor nos pode conceder, remetemo-nos a Paulo Freire, para exemplificar o que queremos dizer acerca da pessoa...

Para tanto temos que desconstruir, aqui, todas as coisas que levam, em si, Paulo Freire...

Queremos desconstruir todas as palavras, todas as produções, todos os dizeres, apontamentos, reflexões, ensinamentos, proposições... todos os métodos, todas as visões... Todas essas coisas que o levam em si, queremos, aqui, desconstruir...

No sentido mesmo de que elas inexistam em si... de que sejam em si vazias... nulas, incapazes, impotentes e desprezíveis...

E não queremos, com essas desconstruções, dizer nenhuma blasfêmia pedagógica... Queremos simplesmente enaltecer o todo que Paulo Freire, em pessoa, levava em si...

Lembramos aqui, crermos que pessoas como Paulo Freire, na essência mais real, se destacam mesmo pelo Amor que se fizeram e se fazem capazes de amar...

Essas coisas todas que remetemos a ele, por exemplo, faziam e fazem sentido apenas dentro do que ele foi como pessoa, dentro do ser de Paulo Freire... dos sentimentos, dos pensamentos e das pulsões que o faziam viver, como viveu... Das coisas que o moviam em suas ações de vida... E aqui ousamos dizer, dentro desse mesmo senso, que foi o Amor em Paulo Freire que encheu de significações especiais essas coisas todas que a ele remetemos.

E agora, permanecemos nessa licença de amorosa, mas para falarmos das nossas próprias vidas... das vidas de nós, que conversamos aqui...

Qual é a vida que vivemos? Que sentimentos nos movem? Que pensamentos nos movem? Que pulsões nos movem? O que desejamos? O que nos alimenta? O que nos traz fé? Quem somos como humanos? Somos humanos? O queremos? Que mundo e que presente queremos viver?

O que queremos enfatizar aqui, é que nenhum método, por mais perfeito que seja, há de suceder bem se quem o desenvolver não identificar o ser que é com o fazer que faz...

As respostas para o humano não estão nas palavras, não estão nos apontamentos, não estão nas reflexões, não estão nos métodos... Elas estão no humano... nos humanos... nós humanos...

E as respostas para os educadores e educadoras não estão em nada senão neles mesmos e nelas mesmas...

E não estamos negando, aqui, as palavras, nem os apontamentos, nem as reflexões, nem os métodos... Estamos simplesmente afirmando o que há na essência dessas complementações todas, aliás, inegavelmente importantes...

Estamos afirmando as pessoas... o ser de cada uma...

Falamos aqui de coisas que o governo não pode imprimir em uma cartilha... E mesmo que pudesse, muito provavelmente não o faria... Estamos falando primeiramente de quem somos... E aí poderemos falar de “como”s e “porquês” em nossos fazeres...

Nós somos seres criativos... E a criatividade pode nascer de muitas coisas... até – e principalmente, às vezes – da ausência... Somos capazes de criar muitos “como”s para os porquês que percebemos... Porque somos seres criadores de mundos possíveis...

De onde Paulo Freire colheu a pedagogia da autonomia? De onde Maturana colheu a biologia do amor? De onde Morin colheu a cidadania planetária? De onde Assmann colheu a sensibilidade solidária? De onde Makiguti colheu a vida criativa? De onde Snyders colheu a alegria na escola? E Restrepo o direito à ternura? De onde vieram essas idéias, esses conceitos, essas proposições?

Nós criamos o mundo que queremos... Na realidade holográfica da vida, o real é sempre também o que se quer realizar...

E que mundo queremos realizar?

Seja como seja, a insistência desse trabalho é que, sem Amor, não poderemos realizar nenhum mundo que seja essencialmente diferente desse que vivemos...

Por essas razões é que, na essência, pouco importa se usamos esse ou aquele método na escola... Nenhum deles, por mais interessante que seja em si, nos interessa verdadeiramente, se nós estivermos na ausência de Amor. Nada nos interessa na ausência de Amor... A ciência não nos interessa sem Amor, o nosso potencial intelectual não nos interessa sem Amor, a academia não nos interessa sem Amor... Porque viver sem Amor, na essência, não nos interessa...

Sem Amor, nada vale a pena...

Na ausência de Amor não há ensino, não há pesquisa, não a extensão, que se legitimem em si... Não pode haver universidade, no senso essencial do termo, na ausência de Amor. Porque nessa ausência as relações educacionais nascem já falidas em existencializar a humanidade. Não há docência nem discência decentes... Sem Amor, as escolas, como qualquer outra coisa, perdem todo o senso sensato de existirem...

Mas, na presença de Amor, a vida se reinventa...

Amemos! Amemos e aí, reinventemos a vida que temos para viver... Reinventemos o presente e o mundo que vivemos. Reinventemo-nos a nós mesmos, reinventemos as relações, os meios, os jeitos, as instituições... Reinventemos os nossos fazeres... Nossos pensamentos... Nossas emoções... Nossa fé, nossa esperança... Reinventemos nossa andança, nossa dança... Nossa errância na constância do que há de bom... Reinventemos nossa herança e as coisas que havemos de deixar para os que vêm... Reinventemos nosso tempo... nosso momento... Reinventemos mesmo as nossas reinvenções, se necessário for...

Reinventemo-nos em Amor. E em Amor reinventaremos também as relações humanas. E em reinventarmos as relações humanas, reinventaremos também às relações educacionais... até porque se trata, afinal, de relações sinônimas...

Nós, humanos, ensinamos e aprendemos pelo tempo que vivemos... sempre e o tempo todo...

A educação, em sua idéia essencial de educar está sempre presente no humano... Essa educação-relação, na formação do ser que somos, na capacitação do fazer que fazemos, na vitalização do viver que vivemos... Essa educação-transformação, metamorfose integradora de mundos, geradora de universos cada vez mais completos em si e nos envolvimento entre si. Essa “educação” que compõe os encontros da vida, que afina a qualidade da com-vivência humana, e que alarga as nossas possibilidades todas, à quantidade que sequer podemos contar...

É nessa essência que acreditamos na educação como cerne de nossa missão atual pela cidadania terrestre... É na presença dessa educação que nós acreditamos na continuação do humano na Terra. E é apenas na ausência dessa educação, que creditamos o fracasso humano terreno como sendo provável.

É enfim nessa educação que podemos crer no acontecimento do Humano em cada humano. É assim que cremos em uma humanidade que se afirme como tal, para em seguida se humanizar ainda mais em Humanidade...

É assim, nessa idéia de educação, que acreditamos na escola...

“Escola” vem do grego *skhole* e significa divertimento... Tempo aproveitável para o exercício de atividades prazerosas. É nessa escola que acreditamos...

Nós não acreditamos nas escolas que predominantemente vivemos atualmente, que é basicamente a mesma escola desde o seu surgimento na história humana. Mas acreditamos em uma transição que se dê a partir dessas escolas que vivemos, por meio da intertransformação das mesmas, feita e vivenciada gradativamente no nosso dia-a-dia...

Porque queremos a escola transformada... E é para chegarmos a ela, começamos em nosso presente, a partir das escolas que temos hoje, como matéria-prima para o nosso Amor cotidiano...

E não sabemos como será essa escola transformada... Saberemos dela conforme ela for se acontecendo em nosso presente...

E, sobre o nosso presente, reinventemo-lo, desde já! Reinventemo-nos! Reinventemos as relações humanas e educacionais! As idéias de educar... Reinventemos a escola! Porque, afinal, cremos que a idéia de escola há de permanecer sempre... E queremos mesmo que permaneça:

Tempo aproveitável para o exercício de atividades prazerosas...

Nesse senso, existencializemos aquele dizer popular de que “a vida é uma escola”... Para fazermos da vida inteira um tempo aproveitável para o exercício de atividades prazerosas... Essa é a idéia de escola que queremos materializar...

Dessa maneira, “escola” passa a ser sempre um verbo afetuoso... e “afeto”, um eterno pronome escolar...

É nessa sintaxe que enxergamos as possibilidades reais desses dois termos conjugados. E é na oração composta, pelos dois, que nós vemos, verdadeiramente, uma realidade possível para o Amor...

Referências

- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: 3. ed. rev. corr. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- ASSMANN, H.; SUNG, J. M. **Competência e sensibilidade solidária**: educar para a esperança. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- KAFKA, F. Um relatório para uma academia. In: _____. **Um médico rural**: pequenas narrativas. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LEDOUX, J. **O cérebro emocional**: os misteriosos alicerces da vida emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LÉVY, P.; LABROSSE, D. **O fogo libertador**. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- MACLEAN, P. D. **The triune brain in evolution**: role in paleocerebral functions. New York: Plenum, 1990.
- MAKIGUTI, T. **Educação para uma vida criativa**: idéias e propostas de Tsunessaburo Makiguti. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- MARTINS, E. S. A etimologia de alguns vocábulos referentes à educação. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, ano VI, n. 6, p. 31-36, 2005.
- MATURANA, H.; REZEPA, S. N. **Formação humana e capacitação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- PAULA CARVALHO, J. C. A hermenêutica da ética de “pothos” e da antropolítica da “neotenia humana”. **Reflexão**, Campinas, n. 70, p. 106-117, jan./abr. 1998.
- _____. **Antropologia das organizações e educação**: um ensaio holonômico. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- RESTREPO, L. C. **O direito à ternura**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

WAAL, F. B. M. **Chimpanzee politics**: power and sex among apes. Baltimore: Johns Hopkins University, 2000.

_____. **Bonobo**: the forgotten ape. Berkeley: University of California, 1997.